

Contra mim

Valter
Hugo
Mãe



BIBLIOTECA ESCOLAR

Projeto de leitura para crianças

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Contra mim

Valter

Mãe

Hugo



BIBLIOTECA AZUL

[pular sumário \[>>> \]](#)

O prosador poeta
Nélida Piñon

primeiro livro

[As palavras pariam os seus significados](#)

[A menina que ia embora](#)

[Chamar a cotovia](#)

[O clarão democrático](#)

[Os cães nasceram dos gatos com vertigens](#)

[Ideias hexagonais](#)

[Curar a infância](#)

[Pesar apenas a brancura dos ossos](#)

[A mãe de vinte e um filhos](#)

[As crenças informais](#)

[Incentivar todas as sementes](#)

[A dignidade dos elefantes](#)

[A carne de Deus](#)

[O menino horizontal](#)

[Um enfeite de sentimentos ocasionais](#)

[Nascer peixes, pirilampos e amigos](#)

O cemitério de bolachas

Pedaços imensos de sol

As crianças que haveriam de se casar

Agradecimento a São Bento do Cardido

Milagrinhos

O país onde as mulheres existiam todos os dias

Tinham mais dentes do que nós

O apocalipse das crianças

As palavras poderiam parir o seu significado

As árvores eram óculos de submarinos

A ambulância para doentes felizes

A vocação da família é ser outra família também

Salário, fruto de trabalho, engenho, sustento,
mantimento, gesto para a sobrevivência, saúde, futuro

Este menino é de ossos

segundo livro

Caxinas Hardcore

Uma terra de mulheres

Humilhantes versos de menino

A transformação da família numa empresa

Muitos solteiros e solteiras e casamentos no fim

O meu primeiro livro

Aprender o beijo

A boca pequena

Educar para o uso dos olhos

Louva-a-deus

Falar para

O sem idioma dos fenômenos

Caxinas para capital

A senhora empática

Tão pouca madeira para flutuar os homens

Parece um pássaro mas é um pirilampo ou um louva-a-deus

nota do autor

sobre o autor

créditos

Desculpem, mas eu não quero ser imperador. Isso não me diz respeito. Eu não quero governar ou conquistar ninguém. Eu gostaria de ajudar toda a gente - se possível - judeus, gentios - negros - brancos. Todos queremos ajudar-nos uns aos outros. Os seres humanos são assim. Queremos viver pela felicidade dos outros - não pela sua miséria. Não nos queremos odiar e desprezar uns aos outros. Neste mundo há lugar para todos. E a boa terra é rica e pode providenciar para cada um. O modo de vida pode ser livre e belo, mas perdemos o caminho.

Charlie Chaplin, no filme *O Grande Ditador*

Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa - salvar a humanidade.

José de Almada Negreiros, em *A Invenção do Dia Claro*

O prosador poeta

Valter Hugo Mãe é um autor audaz cujo sólido talento reivindica o direito de tecer as urdiduras da memória. No livro *Contra mim*, ele recupera, por meio de recursos expressivos, a própria gênese e a do seu tempo. Em árduo esforço criativo, desenvolve os feitos com ardor e frescor como se os houvesse vivido na véspera da escrita. Tantas lembranças conferem uma ciência arcaica e contemporânea ao seu Portugal, dando ênfase ao ano de 1970, quando nasceu, em Angola.

Suas evocações registram o mundo ao alcance da sua infância, motivo de uma narrativa apta a esmiuçar a genealogia familiar fortemente portuguesa e inserir-se às formalidades sociais vigentes, aos preconceitos, aos poderes constituídos, aos mistérios de uma nação. Um relato ao qual ele atrela-se sem cautela ou pudor, mas tutelado pelos fundamentos de uma linguagem de refinado labor literário.

Ao narrar, seguindo as pegadas da sua grei, o autor desvela o céu e o inferno de Angola e de Portugal, seus costumes, as práticas nocivas, as aventuras e desventuras do amor conjugal que o gerou. O contexto que o explica e contra o qual se insurge.

Contudo não é um narrador solitário, pois torna os personagens, acaso mencionados, em figuras a que empresta brilho e sigilo. São quem lhe cede a matéria com que romancear e poetizar o real e o pretexto para

substanciar a memória. A estes protagonistas, regala espaço narrativo. Juntos, seguem para a ara do sacrifício.

Ao longo de um catálogo de abordagens estéticas, Valter Hugo Mãe prolonga a infância e insinua querer ser herói desta etapa. Já precoce artista do verbo, avalia as feridas coletivas que a mãe sara e, ainda, as alegrias enquanto traça um rumo para alcançar o intangível.

É perspicaz na busca da essência poética do universo que lhe chega sob a forma da palavra enraizada no cotidiano, por crer existir uma índole visionária que fomenta os veios secretos ainda adormecidos. Deste modo, o menino ativa a sensibilidade, apreende noções realistas da produção humana.

Dono de amplos modelos narrativos, ele abarca a vastidão daquelas “sobras de vida” que lhe tocou, embora admita a ausência de provas de haver existido. Afinal, a “tristeza andava por toda parte.”

Mas, para assegurar-se do passado, volta-se para a mãe, que responde pelo seu advento. Devota-lhe imenso amor. Através dela, fortalece laços familiares, visita Guimarães, berço de Portugal, acolhe ali as especificidades do idioma que define os sentimentos. Como consequência, vem-lhe a compreensão da língua lusa que, conquanto aflore em manifestações esparsas, forma um esplendoroso conjunto da humanidade.

Com o socorro dos vizinhos quase anônimos, Valter Hugo reconstrói o que se pensava perdido. Com a consciência estética em formação, valida o que narra. Os vocábulos, que combatiam pela veracidade dos enredos, acumulavam e identificavam experiências sofridas. Aquela realidade onde cabiam ele e sua volúpia verbal. Ainda a natureza da arte que recém descobrira, ouvindo os acordes dos adultos, de que as “palavras eram joias”. Quando aprendeu a defender-se unindo as palavras, todas vizinhas entre si, pois que juntas elas pronunciariam coisas que não diziam postas quietas,

reconhecia, dessa maneira, o prestígio da fala que esplendia até em detrimento da verdade.

A mãe é o seu epicentro. Seu amor por ela tornou-se milagre poético. Ela o envolvia com afeto e confiança, dando-lhe provas de sermos melhores do que éramos. Com ela, podia “erguer o futuro no amplo vazio”.

Com zelo, relata o namoro dos pais. Uma vida que fora vivida além deles. Certamente agiram “como quem chamava a cotovia”, recordando Romeu e Julieta. Aqueles pais que, ao constituírem família, deixaram de ser quem haviam sido antes.

Graças à mãe, ele celebra Angola, onde nascera. A língua que, ouvida ali, determina diretrizes afetivas, causava-lhe “nostalgia difícil de se largar”, mas constata adiante que “existir é pura maravilha”. E que o país encrustado na imaginação, seu mito aliciador, foi sua primeira narrativa literária.

Aos seis anos, a família instala-se em Paços de Ferreira, seu sólido abrigo. Naquela vila, reconhece “voltar-se a si mesmo”. Ali detalha a realidade, visita os parentes maternos nas cidades adjacentes, descobre a vocação para amar os demais, enquanto temera às vezes ser uma criança banal, quando antevia um futuro notável.

Aos poucos, aborda a história de cada membro da família, mede seus haveres e como se comportam na vida civil, como eles e a sociedade reagiram ao opressivo período ditatorial de longa duração. Semelhantes afazeres narrativos introduzem-nos ao sistema de controle da ditadura que se alastrou por todos os segmentos sociais. Os pormenores, as minúcias sociológicas, enriquecem a compreensão do Portugal cruelmente fustigado pelo obscuro período salazarista.

A avó materna destaca-se na família nuclear. Oferta ao neto o repertório de seus guardados encerrados no cofre da memória. Intui que aquele menino será um dia escritor e o municia com argumentos e, em suas

conversas, dava vida aos mortos. Inculcava-lhe na imaginação um legado a ser imortalizado em sua criação literária. Contrária ela à mãe de seu pai que vivia em Paris e ao ter parido 21 criaturas, causara ao neto assombro e reflexões a propósito da existência.

Ao ir para a escola, entregue a severo regime educacional, padeceu da violência que consagrava o uso da régua como castigo, quando a mínima falta do aluno pretextava golpes de vara onde fosse, provocando sangramento, até mesmo fraturas, sem qualquer punição recair sobre as professoras, sempre insensíveis ao sofrimento causado. Uma tortura que indispôs com a escola a criança de cinco anos, mas que, no entanto, ensejou o avanço do autor pelos perversos labirintos da espécie humana.

De novo, a mãe salva-o, convence o filho, e ele diz “aceitei ir à escola porque aceitei ser torturado em troca da ciência deslumbrante de aprender a guardar a fortuna das palavras”. Assim ia alargando a noção da felicidade, como que ciente de se encontrarem todos sob os desígnios religiosos oriundos do Cristo e confessa que “haveria de estar com os olhos de Deus sobre mim a vida inteira”. Afinal, nascera com o dom da fé, para buscar um sentido e justificar sua crença em Deus. “A idade haveria de me trazer tudo”.

Em pungente capítulo intitulado “A Carne de Deus”, Valter Hugo Mãe introduz a bíblia da família, onde Deus se recolhia. O livro sagrado sobre o qual discorre e cuja antiguidade forjou a civilização, e que, graças a sua dimensão imaginária, protegia os ofendidos, as mulheres indefesas dos homens maus. Encerra suas considerações com a frase da avó materna: “A bíblia era a esperança”.

Confiava que sua escrita, caso estivesse à beira do espírito de Deus, se acercaria da bíblia, e, por ser dever humano, consumir horas investigando os arredores da

terra e tudo para narrar antes do Divino apagar a sua escrita.

Ao pender para a ternura, se compadece pelos bichos, de vida breve, mal lhes permitindo vencer demais etapas. Afirma “os bichos são só paixão, falta-lhes tempo para se apaziguarem, logo falecem”. Portanto, segundo sua convicção, estes animais miúdos, sujeitos aos caprichos humanos, não conhecem o amor. Igual atenção chamam-lhe o elefante e os ovos das galinhas poedeiras, que ele julgava sagrados. Atraído pela natureza, vivia sob “a expectativa de as palavras fazerem um milagre”.

Confessa ter sido crédulo durante a infância. Aceitou o que lhe iam contando. A chamada carne de Deus amparava-se talvez em uma teologia verbal e ancestral que ia atualizando sob o impacto das revelações e, por força do verbo, conversava com Deus e com o falecido irmão Casimiro, morto infante. Convinha, pois, aceder aos céus, contar-lhes histórias, devolver-lhes vida, que circulassem de novo pelos corredores da casa. Por conseguinte, a memória familiar passava a pertencer-lhes.

Desde a infância, a quietude da morte perturbou o narrador. Comentou que tal “fascínio era toda a minha bravura”. Daí advir-lhe um prazer que superava os demais, com exceção da literatura, cuja plenitude fixou-se em seus livros.

Em torno dos onze anos, mudaram-se para outra cidade, onde o pai abriu um bar. No novo âmbito, o instinto sexual manifesta-se, o desejo se impõe. Tem devaneios e namora, atraído pelos ardis e pela anatomia da mulher. Os postulados poéticos o ajudam na sondagem erótica, na sua prática.

Admira a beleza da irmã que atrai o macho. Fascina-o a beata Alexandrina que não se alimentava há 13 anos, já a caminho da santidade. Ao menos era o que se contava. Também ele almejava ser santo um dia, no entanto, o

sexo o exaltava e as namoradas se revezavam. De temperamento generoso, atribui ao amigo Marco “ser um espetáculo humano”. São tantas as vicissitudes que acumula a cada dia a fim de amadurecer, até encerrar suas cruciantes confidências.

Eis um poderoso mosaico impregnado de lirismo que Valter Hugo Mãe logrou com sua arrojada e harmoniosa escritura. Regalou-nos uma potente memória que se fez nossa. E, enquanto pautava feitos biográficos, desfiou o mistério da criação com a voz profética e imaterial do verbo. Ofertou-nos uma arte que o projeta para a grandeza literária.

Nélida Piñon
Novembro de 2020

Para a minha mãe, Antónia Rodrigues Alves,
e para o meu pai, Jorge Augusto Pimenta de Lemos

Primeiro livro

As palavras pariam os seus significados

Quando Gregor Samsa despertou uma manhã na sua cama de sonhos inquietos, viu-se metamorfoseado num monstruoso insecto. Estava deitado sobre as costas duras como uma couraça e, levantando um pouco a cabeça, via a barriga abobadada, castanha, seccionada por segmentos em arco e tão alta que a coberta da cama já mal se mantinha e começava a escorregar para o lado. As suas muitas patas, miseravelmente finas em comparação com o volume do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.

Franz Kafka, em *A Metamorfose*

A menina que ia embora

As consciências antigas davam direito a pouca nostalgia. A vida era às pressas para casar e ter filhos, quase nada se fazia pelas ideias diversas, os sonhos menos universais, talentos ou vocações que não atinassem primeiro com a cristã coisa de crescer e multiplicar. Hoje, faz-me confusão que não existam fotografias da minha mãe prévias ao seu casamento. Documentado esse dia, não há prova da sua infância, o tempo aberrante e inútil que os adultos de outrora abreviavam a todo o custo. Faz-me confusão, perante a profusão das imagens em que estamos mergulhados, que não possa ver a minha mãe antes do dia em que se comprometeu com o meu pai. Ouço, por isso, as suas histórias que soam a fantasias, aventuras imaginárias de livros sem credibilidade.

Era franzina e mimara-se muito, porque lhe dera uma falha nos pulmões que quase a matou. O médico, aos sete anos de idade, encomendou uma corrida aos meus avós. Que levassem a menina a morrer na beleza sossegada da casa, porque os vinte minutos de viagem não seriam já bastantes para aquela sobra de vida. A menina frágil ia embora. Explicava o médico. Ia embora. O meu avô, a tomá-la embrulhada nos braços, entrou no carro e, desobediente, conduziu para o centro de Guimarães. Na cidade estavam outros médicos mais sofisticados para combater a fatalidade das aldeias circundantes. A menina tinha valor, não ficaria numa

nesga de primavera, como os pintassilgos e as borboletas, os grilos ou os sapos que coaxavam apenas umas semanas. As consciências antigas normalizavam as mortes prematuras. Qualquer maleita que dava às crianças era uma escolha de Deus. Pretexto para se encolher os ombros e deixar passar. A tristeza andava por toda a parte. O médico de Guimarães, por seu lado, desembrulhou a menina e a medicou de outras coisas. O meu avô, por amor, mandou que ela fosse viva a qualquer preço. E ela viveu.

A minha mãe haveria de crescer em maiores cuidados. Era como alguém que subira ao céu e descera. Se as crianças serviam para anjos, algumas pareciam prová-lo. Comia bocadinhos muito escolhidos, pão melhor, a água mais vigiada, até o ar se lhe mantinha limpo, sem odores fortes, sem névoas de coisa nenhuma. Ia crescer igual às princesas entre irmãs e irmãos comuns. A tia Emília, a mais velha, conta sempre que a minha mãe era uma fidalga de vidro. Andava entre elas como lordeza cheia de não-me-toques, bonita e arranjada, enfeitada de laçarotes e folhos, rendas e golas brancas, salva de muitos trabalhos normais nas casas grandes, salva de muita necessidade de atenção, porque até para descansar as ideias se lhe cuidava do tempo. A minha tia Emília diz estas coisas com alguns palavrões afectivos pelo meio. Os palavrões afectivos são domínio esplendoroso do linguajar vimaranense. Não é possível entender o abençoado da terra de Guimarães sem acudir ao garrido com que ali se definem sentimentos.

A minha mãe fez oitenta anos e há nas suas histórias uma falta de ar que parece ainda um fanico escondido nos pulmões. Quero dizer, há uma ansiedade perplexa, como alguém com dificuldade em acreditar que saiu dos braços do meu avô António Alves para uma vida inteira de casar e ter filhos, como era o futuro normal das pessoas naquele tempo. A minha mãe teve um futuro

normal, cheio de alegrias e tristezas profundas. Há dias, em mudanças de casa, obras que nunca mais acabavam, voltámos à sua infância, e algo nela se colocou como quem ainda espera lá voltar. Para completar tanta coisa, para ter tudo outra vez, quem sabe, para acreditar que a vida é feita de ressuscitar constantemente. Se houvesse uma fotografia, penso agora, certamente seria mais fácil conceber que aquele tempo é um património concreto. Olharíamos nos seus olhos ali guardados em nitrato de prata e conversaríamos desassombrados com essa criança pela qual, de outro modo, estaremos sempre à procura.

Estamos sempre à procura das nossas grandes crianças. Essas que começámos por ser e que se tornam paulatinamente inacessíveis, como irreais e até proibidas. Crianças que caducaram, partiram, tantas por ofensa, tantas apenas por esquecimento. Dizíamos que deixarmos de saber delas é pousar o presente e ensaiar erguer o futuro, no amplo vazio. A criança que não regressa é uma falta de saúde do tempo. Uma enfermidade que aguarda de qualquer maneira.

Chamar a cotovia

O meu pai vinha da mercearia abaixo na rua e punha-se de pescoço esticado para as janelas da casa da avó a querer namorar a minha mãe, que era toda vaidosa e não lhe deixava oportunidade de perturas. Era tudo ao longe. Os portões da casa grande costumavam estar abertos, ou ele galgava os muros, passava o laranjal e chegava à escada onde assobiava para que a menina o atendesse à conversa. A minha mãe jura que ele era bonito. Ela é linda. As suas conversas eram tontas, com o moço a elogiar-lhe a pele e os olhos, e ela a rir-se em caprichos e desafiando-o para declarações mais arrebatadas e comprometedoras. O Jorginho dos Chascos fora um jovem inteligente, cheio de informação, educado para prestar atenção a tudo ao mesmo tempo e ter paciência. Cuidara dos irmãos, era de alma fabricante, tinha ansiedade por terminar assuntos e descansar. Isso, o que mais lhe reconhecia, a necessidade de descansar e não ser solicitado para mais nada. A minha mãe, tão bonita no poleiro da janela do primeiro andar, propendia para um espírito infantil cheio de ternuras e canduras pelas quais ele se apaixonara. Julgo que ela me contou que fora cortejada por um homem rico, mais tarde médico ou filho de um médico, não sei, mas já ia de muita conversa com o Jorginho, não queria senão a ele, e esperava apenas que a voltasse a procurar, vindo pela rua formal e feliz, assobiando como quem chamava a cotovia.

Sempre nos rimos do modo como namoraram os meus pais, verdadeiro estilo romântico, cheio de pudor e meninice, sem muitos toques, mais a brincar aos cucos na janela do que encarados sem equívoco. Chegavam-se mais tarde. Quando o meu pai passava o laranjal, subia as escadas até ao jardim dos cedros que se mandavam esculpir e passava para a casa da tia Emília, que já ia casada de igreja com o meu tio Abílio. Mandava uma criança dizer à Toninha do senhor Alves que esperava por ela. E algum rapazito corria jardins fora, de volta à casa grande. Então, a minha mãe subia e ficava encostada à porta de entrada da casa da irmã mais velha, alegrava-se, e já a vizinhança ia sabendo que havia namoro. Ela teria vinte anos, ele dezanove. Chegavam-se também aos domingos, na hora da missa, engalanados e com vergonha. A passearem as famílias em cumprimentos cerimoniais. E os meus avós reconheciam-se e magicavam que, provavelmente, aquele e aquela já iam dar em casamento. O meu avô materno, que pela fragilidade antiga da minha mãe maturou um carinho sofrido pela filha, deixava claro que lhe queria um rapaz bom. Não a poderia entregar ao homem médio, mau, a que quase todas as moças se entregavam. Quando criança, era o que mais notava nas conversas adultas da minha mãe e das minhas tias, a probabilidade do desamor, do abandono ou da violência. Observava os meus tios inventando orações que os curassem da possível maldade. Para que nunca fossem aqueles homens normais de quem se dizia baterem nas mulheres.

Terão namorado pouco mais do que dois anos. Já podiam sentar-se no fundo da escadaria de pedra na casa grande. Deviam conversar sobre assuntos decentes, em tom sempre baixo e sem gestos. Namorar não era chamar a atenção e não era mexer. Um dia, alguém acusou à minha avó que se teriam beijado. Nem que

apenas no rosto. A minha mãe subiu e a avó bateu-lhe, pelo decoro e pela severidade que se julgava adequada nos idos de 1962.

Quando casaram, a avó não quis que vivessem no cimo da casa para que não houvesse demasiada confissão entre a minha mãe e as irmãs solteiras e ainda ingénuas. Os meus pais criaram uma habitação nos espaços da adega. Depois, o Jorginho dos Chascos foi para Angola ao serviço militar, e a Toninha do senhor Alves acabou por correr ao seu encontro. Em Angola nasceu a Marisol. Mais tarde, a minha mãe voltou para a habitação da adega em São Cristóvão de Selho, e ali cuidou da Marisol e do meu irmão Casimiro. O meu pai enviava o dinheiro que podia, escasso vencimento de militar, que umas vezes chegava e muitas vezes se perdia. O Casimiro, com um ano de idade, passou mal e morreu. Levantou-se um pranto. A minha tia Emília disse à minha mãe para acudir-se em Angola, agarrando-se ao marido. Foi o meu avô quem lhe comprou nova viagem e a deixou no aeroporto, chorando o caminho todo. Naquele tempo, emigrava-se para uma ausência profunda. As cartas distavam meses ou jamais chegavam. Os telefonemas eram proibitivos. O regresso poderia demorar uma vida inteira. As pessoas mudavam de país como para mudarem de ser quem eram. Naquela viagem, a bela Antónia dos Alves estava mandada para ser outra pessoa. Com a Marisol pela mão, foi fazer o luto no tempo violento por que passava Angola. As suas histórias dessa experiência são truncadas por sustos e falhas súbitas de memória, de nexos. Quando se lembra de Angola, nem tudo faz sentido. Os lugares misturam-se e algumas palavras não diz, fechando os olhos para não ver o que a sua memória recupera.

Quando se refere ao Casimiro, como se não pudesse suportar mais nada, diz apenas que nunca se vira um bebé tão perfeito. Era o rosto mais perfeito da inteira humanidade.

Penso sempre que as pessoas casavam também por tragédia. Assemelhavam suas tragédias, quero dizer, faziam um pacto para que atravessassem juntos pela expectável atrocidade, harmonizando atrocidades, porque não havia modo de escapar a futuros vis. Por mais candura que lhe sobrasse de menina, a idade para ser grande abatia-se sobre a mulher como um jugo. Não mais escaparia à agressiva existência que se supunha competir àqueles emancipados, deitados ao mundo pelos pais que jamais os receberiam de volta. As mulheres, não só minha mãe, levavam o corpo de armadura e alimento. O trabalho as musculava, e a sorte com alguma prece e talvez a existência de verdade de algum santo, nem que apenas um. Um que pudesse compadecer-se e, agora ou depois, interceder com cuidado, por piedade ou certa ternura amiga.

O Jorginho dos Chascos, criado em privações e muita obrigação de graça, nem que só pela beleza da mulher, justificava a alegria de estar vivo. O meu pai era de conclusões simples. Se pudesse conduzir o carro ao lado da mulher e jogar damas às tardes de sábado, estaria tudo perfeito.

O clarão democrático

Por altura da revolução de 25 de Abril, os meus pais estavam de graciososa. Dizia-se graciososa a licença para viajar alguns meses, julgo que três, numa espécie de férias gordas a que teriam direito os que se mudavam para o ultramar. Desde o gigante corpo de Angola, Portugal era visto como corpo de criança, por isso despediam-se as pessoas dizendo que partiam de graciososa ao puto. No ano de 1974, havíamos passado por Paris, a ver família paterna emigrada, e chegámos a São Cristóvão de Selho, Guimarães, norte e berço do puto. Por tarefa, meu pai trazia a pressa de pedir regresso ao país, trabalhava numa dependência do Banco de Angola em Luanda, queria vir para a beira de suas terras, com mulher e, agora, quatro filhos, a Marisol e a Flor, o Marco e eu.

Por coincidência, exactamente no dia 25 de Abril de 1974, de manhã, o meu pai tinha reunião marcada no Banco de Portugal, em Lisboa. Para atender a esse encontro, seguiu boleia no carro do meu avô materno, António Alves, que levava a minha avó, Maria dos Anjos, mais a minha mãe e eu, com precisos dois anos e sete meses. Lembro-me de imagens fugazes desse dia, e é com um orgulho indisfarçável que dele guardo a minha memória mais antiga. Sei onde estive no instante em que se inventou o Portugal do futuro, o único que se propõe à decência humana, o democrático, o único que posso aceitar.

A minha mãe conta que chegámos a Lisboa, ao baixo onde fica o Banco de Portugal, e havia ninguém. Fizéramos a viagem a noite inteira, vindos pela antiga estrada nacional, a demorar como quem seguia para uma lonjura que agora, com as novas vias rápidas, acabou. O carro do meu avô tocava cartuchos, e ouvia-se fado, seguramente Amália Rodrigues, ou conjuntos decorosos e alegres. Ao descer à Praça do Comércio, já o dia levantado, não estavam pessoas nem passavam carros. A cidade parecia-lhes num domingo estranho, parado, culpado. Recolhida por esconderijo ou abandono.

Ficámos num jardim onde, ao lado de uma parede alta de pedra, havia balouços e escorregas. Eu não sei que jardim seria. Não poderia ser longe. Disto me lembro claramente. Era um rectângulo de erva verde, amplo e sem muitas árvores, que seguia ao longo de um edifício de pedra alto, e os jogos para as crianças estavam justamente num recanto dessa parede, ficavam um pouco sob sombra. Havia talvez uma cancela baixa que separava o relvado daquele bocado com areia no chão e uma fila de árvores. Recordo o espaço como um quadro impreciso, uma pintura de Monet. Recordo as cores e a geometria. E recordo haver um menino loiro, muito branco, olhos azuis, que imediatamente se amigou e dizia: eu cá vou ao escorrega. Eu cá vou para o balouço. Julgo que dizia baloiço. Fixei o menino e fixei o seu modo diferente de falar. Imagino agora que me terá causado estranheza a alvura da criança e noto com surpresa a imediata atenção àquilo de dizer: eu cá. Estaria habituado aos meus irmãos e a muitas crianças negras de Angola. Aquele menino haveria de parecer-me de uma originalidade súbita e inesperada. Um clarão. Nesse primeiro instante da memória existem estas imagens fugazes de algo prazeroso e feliz. Guardo a percepção da presença da minha mãe. Em momento algum lembro da presença dos meus avós. Sei que a minha mãe estava

por ali e falaria, ela era alegre e habituara-se à coisa angolana de conversar sem dificuldades nem grande propósito. Eu sei que conversaria e, para mim, estaria com outras mães que cuidariam de seus filhos também. Mas era mais certo que tagarelasse com os meus avós, cheios de ideias de segurança e temor.

Num segundo instante de memória, lembro de o meu pai gritar a partir do passeio, correndo num susto. Lembro que dizia: é a guerra. Toninha, é a guerra. Tenho a memória de ser tomado ao peito. Ouviam-se tiros esparsos e o meu pai não teria sabido que ideia revolucionária acontecia. Eu vejo claramente meu rosto encostado ao peito, como escondido, sendo levado num desespero para onde estaria o carro. Na minha cabeça, convenci-me de ser tomado pela minha mãe, porque é do fôlego aflito dela que guardo impressão. Hoje, diz-me que foi o avô Alves quem correu comigo ao colo. Em momento nenhum me lembro dele nesse dia. Talvez, logo ali, se revelasse que o medo e o sofrimento da minha mãe eram o que me poderia afligir e dar medo também. Eram os assuntos dela que mais me pediram atenção e compaixão. Por princípio, eu encontrava nas suas causas maior urgência e esperava por um mundo que fosse genuína e livremente também seu, como se apenas isso houvesse de significar justiça.

De certo modo, minha cabeça nasceu a 25 de abril de 1974. O que acontece antes desse dia participa como abstracção intuitiva. Compõe um conjunto de ideias plausíveis, mas por provar.

Teremos voltado ouvindo a rádio. A partir de então, revolucionários e mudando o medo por certa expectante felicidade. Portugal mudava da ditadura para a democracia. Era periclitante e faltava saber se o faríamos sem guerra, mas a porta abria e a alegria começava perplexa.

A nossa casa em Luanda ficou petrificada. Penso assim. Parou espantada diante do tempo, vazia. Por todos os medos e precauções, não voltámos a Angola. Perderam-se ali as coisas. As fotografias e as estatuetas de pau preto, os brinquedos, as roupas frescas e coloridas, as bandoletes da minha mãe, a psiché, quase todos os presentes de casamento, os livros do faroeste que o meu pai gostava de ler. Ficaram por lá os tiques de emigrantes. Viveriam sobretudo nas refeições de caril e pirão, desconhecidas então para os portugueses que não haviam saído.

Algum tempo depois, o meu pai foi contratado pela União de Bancos para trabalhar na dependência de Paços de Ferreira, terra do românico. Vila de granitos num planalto. A infância, para mim, significa Paços de Ferreira. Ficou perfeitamente delimitada por esses anos em que ali vivemos, de 1974 a 1981, o tamanho perfeito de uma memória encantada e de sobressalto. Guardarei para a vida inteira a convicção de que volto àquela terra como se voltando a mim mesmo. Completando pequenas experiências, ou evidências, que são sobretudo identidade. Uma nostalgia impossível de largar. Por ali, mais forte do que eu possa querer racionalizar, haveria de sobrar a certeza de que existir é pura maravilha. Com seu inesperado e tanto susto, a vida é a oportunidade da maravilha.

Os cães nasceram dos gatos com vertigens

Na minha família só se ouvia falar de trabalho, desse com braços, a fazer suor e cansaço, a magoar, a envelhecer. O meu avô materno, António Alves, sofria do coração e contava-se que lhe dera por ter trabalhado dez vezes mais do que os homens comuns. Passou a viver deitado, com ar de bom homem, sem maior ansiedade do que a da saúde. Pensava na vida em ciclos de termas, sol, aquecedor de inverno, sopas, aspirinas, noticiário, sossego, os abraços e beijos dos netos, segredos baixinhos ao ouvido da minha avó. Íamos aos natais e ele ficava no quarto. Certamente, vi-o várias vezes à mesa, mas, intriga-me, não me lembro. Não guardo uma só memória de o ter nas mesas dos barulhentos natais de que eu tanto gostava. Era como se o avô fosse um ser feito das madeiras da cama e dos tecidos das mantas. O avô era um homem composto. E era de raiz, fixo como atributo da casa, igual às coisas estruturais da casa, mas com a habilidade normalizada de falar. Falava pouco. Sorria.

Mandava que lhe explicasse as coisas mais complexas da vida. Para não o desiludir, eu imaginava o que podiam ser os segredos da translação dos astros, da formação do gelo, do trágico e aparentemente incurável de algumas tristezas, da fortuna de amar. Ele perguntava e eu, com cinco ou seis anos de idade, preocupado, queria encontrar respostas para que ele estivesse feliz. No seu

quarto sempre limpo e enfeitado, conversávamos sozinhos para chegarmos a conclusões valiosas.

O meu avô pedia à minha mãe: toma conta deste menino. Pensava que eu seria importante. A minha infância ficaria marcada por essa impressão digna de alguém me escutar por tanto tempo e querer instigar-me à curiosidade, alegrando-se com a minha imaginação. Soube sempre que meu mundo era afectivo. Quero dizer, o que eu sabia era sobretudo gostar de alguém. Aquilo que o meu avô valorizava na criança que ali via, o empenho colocado em gostar de alguém. Toda a sabedoria deveria resultar na pura capacidade de amar e cuidar de alguém. Não era o mais esclarecido dos meninos, mas, àquele tempo, ainda tinha o mais limpo dos corações. Coisa que se suja pelos anos.

A casa dos meus avós foi vendida pela minha tia herdeira a um desconhecido. Algumas casas são como animais no dorso dos quais subimos. Deixámos de as frequentar com a impressão de nos haverem abandonado ou morrido. Viam-se as laranjeiras da varanda, o laranjal ficava antes da estrada. Começavam as primeiras vinhas ao lado, ao fundo. As fotografias do casamento dos meus pais eram naquelas escadas. A casa parecia um elemento essencial do nosso colectivo de gente, uma moldura ou exoesqueleto que nos organizava enquanto órgãos de uma mesma criatura. Cismo que também tem saudades. Pode ser que se ponha nostálgica de lembrar como nos espalhávamos pelo chão e até pelo interior dos roupeiros, no Natal, para cabermos todos, enquanto, durante a noite, o menino ia à cozinha deixar presentes sob os sapatos de cada um.

Quando o meu avô morreu, vieram gritar pela minha mãe desde a rua. Era muito cedo de manhã. Ainda dormíamos. E eu lembro-me de a perceber a levantar-se e, bem antes de ouvir senão o seu nome, dizer: o meu pai morreu. O meu avô ia morrer durante anos e mil

vezes. Era tão normal que pudesse acontecer que já parecia seu modo de viver para sempre. Quando finalmente aconteceu, desolado, imaginei como a cama e o quarto inteiro teriam de caber no buraco de terra que lhe haveriam de abrir.

Fomos, as crianças, deixadas juntas sem entrar a vê-lo. Eu, inconfessavelmente, esperava que me viessem dar o recado de lhe responder. Incrédulo com as tarefas dos adultos, fitava quem entrava e saía da casa grande julgando que alguma normalidade seria possível. Por decência, por ser absurdo que não houvesse jamais de voltar a dizer-lhe que os cães nasceram dos gatos com vertigens.

A minha avó dizia: Pibinho, dá-me um beijinho. E entregava-me uma nota para o mealheiro. Para mim, as mulheres viúvas ficavam à espera que os maridos mortos lhes enviassem discursos a partir das flores ou das tempestades. Esbranquiçavam os cabelos, comiam peixes também descolorados, refeições mergulhadas em água só fervida, e assemelhavam tudo ao vapor. Iam exalando do mundo também. Eu não sabia a diferença entre as notas grandes e as pequenas. Gostava das moedas. Eram objectos mais resistentes ao fogo e à água, e avolumavam com maior graça, escultóricas, dotadas de outra tangibilidade que me convencia de serem guerreiras de outra espécie. Pensava que as mulheres viúvas gastavam finalmente as notas que havia sob os colchões.

Ideias hexagonais

Na década de 1970, Paços de Ferreira era uma vila recôndita, sem demasiada visita, e o lastro da ditadura sentia-se ainda, porque a democracia não se ensina num dia, e num dia não se apaga o fascismo das convicções das pessoas. Lembro-me de nos dizerem, na escola primária, que andava para ali muita loucura e que uns senhores diferentes começaram a mandar no país e que era tudo uma falta de respeito. O país, para mim, podia ser uma coisa até pouco depois da terra dos meus avós, nas freguesias de Guimarães, e mandar nisso já seria de grande pompa, pelo que o único efeito para que servia esse resmungar de alguns era assustar-nos, fazer-nos crer que havia um lobo mau algures e que nos poderia devorar, mesmo crianças, culpados não sabíamos de o quê.

Subitamente, percebi que tínhamos vivido em Angola, nós, a nossa família, no tempo anterior ao que a minha cabeça se lembrava. Percebi também que isso queria dizer que o mundo era anterior à minha pessoa e que a vida como eu a concebia era bem recente, algo de pequeno tamanho como se nem importasse muito. Na verdade, confrontei-me com a evidência de que a minha pequenez e irresponsabilidade para as decisões quase todas não me poupavam a um frenesi público, para não dizer já preconceito, relativo a quem voltou de África. Sem instrução para tal, eu precisava de debater o retorno.

Teria seis anos quando à porta do minimercado uma senhora veio perguntar-me de que cor era eu por dentro. Nunca me passara pela cabeça pensar em mim por dentro, seria sem luz, às escuras, cor nenhuma. Via-me por fora e estava explicado o bastante. Assim, à queima-roupa, disse que devia ser vermelho se fosse aberto com facas, por causa do sangue que andava por todo o lado debaixo da pele. A mulher explicou que em África as pessoas comiam terra e ficavam escuras por isso. Depois, beliscou-me o braço, eu gritei pelo Renatinho, e a dona Anita veio cá fora ver o que se passava. Mas a outra já ia no portão, estúpida e covarde. Perguntei se era verdade que comer terra mudava a cor de dentro das pessoas e se era necessário haver cor por dentro das pessoas, porque eu não tinha entendido nada da conversa, soara pouco útil, de utilidade e razão nenhuma, e a dona Anita, com aquela pergunta, também não entendeu e apenas sorriu.

Regressado com dois anos e meio de idade, eu esquecera quanto vira em Angola. Esquecera as pessoas, a cor das pessoas, esquecera as casas, os campos, o calor, os odores. Durante um longo tempo, entusiasmado com ser criança, a minha consciência parecia fazer com que Paços de Ferreira fosse um lugar absoluto, um mundo absoluto, extenso e suficiente, incrível e até demasiado.

Alguns meses mais tarde, no passeio a caminho do jardim da câmara municipal, um sujeito perguntou-me se eu não era filho de tal e tal e eu disse que sim. Começou a contar que também vivera em Angola e que viera após ter sido alvejado pelas costas. Tinha chegado a gemer de dores depois de lhe terem dito que por lá não o operariam nem melhoraria. Estava furioso. Fora para Angola matar-se, dizia ele. A culpa era de quem lá vivia. A culpa era de quem gostava de lá viver. Disse-me isso como se eu me lembrasse de tudo e me lembrasse de

gostar de lá viver. Mas eu pensava apenas que um homem que se pusera diante de mim levara um tiro, como nos raros filmes de cowboys que me deixavam espreitar. Era, para minha estupefação, igual a um homem ressuscitado, vivo depois do inimaginável. Era como um fantasma, um zangado fantasma no passeio de Paços de Ferreira quando eu ia ao jardim procurar o Renato ou o Nandinho.

Passei a ter algum receio de cada vez que ia ao jardim. Nunca lá fazíamos grande coisa, era só ver os peixes vermelhos no lago pequeno e ver os carros novos, com conta-quilómetros esquisitos como as naves espaciais. Depois, descíamos aos lugares de sempre, o quintal, o campo dos castelos de madeira, o terreno da Cavada, a porta de casa. Passei mesmo a ter receio que outra vez me viesse à conversa o homem do tiro que não dizia coisas direitas e podia estar morto-vivo por ali, a querer saber se os meus pais tinham gostado de viver no país das pessoas negras.

Mais tarde, lembrei-me novamente da mulher do minimercado e fiz alguma ligação que me foi irreal entre as duas personagens. Ambas diziam bizarras sobre África como se soubessem tudo, mas decidissem mentir por opção. Os meus pais, que me viam como o miúdo pequenino, muito mimado e ingénuo, explicavam-me menos as ciências do que eu necessitaria. Era, assim, muito fácil que eu fizesse do mundo um engenho próprio, colado com as lógicas mais estapafúrdias, a pensar sozinho o que significaria ter nascido tão longe de casa. Tinha ideias hexagonais. Ideias e medos hexagonais. Complexas estruturas com estrago poético que assomavam por necessitar de atribuir significados sem grande auxílio e, talvez, talento.

Na escola, uma empregada disse que o meu pai vinha ocupar emprego. Era assim que declarava, como se tivesse ficado com alguma coisa que lhe pertencia.

Pegávamos nas canecas de leite no intervalo da aula. Umas canecas de plástico de cores garridas que, à minha vez, eram só de um amarelo desmaiado, as mais feias. A empregada não me perdoou ser quase sempre o último, porque era pouco competitivo e já não gostava tanto assim de leite. Disse aquilo sobre o meu pai e uma colega dela ouviu e riu-se divertida. Depois comentaram, uma ou outra, que as mulheres pretas tinham menstruação de galinha e punham os filhos em ovos chocados. Eu não fazia a mínima ideia do que seria a menstruação. Nos anos 1970, em Portugal não se falava de coisas íntimas, e na televisão nem palavras se diziam. Se nos filmes estrangeiros alguém praguejasse feio, a tradução dizia *ora bolas*, e nós achávamos que estava tudo muito bem feito. Os portugueses talvez tivessem intimidade, mas nunca um discurso sobre a intimidade. Isso estava proibido pela ditadura e pelas professoras da escola primária.

Fixei a parte de os bebés em África virem dos ovos, porque eu sabia que em Paços de Ferreira os bebés vinham de outras casas mais afastadas ou vinham de França. França, de início, era só uma ideia, como uma palavra onde se metessem coisas e pessoas dentro, sem ser mais do que isso mesmo, uma palavra para guardar gente e tralhas distantes. A empregada má da escola era a que não nos dava papel higiénico, porque nos acusava de o estragarmos. Nós fazíamos chichi e demorávamos o resto para fazer em casa. Ela jurava que em Angola se fazia nos buracos da terra e eu encolhia com medo e vergonha, sentia que ela me queria chamar sujo e me queria humilhar, embora não soubesse exatamente o que poderia ser humilhante num rapazito admirando tudo como eu. Nos campos, também abríamos um buraco na terra para quando não conseguíamos demorar até casa. Havia muita normalidade nisso. Não era a pele preta que decidia coisa assim. Era a aflição.

Nunca mais pedi papel higiênico e aprendi a nem fazer chichi. Perguntei aos meus pais se em Angola os bebês vinham dos ovos e eles convenceram-me de que a empregada da escola era burra, chalada de todo, como dizia muitas vezes o meu pai. Eu quase sabia sozinho que os bebês não podiam vir dos ovos porque destes nasciam os pássaros, e os bebês não eram nada feitos para voar.

Fui dizer à empregada má da escola que a mãe do meu pai vivia em França, como se isso fosse uma coisa de luxo. No meu próprio preconceito, parecia-me que equilibrava o defeito de terem ido os meus pais para a pobre Angola. A França era uma espécie de lugar de maravilha para onde as pessoas eleitas se salvavam para serem muito felizes. A mulher desprezou-me, indiferente, a considerar-me impertinente ao ter a coragem de lhe dirigir palavra, ou talvez pensasse que eu mentia para me gabar e gabar a minha família de até ser um bocado francesa, chique.

A empregada má quase entornou a caneca de leite na minha cara. Com um gesto algo brusco, assustou-me e molhou-me os dedos, a mão, eu corei e comecei a tremer. Naquele tempo, estávamos absolutamente sozinhos na escola. Sentíamos-nos entregues, vulneráveis, completamente à mercê daqueles adultos que, a pensar que o didatismo era coisa a que se chegava com umas palmadas, nos pareciam predadores nos quais não podíamos de modo algum confiar. Eu nunca diria à minha professora que a empregada do recreio me culpava do retorno como se viesse competir com a viabilidade dos seus filhos. A minha professora, que era a mais boazinha da escola, batia-nos e até partiu os ossos dos braços de alguns meninos com as reguadas violentas que dava, por vezes, encarnada de ódio. As professoras em Paços de Ferreira, naquele tempo, eu disso lembro-me bem, batiam mesmo. Aleijavam as crianças, amaldiçoavam-

nos com promessas de burrice e miséria para a vida inteira. Diziam: maldito sejas, seu burro. Maldito sejas para sempre e não vais crescer nem casar nunca e viverás pobre nas ruas como os bêbados que ficaram solteiros ou viúvos. Era muito claro, os homens que as mulheres não acudiam condenavam-se à desgraça. Ficarmos solteiros ou viúvos seria o pior, e a nossa professora mais boazinha da escola assim o garantia: ninguém te vai querer. Vais ficar magro para sempre e sozinho, até no Natal, até quando morreres.

Só tive coragem de perguntar sobre Angola quando numa aula se desenrolou um mapa do mundo e andámos à procura de onde era Portugal. Estávamos nas nossas carteiras e o mapa pendurava-se diante do quadro de lousa. Eu abria muito os olhos, impressionado com o tamanho do mundo, porque afinal Portugal era um pedacinho tão pequeno que quase não servia para nada e nem sequer dizia onde era Paços de Ferreira, o lugar absoluto. Paços de Ferreira, naquela imagem, era nada, como se fosse prudente mantê-lo escondido para que não nos tomassem de assalto a fortuna de ali ser nosso. Perguntei, incapaz de conter a curiosidade, onde era Angola. A professora mandou que me levantasse e procurasse eu próprio. Lembro-me de procurar junto de onde ela dissera ser Portugal. Via onde era o Porto. Sabia que estávamos à beira do Porto. Achei que Angola seria perto, para justificar que lá tivesse ido nascer. Talvez fosse para depois de Braga ou Bragança. Bragança era quase estrangeira. Demorei uns segundos, demasiados, e ela bateu com a palma da mão atrás da minha cabeça. Rocei o nariz no mapa, os miúdos riram e ela dizia que era ali mesmo, com o meu nariz de ignorante a apontar. Vi entre os olhos a palavra Angola e não tive coragem para perguntar mais, porque estava demasiado envergonhado. Gostaria de ter perguntado pela cidade onde nasci e gostaria de ter demorado a olhar. Talvez, se

olhasse o mapa ali de perto, pudesse ver o casario e o rosto de algumas pessoas. Certamente recuperaria alguma memória, e ficaria tão feliz com isso. Talvez pudesse olhar tão intensamente que o mapa me mostrasse o dia 25 de setembro de 1971, quando nasci em Saurimo, no hospital tão ao pé da casa dos meus pais, tão ao pé do banco onde o Jorge dos Chascos trabalhava. Poderia aquele papel esticado saber de mim, do que fazia e dos meus lugares, de como voáramos num avião para regressar e abandonar tudo, os meus brinquedos, que falta me fariam os brinquedos.

A minha professora, de verdade a mais boazinha da escola, mandou sentar e explicou aos meninos que em Angola as pessoas eram negras. Não disse pretas, disse negras. Ficámos parvos de todo, incluindo eu, que, com tanta ingenuidade, não me lembrava de isso ser verdade, nunca teria adivinhado e agora acolhia a revelação como ciência inelutável e perene. Nem mesmo que antes me houvessem falado dos pretos e das cores interiores ou exteriores das pessoas. Devíamos estar no início da segunda classe, pelo que eu ia fresco nos sete anos de idade, continuava infantil e pasmado com tudo. Não resisti a perguntar se negras por dentro ou por fora. E um colega meu, o Manuel, que uma vez saiu dali com o braço partido, riu-se de mim, porque até já tinha visto uma pessoa africana de verdade, como se tivesse visto um extraterrestre. A minha professora mandou perguntar aos meus pais. Mandou pedir-lhes que me mostrassem fotografias, porque deviam ter fotografias. Eu respondi que os meus pais não tinham nada de Angola, mas, naquele tempo, eu nem entendia muito bem por que razão.

Mais tarde, vi duas fotografias do meu baptizado. Haviam sido enviadas aos meus avós maternos e estavam, por isso, em São Cristóvão de Selho. Vi-me bebé ao colo da minha madrinha Maria, que até hoje

nunca conheci, e tive a sensação de estar a olhar apenas para estranhos. As únicas fotografias onde se pode ver-me em Angola são-me completamente estrangeiras, sem familiaridade nenhuma, porque até a minha mãe estava diferente, com o cabelo todo apanhado numa poupa extravagante, parecendo muito mais a minha prima Fatinha. Parecia também um bocadinho a Elis Regina, o que não deixa de ser engraçado. A minha mãe cantava o fado numa beleza inesquecível. Haveria de ter ficado milionária, se não fosse o azar instalado por toda a parte.

Quando estas fotografias apareceram lá por casa, outras mostrando os meus pais e os meus irmãos foram devolvidas por familiares. Os meus pais, muito mais novos, assim com um ar de apaixonados e magrinhos, davam as mãos e punham-se diante de lugares bonitos e rodeados de pessoas de todas as cores e feitios. Há algumas imagens onde se vê a família completa, exceto eu, que, por ser o mais menino, ainda não tinha contado para os passeios de família. Quando miúdo, sentia uma tristeza grande de nunca aparecer nessas imagens. Criava muitos ciúmes, sobretudo do meu irmão, porque achava que gostavam mais dele do que de mim. A minha mãe disse-me que não. É que eu era bebé, e os bebés não saíam de casa, ficavam a dormir o dia inteiro. Depois, viemos de férias a Portugal e deu-se a Revolução e já nunca mais voltámos para buscar recordações.

Creio que teria oito anos quando um rapaz da mesma idade me disse que nós éramos retornados e que havia muitos retornados. Eu encolhi os ombros. O rapaz não dizia aquilo com maldade, dizia que a tia também tinha vindo de África e que, por causa de ter lá ido, o filho dela ficou quase preto. Passámos a tarde toda a pensar se seria possível ficar-se quase preto por se nascer em África. Eu, que era cor de papel de caderno, se fosse quase preto ia sentir-me um super-herói, e o meu sonho fora sempre o de ser um super-herói e um santo para

salvar e curar as pessoas. Fui perguntar à minha mãe se eu ainda podia ficar escuro, com a pele escura. Fiquei muito frustrado por estar, mais uma vez, condenado a ser uma criança banal.

Lentamente, pensei de outro modo. Nascer num país distante, do qual não me lembrava, acabara por tornar-se minha *terra das maravilhas*, igual a Alice. Poderia pensar que nasceria numa história, porque ma contavam os pais, cheios de detalhes de encanto e profunda fantasia. Angola simbolizou a primeira narrativa literária da minha vida, a primeira admissão do exuberante modo da verdade, que se faz do lugar específico de cada um e não da universalidade e concretude. Jamais existirá uma verdade que se partilhe por completo. Ela é pessoal, até íntima.

Quando novamente me insultavam, chamando-me de preto ou ralé, quando me perguntavam pelo cheiro da catinga no verão, eu escutava atento. A fúria das pessoas inventava as mentiras mais mirabolantes que serviam muito para minha obstinada relação com as palavras. As pessoas más urgem na criatividade. Ofender é um modo torrencial de outras ideias hexagonais. Como ideias para o espanto, valem muito. Para a vida usam de provocar dor. Devagar, esquecia-me um pouco de sofrer. Detinha-me no lado do espanto. E repetia vezes sem conta a delirante coisa, como preciosa colheita: chovem ossos de cão nos invernos de Angola, pássaros gordos são bruxedos amorosos, os rios estão infestados com os sangues vaginais das mulheres velhas. Eu perguntava: há menstruações. Os rios têm menstruações. Ficam vermelhos a sangrar. É porque são cortados com facas. Onde é que a água esconde o sangue e onde se tem de cortar. As mulheres cortaram-se. Dói muito.

Curar a infância

Não frequentei a escola infantil, o tempo da pré-primária, porque me sentia violentado pela distância de minha mãe. Aos quatro e cinco anos de idade, eu não aceitaria distanciar-me e ficar fechado numa sala de aula onde outras crianças disputavam comigo os brinquedos. Fui duas tardes ali deixado, julgo que pela mão do Marco, o meu irmão, na escolinha pequeninha que ficava abaixo da Agrária e da venda do senhor Pinho. Meu pranto era de tal tristeza que nem sei como não me parava o coração. Era incapaz de abstrair do abandono. Por mais que me pedissem, eu chorava apenas. Não pude parar de chorar, porque a professora prometeu trancar-me sozinho no armário. Um menino levou um cubo de cartão que haviam pousado no meu colo e eu lembro de estar em prantos e de negociar com a ideia de ter um cubo bonito com o qual brincar. Mas a ameaça de ser fechado num armário não era antecipação de alguma alegria. Fiquei igual naquela tristeza por muito tempo, até que correram a avisar a minha mãe e fui levado embora. Tentámos dois dias. Perguntado pela minha mãe se não queria aprender coisas e ter amigos, eu pedi licença para morrer. Perguntei se podia morrer ao invés de ser levado para aquela escola. Preferia ir para junto do Casimiro. O meu irmão morto. O menino horizontal. Se Deus não se importasse, talvez tivesse algum ofício para mim na morte. Eu haveria de preferir.

Com o tempo, à roda das saias, sem muito mais do que espaço, uma vastidão de quintal, escadarias e quartos gigantes, mais me pareceram as palavras brinquedos. Julgo que por ficar alerta, maturar a hipótese de morrer como o meu irmão ou ser levado, colocado à míngua sem saber ou poder voltar aos cuidados da família, acabei por atentar nas palavras para sobreviver. Entendi que denunciavam tudo, antecipavam acontecimentos, eram prescientes, não só recuperavam a pertinência do que passou como fabricavam o que viria e milagravam vida. Escutava o que os meus pais diziam como se pudessem criar a mais elaborada coisa simplesmente por sua pronúncia. Enquanto menino, nessa primeira idade, estaria bastado com qualquer declaração de mimo, qualquer expressão dessa poética coisa de amar. Sem saber ainda escrever, eu listava as minhas palavras no pensamento e pedia à minha mãe que me repetisse as que esquecia, não entendia ou queria ouvir como se as pudesse colher de novo, frutos da bela árvore que era a minha mãe. Frutos ou brinquedos. Meus melhores, fiéis e menos incorruptíveis brinquedos. Por ser tão menino e à deriva, era admitido na presença das melhores conversas. Diziam que era só um santinho, não entendia nada. Não sabia nada. Assim como me adormeciam no colo aos serões de visita à casa dos meus avós, e eu demorava a adormecer por buscar nas vozes palavras mais exuberantes e assuntos incríveis que criavam no meu pensamento e na minha vida aquilo que até então não existira. As palavras eram joias. Ouvir as minhas tias à conversa era apanhar dinheiro que lhes caía boca fora. Eu só descia ao sono por exaustão. Nunca por ser rico o suficiente.

Era comum que ouvisse as conversas, esperasse tímido para ficar sozinho com a minha mãe e perguntasse que era isto ou aquilo. O que era bétula, desmaiar, península, tagarela, posterior, esmurrar ou livraria.

Entretanto, as minhas irmãs e o meu irmão já iam à escola. O Marco, que se portava mal e estudava à revelia, levava coças da professora. Chegava sempre arreliado, barafustando contra tudo. Contava-me como era. Batia-se nos alunos com a mão aberta no rosto, as costas da mão no rosto, os nós dos dedos na nuca, a cana por trás das orelhas, a régua na palma da mão. Batia-se nas crianças para castigá-las da infância e urgir que fossem adultas. Algumas, estou certo, eram adultas antes de terminarem a escola primária. Encaravam a vida num desamparo, em tão grande desafecto, que lhes pareceria estarem no declínio da pior velhice, o corpo inteiro punido por respirar, estar ainda vivo.

Eu jamais queria ir à escola. Jamais. Bastava-me o tamanho das palavras, o medo, a candura cheia de dúvidas, a alma lingrinhas de pouca coragem, o deslumbre com plantas e animais. A escola, nessa impunidade da tortura, era-me insuportável. Inaceitável. O meu irmão, que era todo videirinho, dizia-me que chegara a minha vez, e seria como as galinhas quando era importante que virassem comida. Obedeciam a uma lei mandona que se impunha. Eu não poderia escapar. Deixei de dormir. Aproximava-se setembro, e as aulas começariam lá mais adiante, à chegada das chuvas, aquele frio tremendo, e eu já pedira muito que não me levassem a aprender nada. Dizia: mamã, já sei tudo, eu sei desenhar um carrinho, sei fazer uma maçã, eu faço as meninas e os meninos, sei fazer as perninhas e os olhos, sei colorir. Deus até já tem um ofício para mim, posso ajudá-lo tanto. Eu porto-me bem, não faço barulho, espero muito tempo e não vou nunca queixar-me nem começar a chorar. Eu fico como os grandes, posso ficar como os grandes que trabalham no banco e tudo. Eu juro.

Quando me mandaram para a escola, tão atrás da nossa casa, tão perto, fugi para os campos e deambulei

até me parecer pelo sol que teriam passado as horas da classe. Com a pasta às costas, muito calado, entrei portão adentro, subi as escadas e fui fechar-me no quarto, não fosse ler-se no meu rosto que não aprendera sequer um bocadinho da primeira vogal. Terão pensado que eu me saíra melhor do que esperado e que sobreviveria com valentia, como valiam todas as crianças daquele tempo. Nos dias seguintes, assim fiz. Sentava-me quieto nos campos, de modo que não me vissem, para que não me acusassem. Senti que passaria assim vinte anos. Estaria bem. Vinte anos de manhãs à espera, prudentemente, a matutar em como me eram suficientes as palavras para entender o que seria bom e o que seria mau, o que configurava a essência de termos direito a existir ou não.

Terá sido ao faltar a quarta manhã que foram perguntar à minha irmã Flor se eu estaria doente. A Flor ia na quarta classe, boa aluna, mas sabia de nada. De recado, foi perguntar à minha mãe. Quando eu, orientado à sorte pelo sol, cheguei a casa, confessei que me sentava nos campos abaixo da Cavada. Ia sozinho. Punha-me encostado ao muro, numa pedra que lá havia parecida a um banco de bom tamanho, e abaixava a cabeça para não ser visto acima das giestas já secas. Reiterei que sabia tudo, eu sabia tudo. Comecei a chorar desalmado. Então, a minha mãe perguntou se eu não gostaria de aprender a guardar as coisas de dentro da cabeça. Ainda hoje me fascina o modo como ela entendeu o meu mundo. Pensei primeiro que teríamos tripas na cabeça, peles e órgãos feios como havia nos bichos que eram cozinhados. Depois, ela disse: as coisas de pensar. Tu tens de aprender a guardar as coisas de pensar. Se souberes escrever, as folhas de papel serão caixinhas onde podes arrumar com palavras tudo aquilo que não queres esquecer. E as folhas de papel, tão planas e aparentemente vazias, adquiriam fundura, uma

imensidão inesperada, porque, se eu soubesse escrever pirilampo, para sempre um pirilampo estaria ali, talvez até de cauda acesa, à minha espera. Meu. Sem ir embora. Eu disse: é a minha palavra preferida. A minha mãe respondeu: eu sei. Aceitei ir à escola, porque aceitei ser torturado em troca da ciência deslumbrante de aprender a guardar a fortuna das palavras. O dinheiro que caía da boca das pessoas. Quando entrei na sala de aula, convicto de que me bateriam e sangrariam, eu tinha esse segredo fulminante. Haveria de fazer dos meus cadernos os lugares mais extensos do mundo. Nenhuma terra de Paços de Ferreira seria maior do que aquilo que eu planeava guardar em cada palavra.

Por estar com medo, levaram-me nesse primeiro dia para a aula da minha irmã. Não entendia nada. Julguei que talvez me deixassem começar pela quarta classe, já mais crescido, por ser tão bom menino e bem-comportado, e por estar a sofrer tanto com medo. Ao segundo dia, uma professora veio buscar-me de junto da Flor para me integrar numa turma de primeiro ano. Eu pedi para ficar com a minha irmã. Ela respondeu que não podia e perguntou se eu gostaria de ir para a turma da Teté. Tinha ideia nenhuma de quem seria a Teté, mas o nome soava ao de uma boneca, alguém para brincar, uma pessoa do circo. Aceitei. Entendi, depois, que era filha de uma professora, estava numa carteira na primeira fila, teve interesse nenhum em mim. No dia seguinte, fui colocado mais atrás. Aprendi tão calado quanto pude. Não tenho rigorosamente mais nenhuma memória da Teté. Éramos de planetas distintos, de circos distintos. Talvez tenha entrado em sua nave intergaláctica e viajado pelas luas, talvez tenha sido devorada pelos leões.

Sangrávamos atrás das orelhas, às vezes, quando nos fustigava com a cana. Abria-se um corte na pele e um pequeno fio vermelho desenhava no pescoço. Não lhe

podíamos mexer. Batia-nos de surpresa por alguma falta que não nos explicaria. Rondava as nossas costas. Apenas isso de se mover nas nossas costas era o bastante para que perdêssemos toda a capacidade de pensar. Já nem as vogais conseguíamos lembrar. E ela devia notar nossa hesitação. Éramos escolhidos para aquela vergastada repentina que nos causava uma dor lancinante, e já se haviam tornado claras as regras. Não devíamos chorar, nunca gritar de dor, manter as mãos em baixo sem acudir às orelhas. Se sujássemos as mãos de sangue, sujaríamos os cadernos. Sobretudo, enquanto os colegas faziam seus exercícios, tínhamos de implodir em silêncio. Incomodar ninguém com nossa mariguice de sentir dor, querer chorar, ponderar fugir, pedir socorro. Ver a morte. Negociar o medo com Deus.

Paços de Ferreira ainda não era chamada a Capital do Móvel, mas já abundavam as marcenarias, e a indústria das madeiras alimentava a maioria da população. Por ser tão normal que se fizessem as escolas com professores que batiam, à chegada do Natal muitos meninos traziam de presente uma régua nova que os próprios pais esculpiam com engenho e talento. Do melhor mogno ou castanho, polidas, envernizadas, algumas contraplacadas, lacadas, com punhos que distribuía os dedos das professoras, com furos nas palmatórias para aleijar melhor ou pequenos altos a sugerir ligeira perfuração. As régua novas que os meninos traziam orgulhosos pelo Natal eram dispostas nos armários de vidro ao fundo da sala. Na mesa da professora, por hábito, ficava apenas a régua preferida, uma menos domingueira, mais normal ou habituada ao trabalho.

Num ano, o Manuel ofereceu uma régua que o pai fizera. O Manuel, de quem nunca mais soube nada, porque julgo que à quarta classe abandonou para sempre os estudos, era um menino sobretudo pesaroso. Lembrome dele como de uma sombra. Uma camisola verde

gasta, sem rosto, só contorcida, magra, sem se ouvir ali ninguém. Aprendia devagar e tinha sempre fome. Tínhamos sempre fome. A pobreza era a normalidade. Não sei que fez o Manuel naquele dia. De hábito, estávamos todos perdoados no dia dos presentes. A manhã toda a professora abria as coisas cuidadas que as famílias tão simples tinham o brio de enviar. E alegrávamo-nos. Talvez o Manuel tivesse erros nos trabalhos de casa. Certamente foi isso. A professora pediu-lhe a mão, mostrou que usaria a régua que o seu próprio pai acabara de lhe oferecer, e bateu-lhe. Quando nos batia a palma da mão, era impossível conter o braço. Os músculos desmanchavam um pouco e o sangue assomava à pele que ficava rubra. E chorávamos lágrimas gordas, sem grito. Não se podia fazer barulho. O grito daria lugar a uma segunda reguada, e estava tão provado que assim era que o Manuel chorou mudo e curvou-se mais, a sua camisola verde como um trapo amarrotado sempre sem ninguém dentro.

Nesse mesmo ano, depois das férias do Natal, a professora tomou a régua do pai do Manuel e bateu-lhe de novo, e o Manuel gritou muito caindo no chão. À dor inusitada, depois de um primeiro protesto, a mulher deteve-se, ordenou que se levantasse, e todos vimos, mesmo por dentro da camisola, que lhe partira o braço. A turma calada, num medo semelhante a estarmos fechados numa sala com alguém que poderia querer matar-nos um a um. O meu amiguinho recolheu as suas coisas, muito choroso e sempre culpado, e foi sentar-se no átrio da entrada. Meia-hora depois, alguém veio por ele para o levar ao hospital. Regressou no dia seguinte, de braço engessado, mais calado do que nunca.

Pensei que seria tão grande maravilha que Deus reparasse no Manuel. Pensei com muita força que era necessário que Deus reparasse no Manuel.

Quando o meu pai via a minha professora, porque a escola era antes do banco e por vezes, nos passeios, coincidíamos, dizia-lhe: se ele se portar mal, dê-lhe uma tarefa. E ela respondia que sim. Punha-nos a mão na cabeça como se nos tivesse carinho. Imaginávamos que os adultos se autorizavam uns aos outros a matar as crianças que se tornassem indisciplinadas, desnecessárias, pouco rentáveis, demoradas no crescimento, particularmente burras ou malcheirosas. Havia na minha classe um menino chamado João Luís Neto Nunes, de quem não lembro mais do que saber que éramos amigos, vivia na rotunda do banco, e a quem eu confessava que queria aprender depressa para deixar de ir à escola, porque acreditava que, pela desassombrada normalidade, a possibilidade de sermos mortos era grande.

Mostrei-lhe o meu caderno, o modo como nas folhas finais, meio por esconderijo, listava as minhas palavras preferidas que, agora, sabia escrever. Pirilampo, manhã, cristal, fogo, longe, amigo. Ao lado, juntava as palavras. Julgava eu que as listava de outro modo, colecionava-as como se as dispusesse numa caderneta de cromos. Poderia dizer: o fogo do pirilampo deixou um cristal amigo ao longe que nasceu de manhã. O João Luís perguntou: o que é isto. Eu respondi: é uma colecção de palavras. Não significava nada. Era algo que se podia ler sem ter de dizer nada em particular. No entanto, tornava-se irresistível. Um exercício irresistível que eu tentava nos bocados todos de papel.

A professora, creio que ali pela terceira classe, disse-me admirada que aquilo era um poema. Fiquei ofendido. Sabia nada sobre poemas e não aceitaria fácil que alguém pudesse dar um nome desconhecido a algo que só eu fazia, que fazia de modo íntimo, sem quase nunca mostrar aos outros. Afirmei: é uma colecção de palavras. São as minhas palavras preferidas. Se as juntar, dizem

coisas que não estavam a dizer quietas. É como mexerem-se. Mexidas para um sentido ou outro, mudam. Gosto de brincar assim.

Olhava para a página do caderno e, exactamente como a minha mãe prometera, depois de inúmeras vezes haver sangrado das orelhas, depois de tanto me haverem batido no rosto, nas mãos, eu guardava o que havia na cabeça e, pasmo, o mundo inteiro seria sempre menor e podia muito pouco contra aquela revelação. A página afundava e levantava. À primeira palavra ela mapeava-se onde sobretudo eu poderia reconhecer o atributo do divino. Ao contrário do que suspeitava do Manuel, com todas as minhas dores, eu pressentia que Deus tinha de estar por perto e eu haveria de conseguir chamá-lo e saber da sua voz única. Ele teria de me responder e eu seria atento e inteligente o bastante para o entender.

Ouvíamos sempre como, no edifício do lado, a professora do primeiro andar colocava os seus alunos aos gritos. Todos os dias eram assim. Ao contrário da nossa, a outra do primeiro andar do edifício do lado era a professora mais severa. Quando as réguas se partiam ao meio de bater com tanta força nas mãos das crianças, ouvindo de tão distante os gritos em combustão da turma mais massacrada, eu ponderava vezes sem conta abdicar do segredo de toda a poesia e voltar a pedir à minha mãe o direito à morte. Se não o fiz, não terá sido pela poesia. Terá sido pela minha mãe. Já entendera que nenhum poema seria mais parecido com um milagre quanto a alegria da minha mãe.

Pensei que se esforçavam para nos curarem da infância. Curar a infância. Pensava assim. Estávamos como que enfermos daquela maleita e a precisar de regimes rigorosos para que nos puséssemos ao caminho da lucidez que só acontecia aos adultos. Com papeiras e sarampos, gripes e muitos estômagos revoltos, o pior da maleita da infância vinha da ignorância e da imoralidade.

Nascíamos burros e imorais. Tínhamos de ser punidos para afinar as virtudes e não perecer na imundice e no perigo. Depois de anos, desejava eu, curados da infância, estaríamos ensinados para a normalidade e nunca mais nos haveriam de bater. Então, seguro com minhas palavras, a vida valeria a pena.

Sentei-me junto de um menino da professora má que saíra ao recreio chorando com dores na mão e no braço, que segurava como um pedaço morto do corpo. Eu não o conhecia. Habitúamo-nos às crianças que choravam e se deixavam incapazes de sorrir e brincar durante o tempo curto do recreio. Abri o caderno para lhe mostrar as minhas palavras e ele não conseguia falar. Estava atônito na tristeza e gemia um pouco. E eu, imparável, expliquei que as palavras se mexiam e que se as puséssemos a dizer coisas baralhadas podia nascer o que nunca existira antes. E talvez aquilo tivesse criado uma história e fosse tão louco quanto divertido de ouvir. Era, disso lembro, um modo de esperança. Para encontrar outros futuros, eventualmente até já um outro dia de amanhã, ali tão rente a chegar, as minhas palavras secretas organizavam-se em preces e anedotas. Porque os pirilampos deixavam cristais em toda a parte, e isso era impossível, tanto quanto maravilhoso de se imaginar. E o menino, mais quieto de seu choro, disse-me: os pirilampos podiam deixar os cristais e fazer faíscas. E eu sorri. Anotei a palavra faísca. Ele havia entendido com rigor a utilidade das palavras. Senti-me abençoado. Ele abençoara-me com sua importante melhoria.

Pesar apenas a brancura dos ossos

A minha avó paterna, Guilhermina, foi mãe de vinte e um filhos e, depois de emigrar longamente para França, passou a vir aos verões da Póvoa de Varzim. Era uma mulher da ordem da arquitectura, gigante, com um rosto cansado, a olhar os filhos e os netos, sempre perplexa. A minha avó parecia mais um lugar do que alguém. Diziam-me ser muito fértil. Eu imaginava que se ela segurasse um bago de feijão o fazia planta de imediato, se segurasse um caroço de pêsego o tornaria numa árvore de deitar à rua, se tomasse um caule de roseira, ele haveria de florir para se pôr nas jarras do altar, se demorasse nas mãos uma concha de água inventaria peixes pequenos, fazia um lago.

Durante quase toda a vida desentendi a minha avó paterna. Circunstanciada por tantas crianças, éramos, alguns netos, inevitavelmente periféricos, importantes apenas enquanto emanações dos nossos pais, uma espécie de nossos pais em versões várias, a perder a conta e a bulir por toda a parte. Reparava no seu modo perdido quando nos queria chamar, mandar aquietar, calar, sair, ir buscar alguém. Dizia: Jorginho. Mas Jorge era o nome do meu pai. Sabia de quem eu era filho, de certa forma, isso seria o melhor que conseguia fazer. Não sabia conversar, ao menos não comigo, um milionésimo neto tímido e espantado. De cada vez que dizia Jorginho eu tomava o nome do meu pai como uma frase completa. O tom da sua voz definia o contexto, definia a

ordem. Nunca mais encontrei alguém de tão impressionante economia discursiva. Eu respondia: sim, e punha-me a caminho. Ia chamar alguém.

Por causa disto, alguns dos primeiros textos que escrevi foram prelecções que imaginei à minha avó, e não lhe eram simpáticos. Se ela houvesse de falar, o que diria, a despacho dos assuntos da vida, definindo-se, feita da experiência única de ser como era, uma mulher como mais nenhuma de que ouvi alguma vez falar. Escrevi-lhe diários breves e monólogos para situações de sociedade. Entendi mais tarde que a expectativa de que ela falasse representava uma esperança de que provasse o afecto. Concluí mais tarde que as palavras eram-me fundamentais para a própria existência do afecto. Como não queria desentendê-la e não queria desgostar, eu escrevia explicações que a minha avó daria aos vizinhos, entusiasmada a enumerar filhos e netos, sabedora de detalhes e nada confusa ou cansada. Era um texto que não desistia. Um texto que avançava. Considerava eu que a conversa teria como resultado a alegria. Eu, que era calado, acreditei a vida inteira que conversar pertencia ao foro da alegria. Um gesto dos felizes.

Naquele tempo, a Póvoa de Varzim ainda era composta sobretudo de belas casas de praia, as janelas verticais muito altas, como se fossem para esticarmos o pescoço o mais que pudéssemos e assim ver melhor as pessoas engalanadas, a fazerem de conta serem ricas. Toda a gente tinha a mania de estar bem, mesmo que ninguém estivesse. Talvez fosse de ser verão, andarem de férias, a alegria era convincente aos olhos das crianças. Na praia, a ser constantemente alertado para o facto de me ter demasiado magro, eu julgava que o sentido da vida seria engordar um pouco e conversar. Lembro-me de o dizer aos meus tios, em confissões entre brincadeiras na areia, as tardes abreviando-se pela maldita nortada que fustiga a nossa terra. Disse que queria engordar e conversar.

Alguns pegavam-me no ar com uma só mão para ficcionar serem fortes. Quanto pesas. Eu dizia: não sei. Só pesava a brancura dos ossos. O que queres ser quando fores grande. Feliz. Já tinha querido ser bombeiro, polícia, santo, padeiro e professor. Subitamente, parecia-me a felicidade melhor do que uma profissão. Ser, de todo o modo, é bem distinto de fazer.

O meu pai contou que a minha avó tinha mandado dizer que eu seria professor, porque me preocupava com ouvir as pessoas. Haveria de ter muito para contar. Fiquei estupefacto. A minha avó tinha até imaginado o meu futuro, como se garantisse que eu haveria de ter futuro, mesmo magrinho e espantado. E o meu pai acrescentou: ela diz que tens de ser igual à Póvoa de Varzim, extenso como a praia e forte como o vento. Achei absolutamente normal que a minha avó, que eu via como um lugar, me explicasse ao modo dos lugares também. Hoje, estou convencido de que o meu pai me mentiu, porque, como eu, queria que a sua mãe falasse. Inventava-lhe um discurso, uma conversa. Mas também sei que, tantas vezes à falta de interlocutor, melhoramos o mundo a conversar de mentira. Melhoramos o mundo a conversar de mentira, não tenho dúvida alguma. Para isso servem todos os livros, e nenhum livro se faz sem essa rendição à maravilha em detrimento da verdade.

Por outro lado, a minha avó materna, Maria dos Anjos, que só teve seis filhos, vinha aos verões da Póvoa e tinha mesa cativa no café Guarda-Sol, à margem do passeio, para ver as modas e ser encontrada pelas outras velhas finas que se juntavam a ela as tardes inteiras a informarem-se de avanços mínimos na humanidade. A minha avó materna, os meses de praia no Guarda-Sol, conversava. Quando, por excepção, me sentava junto dela, ficava com a impressão de que sabia tudo e conhecia até a mais ínfima criatura que habitava nas cidades de Portugal. Como era bem-vestida e bem-

penteadada, com dinheiro e pescoço levantado, as pessoas iam pedir-lhe lições de vida, e ela sorria cheia de fé em santos e terços. Tinha uma cultura austera e rigorosa. Creio que, naquele tempo, toda a gente queria ser assim.

A minha avó Maria dos Anjos conhecia verdadeiramente as pessoas mais distantes e difíceis de serem visitadas. Tinha estado à conversa com a beata Alexandrina, no quarto dela, quando perdurava sem comer por treze anos. Era o que se contava. Que a senhora comungava aos domingos e bebia água. Não comeu por treze anos e Cristo, ou Deus, não me lembro, descia sua voz para a confortar e avisar de muita dor e coragem. Para mim, estas crenças experimentadas da avó punham-se enquanto privilégios morais. Distinções, condecorações, que os reinos dos céus lhe atribuíam. E era tudo contido na linguagem. Não era de ter na mão, guardar no banco a juro ou adornar as salas. Era de conversar. Se ela conversasse aquelas palavras mais bem estaria do que rica de muitas pratas, ouros, cristais e porcelanas. Eu, disfarçado de distraído, ouvia tudo quanto pudesse. Orações e temores de mau olhado. Desquites e dinheiros que se punham ou tiravam no banco. Vizinhanças complexas, barulhos de boca, discussões intermináveis que existiam até entre irmãos e com pais e filhos. Ela sabia as coisas pequeninas dos segredos de cada um. Era o modo como geria isso de gostar dos filhos, ficar atenta aos netos.

Quando voltávamos a casa eu fazia contas ao que à minha família importava a Póvoa de Varzim e julgava que, se um dia medrasse de facto e pudesse até engordar, com espanto ou sem espanto, haveria de viver numa dessas casas velhas e esticar o pescoço a ouvir e a escrever a pura alegria de conversar.

Há umas semanas fui comer uma francesinha ao Guarda-sol, sozinho, à mesa da minha avó. Entendi bem que estar ali, na cidade, é já por definição estar

acompanhado. Não admira que só por isso tenha a impressão da conversa. Devia haver cadeiras que, vazias dos mortos, ainda assim não permitissem os vivos de sentar. Por estarem, ao menos no nosso afecto, sempre ocupadas. E ali estaria a cadeira da dona Maria dos Anjos, disponível para escutar as velhas que iam barafustando, muito perfumadas, acerca da impertinência dos jovens, a passarem com motorizadas ruidosas e a arranjam um raparigas que usavam de vestir pouca roupa e agiam como se não tivessem nada a perder. Que lástima termos de abdicar das pessoas passadas pela necessidade de caminharmos para a surpresa do futuro. Quando me detenho na memória, de todo o modo, não o faço senão com surpresa. Grande maravilha também já foi. Se não a lembrarmos, não a colhemos, desperdiçamo-la, levianos e estouvados como os moços das motorizadas em grandes ruídos e as raparigas sem nada a perder.

A mãe de vinte e um filhos

Os vinte e um filhos dos meus avós paternos foram todos nascidos à vez, avulsos, nenhum gêmeo. O meu pai foi o primeiro a sobreviver, era o mais velho e, até casar, teve um irmão novo para cada Natal. Quando eu era criança, julgava que esta era apenas uma coisa engraçada de se contar acerca da minha família.

Numa altura, a minha avó ficara tão gorda que não passava por onde passávamos todos. A minha mãe tinha de abrir a entrada principal, de portas duplas, que dava para o corredor imenso. A avó Guilhermina entrava muito devagar, normalmente ajudada pela tia Adelaide, e ia sentar-se na sala, cansada e suando. Eu achava que era porque comia muito, embora nunca tivesse percebido se efetivamente comia assim ou não. Não me lembro de alguma vez a ter visto comer.

Tínhamos tantos tios e tias que, alguns, nunca encontrara, julgo que nunca encontrei. E, por causa do porcalho do Salazar e de as crianças continuarem a nascer, os meus avós seguiram para os parises dos arredores, como se dizia. Sobraram em Portugal o meu pai, a minha tia Adelaide, a tia São e a tia Augusta. Os outros, quando vinham de férias, começavam a trazer maridos e esposas com nomes cómicos em francês. Já falavam estrangeiro puro e eram cheios de peneiras diferentes das nossas, quero dizer, e eu pensava que um ou outro tio eram atravessados de passarinhos. Pareciam piar. Falar francês dava-lhes essa delicadeza e intriga. A

intriga do estrangeiro crescia em certa maravilha também.

Eu brincava como podia com os primos. Queria perguntar-lhes como era a vida em França, se era verdade que lá as pessoas se tornavam todas muito ricas, como seriam as casas, que brinquedos teriam as crianças, que felicidade lhes acontecia tão invisível a partir da minha vila.

Lembro-me de pasmar para a tia Martine, que era lindíssima e que talvez fosse casada com o meu tio António. Nunca sei quem é marido e esposa de quem. A família de França é um colectivo ao qual não pude nunca dar verdadeiro sentido. Apenas agora tenho facilidade em saber quem são os irmãos do meu pai e quem são seus cunhados e cunhadas. Observava a tia Martine, ouvindo o meu tio a traduzir o que ela dizia de alegrias várias, e acreditava que ter uma mulher assim era como ter um animal raro, como de uma espécie maravilhosamente alienígena ou guardada em montanhas inacessíveis fora dos mapas do mundo. Pensava claramente que os meus tios eram de muita sorte, que puderam ir viver para um país cheio de cultura e dinheiro, para onde convergiam outras pessoas de todo o mundo e onde se falava daquelas ideias bonitas da igualdade.

Julgo que a tia Martine, nas pouquíssimas vezes em que a vi, me falou talvez apenas numa ocasião, quando eu já sabia dizer bonjour ou pouco mais. Senti-me muito chique. Dizer bonjour era como viajar. Subitamente, com a palavra por feitiço, poderia estar nos parises dos arredores a fazer de conta igual riqueza e felicidade pela qual passariam eles também.

Quando os meus avós vinham de férias, já depois do 25 de Abril e com alguma qualidade de vida, passavam o verão na Póvoa de Varzim. Aos fins de semana, por vezes, íamos visitá-los. Na avenida central, a Mouzinho

de Albuquerque, havia uma pensão enorme chamada Patronato. Era assim que ouvia chamarem-lhe. Os meus avós alojavam-se ali, num clã gigante, e eu nunca tinha lugar para mais do que um beijo rápido e um olá. Depois, alguém sempre denunciava que eles haviam oferecido ao meu primo Luís, ou à minha prima Mininha, uma bicicleta ou outra coisa muito francesa. Ficávamos caladamente furiosos, eu e os meus irmãos. Ao ir embora, enchíamos os ouvidos do meu pai em protesto. Comíamos os caramelos como se fossem azedos.

Quando mesmo pequeno, pensava que a Póvoa de Varzim era a França. Durante uns anos, pensava isso. E disse na escola que, no verão, ia para França de carro com os meus pais. Saíamos de manhã e voltávamos à noite, depois de o meu pai acabar os jogos de sueca.

Uma tarde, a conversar no quintal do Renato com ele, com o Nandinho Jota e com o Toninho, eu insisti nessa história. Ia visitar a minha avó da França no verão e sabia do que estava a falar. O Toninho gozava comigo. Chamou-me de burro, um ignorante. Nessa tarde, zangámo-nos. Mas também foi porque ele jurara que puta era uma palavra para mulheres a dormirem com outros homens, e eu, incrédulo, jamais aceitaria que fosse verdade que alguma mulher dormisse com outro homem. O Toninho ria-se, e o Renato também. Nem nas mentiras que me contavam de Angola isso se diria. Era absurdo e insuportavelmente ofensivo.

Nas brincadeiras, o Toninho tinha furado as calças e viam-se-lhe, pelo buraco, as cuecas ou os joelhos, já não me lembro. Chamei-lhe roto. Ele fumegou. Pensei que me ia bater. Ele era o mais forte de todos nós, embora o mais corajoso fosse o Chiquinho, o irmão dele. Eu era o meio quilo do grupo, e ele chamou-me de burro outra vez. Orelhas de burro. Fui para casa a prometer não chorar. Estava mais furioso do que triste. A minha mãe perguntou: que foi. Eu disse: o Toninho é um mentiroso.

Inventou que muitas mulheres dormem com outros homens.

A avó da França apenas uma vez teve uma conversa comigo. Especificamente comigo, como se, por um instante, eu fosse importante para os seus assuntos e intenções. Tínhamos ido à casa da minha tia Adelaide e do meu tio Alfredo, e ela, sentada num banco da cozinha, chamou: Jorginho. O meu pai fora para a sueca. A minha mãe ficara em Paços de Ferreira. Estávamos em São Cristóvão de Selho. Sentou-me no colo. Não era bem sentado, era mais apertado entre as pernas, preso. Perguntou se a minha mãe se encontrava bem. Não era eu quem estava em causa, eu estar bem, ou estudar muito ou querer uma sopa ou pão com manteiga. Era sobre a minha mãe. E eu disse que sim. Que ficara em casa com os meus irmãos e que seguia tudo bem. A minha avó explicou que a minha mãe era uma burra, que tinha impedido o meu pai de emigrar para França e que poderia deixar o meu irmão partir, mas que não deixava. Preferira ficar em Portugal, com todas as dificuldades portuguesinhas tão conhecidas e sem solução. E eu pensei que a minha mãe não era burra e fiquei muito ofendido. Foi a única conversa que aquela minha avó alguma vez quis ter comigo. O meu avô, um dia, disse-me olá à porta de nossa casa e perguntou pelo meu pai. Eu disse também olá e corri a chamá-lo. Creio que era para o levar para a Póvoa a uma tarde de sueca. Não sei. Foi tudo o que dissemos um ao outro. Ao menos não era nada de usar contra a minha mãe.

Depois que os meus avós morreram, durante muito tempo, a família de França quase acabou. Sendo tão grande, conheci-a muito mal, e existiu quase nada. A graça que havia em dizer que o meu pai teve vinte irmãos nunca resultou em algo divertido. Era certo que o meu pai teria preferido ter menos irmãos e uns pais mais presentes. Que eu bem o via a mendigar a atenção deles

como se fossem avaros, raros. Pois, muito raros. Mas não lhes saía luz do nariz nem lhes brotavam os caramelos dos lóbulos das orelhas. Eram apenas poucos pais para muitos filhos e ainda mais netos, poucos pais para muito trabalho e necessidade de sobrevivência.

Observava o corpo grande da avó e toda ela era como uma casa habitada. Já mais velha e infértil, parecia mover-se como se crianças maturassem ainda dentro, hospedadas nos seus órgãos, acomodadas como podiam, igual a estarem em quartos apertados de onde, um dia, os deixaria sair.

Quando soubemos da sua morte, eu senti que se descontava um lugar no mapa. Não apenas alguém, mas um lugar para onde ninguém mais poderia regressar. Como se a França inteira fosse terminada, a Póvoa de Varzim ou, ao menos, a casa de São Cristóvão de Selho. Nos novos mapas, alguém apagaria o nome Guilhermina, e já não haveria modo de se seguir estrada alguma que levasse até ela e trouxesse desde ali para o resto do mundo alguém sempre a nascer.

O meu pai, mesmo com a mãe velha e a suar de fanicos gordos e cansaço, quando se abeirava, parecia que ia sempre conhecer alguém. Conhecer alguém novo, nunca visto. Era impossível que uma mulher velha ainda mantivesse a fertilidade, mas os seus netos eram a toda a hora e perdia-se a conta à família. À distância a que estávamos, a família absurdava de tamanho e tentaculava por mais terras e pressentíamos que se tornaria impossível tomá-la por inteiro. Como se as pessoas escapassem ao meu pai. Escapavam-se-lhe, idas embora pela extensão, pela quantidade, pelos países, pela falta de praticar o abraço, a conversa, cheias de nomes, cheias de outros apelidos e intrincadas com desconhecidos, outras famílias que também haveriam de ser gigantes, e com histórias distintas e preocupações a que não atendíamos, pessoas até que nunca ouviriam

dizer que estivemos em Angola ou que nos pareciam os caramelos azedos e que só muito às vezes acontecia de nos trazerem um álbum de fotografias ou um estojo de canetas, uma escova para casacos ou um galo de vidro pirex para esconder os fósforos ou o esfregão da cozinha. Os seus irmãos, todos mais novos, autonomizaram-se do juízo do meu pai e foram ao mundo, o que era livre e era um modo de abandono. E o Jorginho jamais se curaria disso. Viveria para o resto do seu tempo numa míngua de paz por não estar com os pais, não estar com os irmãos, não saber deles com detalhe, não os ver, não lhe dizerem nada. Falarem-lhe muito de vez em quando, como por notícias absolutamente inevitáveis, poucas, sempre poucas, deixava-o eternamente à espera.

Descubro agora uma nota do meu pai com os nomes completos, nascimentos e mortes de todos os irmãos. Reparo com estupefacção que os meus avós tiveram a primeira filha, Maria de Lourdes, em fevereiro de 1940, morta em outubro do mesmo ano. Em junho de 1944 voltam a chamar Maria de Lourdes a uma menina que morre em junho de 1945. Em fevereiro de 1962 chamam Maria de Lourdes à última filha, que vive e a quem tratamos por tia Lula. Em maio de 1955 nasceu uma Maria Isabel que morreu em outubro do mesmo ano. Em janeiro de 1957 nasce outra Maria Isabel, que vive. Há um Carlos Alberto que nasce em setembro de 1949 e morre em julho de 1950. Em março de 1960 nasce um Alberto Carlos, que vive. A leitura desta tábua de nomes e datas assemelha-se a certa deambulação de almas. Como se a mesma gente procurasse vingar em várias tentativas. Pessoas que experimentam corpos que falham. Até que corpos resultem à força das obstinadas almas.

De 13 de fevereiro de 1940 a 27 de fevereiro de 1962, a avó Guilhermina teve seus vinte e um partos. À altura de seu primeiro parto, não completara ainda 19 anos de

idade. À altura do seu último parto, estava a caminho dos 41 anos de idade. O avô Casimiro tinha 24 e 46, respectivamente.

As crenças informais

A Flor recebeu de presente uma carteirinha de tiracolo feita de camurça. As meninas usavam as suas carteirinhas para pequenos segredos e vaidades. Eram cofres da feminilidade ainda infantil que protegiam a todo o custo e com que se envaideciam, bonitas perante todas as pessoas. Quando recebeu a sua carteira de camurça, contudo, a minha irmã não tinha o que lhe pôr. A idade ainda não lhe permitia maquilhagens, aquele espelhinho pequeno de se espiar pela mão, o batom que a minha mãe usava quando saíamos para Guimarães. No domingo, enfeitada para a missa, ela queria ir de bonita com a sua carteirinha e ocorreu-lhe disfarçá-la de útil com dois pães. Eram perfeitos, dois pães, o bastante para que julgassem levar seus objectos pessoais, pertinentes, como os objetos das meninas mais crescidas. Arrumada, satisfeita pelo presente e pelo engenho, a Flor saiu à rua e andou uns passos até antes um pouco da pastelaria Primeiro de Dezembro. Havia ali um contentor de lixo onde as casas em torno jogavam seus sacos de restos e trastes. Nesse domingo, a Flor deteve-se a olhar um senhor que revolia o lixo à procura de comida. Por estar tão próximo da pastelaria, talvez sobrassem bolos ainda doces da véspera. A minha irmã tocou no homem e perguntou-lhe: o senhor quer um pão. E ele disse que sim. Então ela abriu a carteirinha e lho estendeu. Por estranho milagre, o pouco que tinha consigo era de comer. Ao contrário das maquilhagens,

dos espelinhos ou das muitas chaves que algumas mulheres carregavam, a Flor tinha justamente aquilo que poderia valer àquele homem.

Seguiu depois caminho para a missa. A carteirinha meio vazia, mas a impressão de que a beleza se notaria de qualquer jeito.

Aos domingos, depois do almoço, quando já víamos os desenhos animados na televisão, saíamos no carro para Guimarães em visita à família. Corríamos a dizer olá à tia Adelaide e ao tio Alfredo, o meu irmão podia ficar com o Luís e a Marisol com a Mininha, e os outros subiam à casa da avó Maria dos Anjos e do avô António Alves. Quando me dissessem que o avô me deixava ir brincar, chamava pelo Bilo e seguíamos pelas vinhas a catar esterco, chutando garrafas e a jurar que, quando fôssemos adultos, haveríamos de ter casas muito grandes e carros rápidos, a passarem a cem à hora pelas estradas.

Quase todas as semanas íamos para São Cristóvão de Selho, onde nos dispersávamos com primos e amigos segundo um critério genérico de idade. Eu ficava com o Bilo e com o Ricardo. O Marco vinha da casa da tia Laidinha e andava com o Vasco. A Marisol também subia e falava com a Nita e a Mariazinha, a Misa, a Nela e o Carlos, os mais velhos. A Flor. Não sei. A Flor tinha os amigos mais invisíveis. Era tímida e mais inteligente do que nós. O mundo dela parecia mais perto do mundo dos adultos. Perdia tempo nenhum com alaridos. Em contraste com nosso pasmo, ela agia sempre mais serena como se soubesse o que nós nem imaginávamos. Não sei se era amiga da irmã do Bilo, filha da dona Rosinha Gavina. Julgo que era amiga da Fatinha. Devia ser assim. A Flor andava com a Fatinha.

Uma vez, ao fazer chichi no quintal da tia Rosinha, prendi no fecho, azar que causa as piores dores do mundo. Gritei e o Ricardo foi chamar a minha mãe: tia Toninha, o Valter prendeu a pila no fecho. Acontecia de

vez em quando. Chorava desalmadamente. Depois de muito pranto e medo, e sempre que escurecia, acabávamos por brincar no quarto, onde ficaríamos seguros, junto de mães que valiam por todas as polícias, por todos os médicos, por todos os bombeiros do mundo. Estavam as janelas abertas à noite boa de Guimarães, e era comum que nos debruçássemos a ver o céu estrelar e a conversar de fantasias mirabolantes. Se nos atirássemos da janela, haveríamos de voar. Todas as crianças dos anos de 1970 queriam ser super-heróis. Numa noite, eu e o Ricardo à janela, vi num monte de entulho adiante uma luz. Andaram os homens pela tarde a limpar a terra sob as videiras e ficaram os galhos podados e tantas folhas secas numa pilha gigante para ser removida depois. Nesse monte de lixo a uns largos metros adiante da nossa janela alta, via eu uma luz inequívoca que o Ricardo jurava não ver. Insisti: ali. Mesmo ali.

Pedi à tia Rosinha para que viesse deitar os olhos. Tia, está ali. É uma luz. Pode ser um bocadinho de fogo que faça um incêndio. É alguma coisa que se pôs no lixo mas que não deve ser lixo. Aquilo que se deita fora não ilumina. Está sempre fundido. E a minha tia Rosinha, que era uma máquina de nos fazer rir, com uma alegria tão grande que nos ensinava a adorar a sua casa, chamou pelo meu primo Vasco e disse-lhe: leva o menino ali abaixo para ele ver de perto, que o menino está incomodado. E o Vasco espreitou e viu luz nenhuma. A minha mãe espreitou e viu luz nenhuma. Disse-me que era confusão, devia ser alguma impressão de ter olhado para as estrelas. Mas, para mim, era tão brilhante tal coisa ao cimo daquela escuridão que pressenti ter de lá ir. Eu disse: é uma coisa importante. Tia Rosinha, eu sei que é uma coisa importante.

O Vasco era mais velho e sem medos. Era, como todos os meus primos, de bom coração. Respondia

invariavelmente com um sorriso: eu vou, tia, eu vou lá com ele. E a minha mãe agradecia. Acendemos a luz do bico, que era a lâmpada que havia na esquina da casa, já a dar para onde corriam as videiras, mais abaixo. O meu primo perguntou: onde dizes que é. E eu respondi: está ali. Eu consigo chegar. Subi uns vários galhos, equilibrado na pilha amontoada, e deitei mão à luz ininterrupta. Estava um pouco sujo. Era, de todo o modo, um pequeno Cristo de plástico, desses que vinham de Fátima e que se punham fosforescentes quando se apagavam as luzes das salas. Era um Cristo, um Sagrado Coração de Jesus. Podia ter passado anos perdido naquela terra que se havia revolvido durante a tarde.

A minha mãe, a minha tia, a Marisol, a Misa, a Nela, o Carlos, a Fatinha, o meu pai, o meu tio José, tomaram o Cristo para o ver tocando.

A minha avó Maria dos Anjos, quando visitava a nossa casa, perguntava pelo meu Cristo. Queria saber se eu ainda o teria. Tenho até hoje. Poucos objectos na minha vida se tornaram tão preciosos. A minha avó dizia: abençoa-te com este Cristo, este Cristo é verdadeiro. A minha avó, a tia Milinha e a tia Rosinha diziam à minha mãe que dei em escritor e estudei muito, porque vi uma luz de Cristo que ninguém viu. Fui chamado. Haveria de estar com os olhos de Deus sobre mim a vida inteira.

Na verdade, não sei se a Flor era mais adulta desde pequena. Por ser mais aluada não se impedia de ter seu jeito cândido. Até talvez fosse mais demorada na infância do que nós. Era, sem dúvida, mais original e inexplicável. O que se tornava comum aos outros normalmente não lhe dizia respeito. Dormia na casa das amigas. Fazia desporto, tirava as melhores notas. Crescia como se tivesse vocação para dirigir e saber. Eu, ao contrário, crescia para procurar um sentido. Arriscava nunca obter resposta alguma.

Dormi intensificado pela presença do pequeno Cristo no meu quarto. Um objecto enfeitado que me parecera haver caminhado por sob terra até chegar ao meu olhar. Apenas ao meu olhar. Aceso por mim, para estar por mim no mundo. Criança de um desamparo tremendo no que à realidade dizia respeito. Era um crente informal. Como com a Bíblia, em tudo eu imaginava a religião, mais do que a cumpria com método e ensinamento. Acreditava em Deus por assombro e gratidão. Eu acreditava em Deus, porque estava grato e necessitava de ter alguma figura a quem corresponder nesse sentimento arrebatado que vinha da oportunidade de existir. Que, por muitos anos, na minha timidez, se resumia a assistir. Talvez não existisse. Talvez apenas assistisse. Era, contudo, o bastante para uma gratidão sem reservas.

Incentivar todas as sementes

No retorno perderam-se as pessoas umas das outras. Perdeu-se o contacto com os meus padrinhos de baptismo, dona Maria e senhor Castro, fotógrafo. Estariam em Saurimo em 1971, quando nasci. Por alguns anos, ficara a ideia de que teriam voltado ao Porto, mas não houve reencontro. Na Páscoa, assistia aos meus irmãos e outras crianças passando de pão de rosca ao pescoço. O melhor folar, a rosca grande o suficiente para que viesse como colar ao pescoço. Fresca. Um ano, a tia Milinha apiedou-se de mim e deu-me um abraço. Perguntou se eu queria que ela fosse a minha madrinha emprestada. Chamou o meu tio Abílio e disse: Bilinho, este menino é nosso afilhado, que os padrinhos dele perderam-se em Angola. E eu ganhei uma rosca enorme que meti de colar como gente. Depois, tomou um anjo pequeno de cerâmica e deu-mo a cargo. Dizia que era um anjo da guarda. Era uma imagem de parede, com um atilho para se pendurar num prego. Às costas do anjo, escrevi os nomes dos meus pais e dos meus irmãos, para que nos cuidasse a todos.

Os meus tios foram os melhores padrinhos emprestados. O meu primo Varinho até me ofereceu os seus brinquedos, porque ele é mais velho uns quantos anos e serviam-lhe de nada as coisas que se esqueciam em caixas amontoadas. A tia Milinha deitava-me um prato de sopa a qualquer hora, a minha sopa preferida que só ela faz. Quando chegávamos a sua casa, nem que

de manhã cedo, eu comeria como guloseima. E ela explicava que se acontecesse alguma tristeza eu teria sempre aquela casa. E o Varinho dizia que sim. Se houvesse uma tristeza e eu tivesse de ir viver para ali, o Varinho ia ser meu irmão. Ele, a Nita e a Mariazinha iam ser meus irmãos. O tio Bilinho confirmava invariavelmente a generosidade da mulher. Nunca lhe vi má vontade ou fúria. Era de uma paz ampla.

Quando lhe vagaram as casas pequenas, a tia Milinha preferiu emprestá-las aos professores das escolas que vinham de terras distantes com salários curtos e gastos compridos. Ela explicava a necessidade de ajudar aquelas pessoas, quase sempre professores jovens a começar a vida, massacrados com lhes darem emprego ao longe, inspirados por ensinarem crianças a aprender. Que as crianças aprendam é fundamental, para crescerem com empregos bons à sua espera. Se ajudarmos os professores, diz a tia Milinha, ajudamos toda a gente. A minha mãe comentava comigo que a irmã, além de não cobrar rendas, cozinhava as refeições, as minhas sopas, para que os professores estivessem descansados ao regressar a casa e não gastassem dinheiro no preço da comida. Eu nunca tive dúvidas de que, se tivesse havido uma tristeza, a minha madrinha e o meu padrinho cuidariam de meu futuro. Só por o saber, já o cuidaram.

Perguntaram-me: o que pediste ao anjo. E eu respondi: que me tire o medo dos louva-a-deus, que nunca mande a minha mãe embora, que nunca mande o meu pai embora, que nos ensine, que reze por nós, que nos leve ao Brasil, pedi que me engorde e que me deixe ir a Angola e ficar negro, que impeça o fim do mundo para todos, incentive todas as sementes, faça ainda mais palavras e pedi mais quatro segredos. E a tia Milinha novamente perguntou: que segredos. E eu respondi: uns quatro segredos que pedi. Foi assim. E ela disse: este

menino é um santo. Não tem pecado. Ouvi muito isto da minha tia. E dizia da Mariazinha. Que era de uma bondade e sacrifício como não havia em mais ninguém. Eu olhava para a Mariazinha muito impressionado.

Foram tão bem emprestados que os meus padrinhos me davam o mesmo foliar que dariam aos demais afilhados. O foliar inteiro, como se eu fosse legítimo, tão salvo de ter Páscoas tristes. Não era pelo que valeria, nem mesmo pela rosca belíssima e orgulhosa, era por estar incluído. Por me terem chamado do meu silêncio e me terem incluído numa festa e numa promessa onde via os meus irmãos e as outras crianças em alegrias. Normalizado, a par de todos os meninos em meu redor, a tia Milinha dizia: traz a tua namorada, quero ver bem com quem vais casar. Só podes casar se ela for boa. Se for má, arranjas outra. A bendita namorada, a que haveria de garantir que não ficaria sozinho, certamente bêbado a azarar pelas ruas à noite.

A dignidade dos elefantes

Foi sempre um perigo pensar na felicidade. Não sabia muito bem o que isso seria e talvez adiasse a descoberta para essa distante ideia de crescer e de casar. Talvez a felicidade fosse uma questão complexa entendida apenas pelos adultos, podia ser que necessitasse de muita inteligência para ser conquistada e talvez fosse um direito de gente muito exclusiva, socialmente escolhida, com boas casas e bons carros, esposas deslumbrantes, animais domésticos de raça e não alimentados a meros restos.

Para mim, que ainda adorava ser miúdo, longe de curado da infância, embora fosse peculiarmente carente, um espantado, pacóvio e medricas, a distância que via até à felicidade era o mundo inteiro de todas as coisas. Sabia-me sempre a assistir, e a felicidade, pensava eu, não podia ser dos quietos. Tinha de pertencer aos mandões, aos que se punham a mudar coisas do lugar, a ajeitar peças, a dizer tudo muito alto para serem bem entendidos ou assustadores aos demais. E eu sossegava as plantas. Quero dizer, tinha uma compaixão sofrida pelas coisas indefesas, as que apenas procuravam a beleza de crescerem, em silêncio, sem pedirem nada, talvez em profunda meditação e mais nada. Tinha pena das plantas nos temporais. Alagavam-se as terras e descobriam-se as raízes. Secavam. Talvez afogassem de tanta água. Não tinham voz, não podiam protestar nem assumir uma paixão. Eu não falava com elas, mas pedia

a Deus que lhes dissesse o que pensava, para que soubessem que as queria e defenderia. As plantas ficavam quietas. Tinha muita pena por isso. Queria que tivessem pernas e se pusessem em passeio ou fuga, em abrigo. Pensava nas árvores com duas pernas. A correrem pelas estradas e a mudarem de lugar, a repensarem as praças e as matas para seu melhor conforto. A fugirem do fogo. A berrarem contra as pessoas estúpidas que lhes faziam mal.

Um menino que pensava no desamparo das ervas e das flores silvestres, das silvas e das árvores, era um espírito que se preparava especialmente para sofrer, por mais que a meninice pudesse sugerir momentos de alienação e deleite. E eu era o rapaz preparado para sofrer. Compadecia-me pelas belezas todas e esperava poder crescer bonito, para deixar de sofrer e para casar. Para ser feliz. Esperar era a aventura. A idade haveria de me trazer tudo. A idade e as suas explicações guardadas, adiadas, doseadas, administradas paulatinamente para a sobrevivência e terapia da vontade e maravilha de viver.

Ando, a vida inteira, sobretudo à caça de satisfação para uma angústia constante que se prende a tudo, a ter e não ter, sentir que nunca nada está completo, que nunca tempo algum é suficiente. Falta-me tempo, quero mais, e quero gente e quero corresponder, pertencer genuinamente a cada lugar e melhorar os lugares e melhorar tudo, e ser um pouco feliz no meio de tanta coisa, tanta coisa que nem entendo, não chego a conhecer, não sou sequer inteligente o bastante para as aventuras todas. E digo angústia porque fica no ar um lado mais existencial e filosófico do que a constatação sempre tão violenta da tristeza, alguma tristeza, e a vida faz-se de andar entre alguma tristeza e procurar saída.

Corri à caça de abelhas e pirilampos, cacei as galinhas que deviam voar do galinheiro e o meu cágado, que escapou do seu recipiente tipo praia grande e fugiu para

as heras durante dois anos. O bicho comeu heras durante dois anos, e fui descobri-lo quando procurava uns ovos que a nossa pata grande chocava nos muros. Estava lento e mesmamente desinteressado de mim, posto na beirinha de um ramo como se a vida de um cágado fosse aquilo, longe dos meus afetos, longe das minhas saudades. Habituei-me, tragicamente, a pensar que os bichos eram capazes de sobreviver à minha ausência e à relação tão carinhosa que tinha com eles. E cacei as lagartixas a ver se me ferravam nos dedos, porque os outros meninos me diziam que elas não tinham dentes e faziam cócegas. As cócegas, por serem boas, poderiam simbolizar uma qualquer correspondência. Um tipo de amor. Nunca apanhei uma lagartixa. Apanhei alguns louva-a-deus, que são os bichos de que mais tenho medo no mundo, porque saíam das tocas dos grilos naquele pacto com a transcendência, estranhos, verdes como as folhas e a rezarem para que algum diabo nos arrancasse a cabeça. Uma besta que rezava não podia ser boa ideia. A criançada dizia que os louva-a-deus chamavam as cobras venenosas e que estas nos haviam de deixar verdes também, mortinhos da silva, de castigo por lhes mijarmos nas tocas. Mijávamos para que os grilos saíssem. Penso agora que todos os meus melhores grilos foram comprados nas feiras de Paços de Ferreira e, depois, de Vila do Conde. Os grilos mijados ficariam com as cordas vocais arruinadas e nem tossiam ou, se tossiam, haviam de o fazer muito baixinho, porque eu não ouvia nada.

Mas nunca lhes fiz mal. Não arranquei asas, não arranquei patas, não afoguei gatos nem pontapeei os cães. Pareciam-me, os animais, assim de corpos vários e tortos, sem vocabulário português nem escolas, a meio caminho de serem gente, porque não conversavam, mas faziam coisas lá das suas inteligências que me

fascinavam, e era o necessário para que os entendesse como uma série de professores e alunos de outras artimanhas, artimanhas todas tão impossíveis de imaginar sem eles.

Quando descobri os ovos que a nossa pata grande andava a chocar, fiquei boquiaberto por serem escuros. Eram quase pretos. O meu pai disse-me que a pata era branca, mas que namorou com um pato preto. E eu fiquei à espera para saber de que cor haveriam de ser os patecos, se vinham para a mãe ou para o pai, mas eles, por desgraça, não nasceram. Tínhamos um cão que, à primeira distração nossa, se lambuzou com os ovos, e eu achei que ficara louco. O Marco deu-lhe uma tareia e eu chorei pelos patecos, pela pata grande, que ficou desorientada, e pelo meu cão que não tinha percebido que aqueles ovos não eram de comida, eram sagrados. Ficaram esborrachados no buraco do muro, e não havia maneira de os colar. Na altura, já apareciam na televisão aquelas colas de colar os cientistas ao tecto, e eu ainda pensei que aquilo bem feito enganaria direitinho a natureza e voltaria a levá-los ao caminho de nascer. Mas o meu irmão baixou os braços, porque não tinha paciência para isso. Foi uma tristeza para a vida inteira. A falta de paciência também é desgraça que chegue. Eu queria ser mais paciente, mas dá-me aquela angústia e acabo por bulir um pouco e não há nada a fazer.

E, depois, os bichos iam-se embora de todas as maneiras. Diziam lá coisas nas suas línguas ainda indecifráveis, e eu perdia-os por aí, no quintal, só restava ficar cada vez mais convencido de que, afinal, o meu afeto por eles não bastava. Não havia modo de garantir que entendessem que, comigo, teriam um companheiro para a vida. E cresci a perceber que sobretudo a maioria dos bichos que eu podia ter morriam muito novos. Alguns duravam um verão, o que não dá nem para passar da paixão ao amor eterno. Por isso é que os bichos são só

paixão. Põem-se sexualmente uns nos outros sem grandes complicações porque ficam logo apaixonados à primeira, não têm tempo a perder. Que pena que não tenham amores eternos, esses bichos caseiros, como podem ter os elefantes. Os elefantes chegam a gostar mesmo uns dos outros, fora da paixão, quero dizer. Como os pinguins. Eu depois queria um elefante, porque se um elefante se perdesse nas heras do nosso muro, nem que fosse dois anos, quando o encontrasse ali sentado na beira de um raminho, havia de se lembrar de mim e dar-me a pata e fazer um som de corneta com a sua tromba. Poderia, por isso, querer voltar a casa comigo, sem que eu o levasse à revelia, mas antes por pura e espontânea vontade. Um elefante lá em casa, porque tínhamos uma casa tão grande, seria até um sinal de grande juízo, para que não ficassem tantos e tantos elefantes por aí ao relento sem terem quem cuide por eles.

Era um predador assim destes, à caça de amigos por mais esquisitos que os amigos pudessem ser, a mim já nada me parecia esquisito. Uma vez, uma senhora tinha um buraco tremendo na parte de trás da cabeça, porque levara com uma bala e a bala, se calhar mais esperta do que as outras, ao invés de a matar fez-lhe um penteado novo. Pensei que era lindo que uma bala fosse mais esperta do que as outras. A mulher ria-se, rimo-nos muito os dois juntos. Também estive com um senhor que deixou de ver e virou fotógrafo. Punha as mãos nas coisas, usava uns candeeiros de que se lembrava ainda bem. Fotografava só à noite para que fosse o mais parecido com o não ver. Apreciávamos os candeeiros ténues no espaço negro, sentíamos que nunca tínhamos visto o mundo assim, e ele descrevia-o por palavras e estava certo e sorria com uma felicidade surpreendente. A mulher de um meu vizinho, um dia, quando este chegou mais uma vez a casa bêbado e preparado para a torturar, pregou-lhe com um tacho na testa. Ele caiu para

trás e entendeu que tinha chegado a um limite. Aquilo foi coisa de tanta consciência que deixou de beber, pediu-lhe perdão, e agora passavam a rir-se pelo jardim.

A carne de Deus

Tínhamos em casa uma Bíblia que era a própria carne de Deus. Não lhe devíamos tocar, não poderíamos passar diante dela sem respeito, sem estarmos lavados, silenciosos, de mãos abertas e nenhuns segredos, de pensamento puro. Deus estava guardado numa cuidadosa gaveta da nossa casa e era feito de papel. Deus era um livro. Pensava: Deus é um livro.

Havia um pano de linho onde por vezes se envolvia a Bíblia. Uma espécie de sudário muito branco que eu observava à procura de uma ínfima gota de sangue, uma sugestão de rosto, algo que se presentificasse por milagre e que fizesse com que Deus parecesse mais normal, talvez mais semelhante ao que eu era, para que o entendesse e entendesse indubitavelmente o que esperava de mim, que ordens teria para me dar, que ordens teria para a minha cultura e felicidade.

Os poucos livros que existiam na nossa casa eram invariavelmente manuais, como guias para monumentos ou dicionários, assuntos de consulta para uma ciência rigorosa dos fenómenos e das evidências do mundo. Eram destinados a adultos profundos e muito cultos. Não proporcionavam diversão e não explicavam nada aos interesses das crianças. Os poucos livros que existiam em nossa casa eram circunspectos, especialistas num hermetismo que se tornava agreste para a infância. As crianças não tinham livros. Eu, que era um rapaz impreciso, no entanto, pensava sobre eles.

Lembro-me de pensar que a Bíblia era também morta, tinha a característica de existir com plenitude entre o lugar convencional da matéria e o lugar esdrúxulo da alma. Envolvida pelo seu sudário, sepultava-se uma e outra vez naquela gaveta, e uma e outra vez ressuscitava. Habitado à morte e à vida, aquele livro era uma natureza absoluta, existia nas duas condições. As nossas mãos entregavam-no a um e a outro lado do mistério, sem prejuízo.

A Bíblia expunha e escutava, era um corpo intermédio. Por isso, não podíamos praguejar ou sequer ter conversas fúteis ao seu redor. Ela escutava e levava a nossa voz para os habitantes perfeitos do Paraíso, aqueles que já conheciam tudo, os que usufruíam da revelação. A nossa voz grotesca, sem santidade nem grande juízo, seria a construção da culpa para a eternidade. Estar diante da Bíblia era estar sempre em vergonha. Era urgente que nos mantivéssemos conscientes. Quando aquele livro se mostrava havia visita em casa. O livro era a visita contínua. A mais importante e responsabilizadora.

O convívio com tão melindroso volume de papel parecia igual a termos uma pessoa muito velha em casa, com dois mil anos, profundamente ofendida e cheia de dores. Uma pessoa de família, quero dizer. De todas as famílias. Que nos competia cuidar por martírio e honradez. Para nosso desespero, sabíamos que se aquela pessoa houvesse de perecer isso nunca poderia ocorrer nos nossos domínios. Enquanto nos competisse, o livro precisava de ser incentivado a respirar e a alcançar uma réstia de felicidade, que era a esperança. Explicava a minha avó, a Bíblia era esperança.

Sofria. Lembro-me bem de pensar acerca disso. Perante a profunda atrocidade do mundo, a Bíblia, cheia de sentimentos e tão antiga, sofria. Era um livro magoado. Ela sabia que os erros são cíclicos e que a

humanidade aprende pouco, faz sempre pior do que pode. Eu ponderava muito nesta ideia, fazer tão bem quanto posso. Lutar para fazer o bem ao meu alcance. Nunca pior. Isso negaria a mímica de dignidade com que vivemos.

Sobretudo por ser criança, aquele texto não me competia senão pela dimensão imaginária. Não o leria, haveria de ser até um sacrilégio auscultar a palavra de Deus, porque seria como obrigá-lo a falar a uma imprestável alma ignorante como eu era então. Eu imaginava a Bíblia, não a lia, imaginava-a. Frequentava-a pela sua emanção e não pelo que efectivamente pudesse conter.

Fechada na sua história infinita e sagradíssima, eu inventava a sua mensagem com todas as forças do meu pensamento, com toda a criatividade da minha ilusão. Enternecia-me com luzes e flores, todas as grandes e pequenas dores, solidões ou fragilidades. Acreditava que ser-se sagrado vinha de estar atento e proteger. Eu olhava o livro à espera de um ruído, esperava um qualquer bulício, esperava que caminhasse. Sabia que o livro estava ali atento, e seguramente para nos proteger, mas não entendia muito bem como o faria. Fazer, nessa altura, era-me um conceito profundamente gestual. Mas a Bíblia ficava imóvel, como à espera. Os livros ficavam todos demasiado à espera.

A minha avó materna oferecia imagens de Nossa Senhora de Fátima e Bíblias às netas. Aos netos, não. Creio que julgava importante salvar as mulheres, sempre necessitadas de defesa contra o pecado num mundo de homens maus. Eu, por uma infinidade de razões, era, contudo, mais crente do que a maioria das mulheres da família e tudo me perigava. A credulidade fazia com que aceitasse como verdadeiras todas as coisas que me diziam, e acerca dos desígnios divinos eu tinha nenhuma dúvida da sua verdade, embora não os conhecesse. Sem

me atrever a emitir opinião ou a fazer perguntas, eu tinha a fé como absoluta.

A Bíblia de nossa casa fora oferecida pela nossa avó materna à Marisol. Por causa disso, eu que adoraria sempre a minha irmã, pasmava diante dela a julgar que teria um esplendor de alma. Merecera o importante livro, esse Deus pessoal, íntimo, que poderia tomar nas mãos, abraçar, e merecera uma imagem de Nossa Senhora de Fátima em porcelana, como já não se fazem, muito bonita, com os olhos carinhosos e apaziguados. Para mim, entre a minha avó e a minha irmã havia uma preferência que não invejava, apenas admirava. Assistia às duas maravilhado, igual observasse a vida dos heróis. Gente encantada. Era um privilégio que um bocadinho de pessoa como eu pudesse conviver com alguém de melhor escolha para os propósitos da virtude. Eu, que não tinha virtude, fascinava-me com testemunhar a dos outros e a de todas as coisas. Atribuía inteligência às evidências e atentava no que falhava de explicação para descortinar que função desempenharia no mundo. Para todas as santidades haveria uma função. A santidade é um serviço. Uma espécie de tarefa. Eu julgava que a santidade era um trabalho eterno. Era a virtude do trabalho eterno. Eu, que não sabia nada, era um enjeitado pacificado com o saber que, em outras pessoas e outras coisas, Deus acontecia. Eu via-o acontecer.

A carne de Deus colocava-se sobre a mesa da sala no tempo da Páscoa. Nessas alturas, a olhar para os dedos com medo de os queimar, pedia licença e abria a capa do espesso livro para me atrever a espiar algumas palavras. A minha mãe fazia muitas recomendações, não devia sujar, rasgar, marcar as páginas, não devia fungar para cima do livro, não coçar a cabeça e nunca, rigorosamente nunca, coçar o rabo ou aliviar a roupa interior entre pernas, era fundamental que folheasse o livro como em voo, sem atrito, apenas a alma solta, livre.

Quando tocávamos o livro, ele deixava de ser livro. A minha avó e a minha tia Emília também o diziam, aos berros de aflição, que a Bíblia não era brinquedo. Era o caminho. A Bíblia era o caminho. Quando morrêssemos, havíamos todos de ir para lá viver. Misturados com aqueles povos e a fazer parte das multidões de que fala. Quando mortos, vamos estar ali entre os bons ou entre os maus, conforme estejamos humilhados pelos erros ou brindados pela sensatez. A minha avó achava que o inferno podia ser isso, fazermos parte dos maus e estarmos desonrados na notícia que deles dá a própria Bíblia. Eu cheguei a escrever num caderno de segredos: quando morrermos, vamos viver na Bíblia. Se o livro sangrasse no pano de linho limpo, talvez fosse a expiação dos pecados daqueles que acabaram de morrer e descobriram a que triste e desonroso versículo pertencem. Na carne de Deus vivem tragicamente todos os pecadores, porque tudo é de Deus, nada lhe escapa à autoria. Deus acolhe até os que erraram e os que inutilizaram a alma para sempre.

Procurava furtivamente um versículo que pudesse ser o Paraíso. Um que pudesse pedir para a nossa família, onde nos metêssemos numa multidão abençoada e contente. Mas não o encontrava. O texto codificado do livro era-me intransponível. Creio que foi o meu pai quem primeiro me disse: isso é como poesia, só depois de muito tempo se consegue ler. Eu, que nunca tinha ouvido falar de poesia, fiquei com a ideia de que alguns textos demoram anos a deixarem-se ler, como animais selvagens que não conseguimos caçar e muito menos domar. Animais em permanente fuga, sem dono. Alguns textos não se domesticam, porque não se habitam às pessoas. São sempre de uma natureza diferente, como se escritos para propósitos além do humano. Fogem-nos e talvez nos ferrem as mãos se lhes passarmos os dedos pelas páginas tão aparentemente quietas. Alguém

sempre me recomendava: é melhor que não mexas nisso. Não é para a tua idade. Era um animal adiado.

E a avó repetia: a Bíblia não é um brinquedo. Tudo o que não fosse brinquedo estava substancialmente vedado às crianças. Eu, por um comportamento irrepreensível, furtava-me a ser visto como criança em muitos momentos e já brincava quase só com palavras. Acreditavam até que eu tinha uma alma velha, mais do que a Flor, a quem o desporto traduzia saúde e muita vida. Não era verdade. Apenas me seduziam os assuntos graves. Não os conseguia ignorar. Ser feliz, para mim, implicava a questão da tristeza. Coisa que tinha tanto de difícil.

Reparava no tipo de papel, uma transparência a transformar cada folha num vitral, e lidava com a incompreensão do texto. Não entendia nada. Contava-se uma história longa sobre gente muito antiga que eu não conhecia nem podia comparar. Cada vez que tentava vislumbrar o significado daquelas palavras menos acedia ao segredo de Deus. A leitura da Bíblia reiterava a minha exclusão. Eu era efectivamente alguém exterior à magnificência da salvação. A minha alma menor não continha chave para a sua descodificação. Excluído, não sonhava com um futuro, aceitava humildemente apenas procurar saber da vida dos que estavam contemplados. Creio que essa foi a característica mais importante de como cresci e de como me tornei escritor. Eu nunca sonhei sê-lo, eu escrevia e maravilhava-me com a simples efabulação dos sonhos dos outros, escritores incluídos. Não cresci para ser, cresci para saber que alguém seria. E isso nunca me retirou felicidade. Deu-me até uma infinita paciência. Tive muito a convicção de que Deus não reparou no facto de me ter criado, como também acontecera com o meu colega Manuel. Eu teria vindo à vida por um lapso, um equívoco que não chamara a atenção de ninguém. Aos seis anos de idade,

tão magro de nem pesar mais do que duas galinhas e meia, era bastante fácil acreditar que entre duas galinhas e meia e eu o mundo estaria mais bem servido por elas, fazendo falta para alegrarem quintais e encherem panelas à fome de pessoas mais de verdade.

Antes de saber o que seria Literatura, eu julgava todas as coisas escritas como sagradas ou capazes de certo milagre, ou seja, prestando atenção e cuidando. Comecei a anotar versos nas minhas colecções de palavras, observações bizarras que precisava de entender, como se de dentro das próprias palavras nascessem mistérios e outras realidades. Eram a minha forma de inventar a Bíblia e de cuidar de uma voz que pudesse ser decente para levar às pessoas perfeitas do Paraíso. Creio que comecei a escrever sobretudo para me comunicar com os mortos, que detinham a propriedade sobre meu irmão Casimiro, tendo em conta que Deus estaria no mundo dos mortos, o que genuinamente nos devia ocupar. O que habitaríamos numa eternidade segundo a virtude de que fôssemos capazes.

As pouquíssimas pessoas que notaram meus versos diziam que eu ia crescer para ser escritor, como disseram que seria artista plástico quando me viam desenhando tardes inteiras, mas eu não achava que escritor seria importante nem os artistas valiam o suficiente. O importante era a expectativa de as palavras fazerem um milagre. Para mim, as palavras prometiam milagres, nunca pertenciam ao normal. Eram instrumentos de partida. Iniciavam deslocações e mudanças profundas. Talvez até nos impedissem o regresso, por maior esforço ou inteligência.

Abria o meu caderno como se preparasse a mesa para uma evocação. Era um lugar de pouso. Deus, os santos e os anjos poderiam descer sobre aquelas páginas e palavras para revelar como se mexeriam de um lado para o outro até oferecerem uma resposta. E essa

resposta seria tão mais infinita quanto quase ilegível. Na dificuldade de entender exactamente como me era a Bíblia estaria ainda assim aquilo que poderia necessitar à vastidão humana. No aeroporto de Deus, dos santos e dos anjos, meu caderno aberto, aconteciam as palavras prescientes, búzios de encostar ao ouvido e escutar a maravilha inesperada.

Pensava, quando relia minhas frases sem correcção, sem utilidade para serem límpidas ou rigorosas, que estava a olhar para Deus. De ter começado por ser um livro, levantou nas palavras. Podia ser o que ia no meu caderno, podia ser o que proferia a minha boca, certamente haveria de ser muito do que chegava aos meus ouvidos. Deus poderia abundar por toda a parte. As palavras eram seu magnífico fantasma passando. Então, qualquer um de nós se faria a sua carne. Qualquer um de nós seria a carne de Deus.

O menino horizontal

Devia ficar sentado diante de um pedaço batido de terra, onde um jarro de flores queimadas estava invariavelmente tombado. Juntava as botas, os joelhos, as mãos enlaçando as pernas, calado, muito calado. Olhava. E aquela terra compacta parecia um corte de madeira velha que se desfazia facilmente depois da água, depois do sol, depois de noites e dias sem conta. Com a pá, um homem compunha tudo. Perante as mulheres que chegavam, ele corria a fazer o seu melhor, como apiedado, cuidado na tristeza dos outros. Alguém lhe entregava uma nota, umas moedas melhores, fazia um pedido.

Era um menino horizontal. O meu irmão horizontal. Estava ali deitado à espera que uma árvore grande nascesse e chegasse até ao céu. Os meninos mortos, pensava eu, apareciam nas flores dos pessegueiros gigantes. Eu nunca vira um pessegueiro gigante, mas também nunca vira um menino morto, como nunca vira o meu irmão. Ele já havia acabado anos antes do dia em que eu nasci. Ia brotar um pessegueiro do seu umbigo.

Ninguém lhe fez uma fotografia, ou todas as imagens foram destruídas para cuidar da minha mãe. A minha mãe reafirma que era o bebé mais bonito de todos os bebés do mundo. Uma beleza perfeita à qual não faltaria mais nada. Mas Deus teve pressa ou cobiça.

Diziam que devia rezar pelo meu irmão. Tens de pensar nele, porque está no céu a pensar também em nós. E eu

pensava nele a construir uma saudade esquisita, porque temos uma saudade muito esquisita por quem amamos sem ter conhecido. Juravam-me que ele gostaria de mim, que tomaria conta de mim, que me acompanharia, estaria sempre comigo, ao lado, à frente, atrás de mim. Era ele quem ajudava quando o meu joelho batia no chão ao cair. Se ele não me ajudasse, eu teria partido os ossos mil vezes, três mil vezes, ou os dentes, e até teria furado os olhos. Para me salvar de sofrer e da morte, o Casimiro mantinha-se atento. Um morto atento sempre a pensar em nós.

Mandavam-me rezar e não sabia como. Não conhecia as palavras, aquela ladainha perfeita igual aos feitiços. Diziam-se ave-marias para lançar feitiços, pensava eu.

Imaginava conversas entre mim, o meu irmão e Deus. As mulheres falavam e passavam o terço, levantavam a jarra com flores frescas, tinham cor, faziam cor, mas nunca diria uma palavra em voz alta. Tinha vergonha, não sabia bem de quê. Falar com um menino morto parecia alucinação e expunha-me. E julgava que falar em voz alta com Deus era desnecessário, porque ele saberia sempre o que diríamos, o que pediríamos, ouviria o pensamento sem som. Deus inventava o nosso pensamento a cada instante e inventava as nossas palavras, uma a uma, libertas de sua própria inteligência, que nós não valíamos nada em sua comparação. Eu era uma porcaria inventada por Ele. Que haveria eu de saber dizer-lhe.

Mas rezar, acreditava, era um ofício que, se faltasse, aumentaria o sofrimento de todos e nos condenaria à maior desgraça.

Considerava o meu irmão como um menino que me era igual em tudo. Embora ele tivesse morrido com um ano apenas, pensava nele como era eu, na minha idade ou ao menos do meu tamanho, para termos as conversas que sabia ter. Pensava nas conversas, e elas sozinhas

inventavam assuntos sobre os quais nunca me detivera. Tinha tanta vontade de estar certo, de ser esperto, que falava como se arranjasse muito mais juízo e muito maior bondade. Longe dali, eu não era tão bom rapaz, não seria exemplar.

Nunca imaginaria o meu irmão devorado pelos bichos. Quando se sabe que se pode falar a alguém, não acreditamos que falamos com quem sobra só ossos na terra entre os pregos soltos da madeira desaparecida. Nunca imaginaria o meu irmão revolvido como um trapo de quase nada. Para mim, ele era o menino perfeito prometido por nossa mãe, vestido de domingo, como eu, talvez melhor, impecável, limpo, bem-comportado diante de Deus, dos santos, dos anjos e dos mortos. Imaginava-o a luzir. A luz era sempre feliz. Boa.

Um dia, havia de brotar da terra o seu pessegueiro gigante e talvez pudéssemos trepar por ele acima, mesmo até ao céu, finalmente à procura de o ver. Um pessegueiro cujos frutos se acendessem, como um enorme candeeiro de tronco, ramos, folhas, meninos ofuscantes, sorrindo. Não fazia grande ideia do que seria dos meninos deitados sob a terra, mas, com aquela expectativa, pensava neles como sementes. Algures no macio do corpo existiria um caroço que deitaria tronco para crescer por sobre a terra. Como nos pêssegos. Um menino era já um pêssego que levava dentro um caroço, e talvez o nome do coração fosse família dos caroços da fruta. Achava que os meninos na terra se fariam reviver só à custa de sossego e água. A palavra coração parece tanto a palavra caroço, escreveria no meu caderno. Punha a mão no peito, acreditava bem que poderia igualmente morrer. Perguntava-me se haveria semente que me fizesse germinar de volta e se essa semente seria colocada no peito pela bondade dos gestos, pela candura do pensamento, pela obediência à minha mãe, ao meu pai, à minha irmã Marisol, a Deus.

Quando ao meu pai lhe deu a fúria de plantar tudo, ele andava pelo quintal com sementes na mão. Não sei se eram para brincar entre os dedos ou se gostava de carregar planetas. Ele até ia trabalhar para o banco com duas ou três sementes no bolso. Podiam ser meros feijões. Eu convencia-me de que ele as andava a estudar, a tomar conta delas, porque continham um mundo por nascer. Nas minhas experiências com algodão molhado e grão-de-bico, recordo bem a estupefação. Se não parassem de crescer, as plantas podiam devorar o mundo com o pé assente unicamente num ridículo pedacinho de algodão ao fundo de um copo vazio de iogurte da Longa Vida. Era porque cresciam acima do copo, para lá muito, e sem exigirem nada, nem atenção. Educavam-se por telepatia com Deus. Saíam de dentro do pequeno grão e viravam monstros verdes e belos que, por aberração, ganhavam vida. Inventavam vida até a partir daquelas sementes que pareciam só pedras secas e mortas.

Dessa morte se nascia outra vez. Estar morto poderia ser apenas um momento estranho da própria vida. Quando a terra se abrisse, talvez um pessegueiro gigante já fosse feito de braços e pernas e tivesse olhos para nos ver e, tão importante, boca e voz e nos dissesse alguma coisa. Talvez nos desse uma resposta a tantas perguntas que eu fizera ao longo de tão demoradas conversas comigo mesmo.

Por causa de tudo isto, habituei-me a pensar que morrer era uma coisa fácil. Como imediatamente percebi que o tempo não era eterno. Mas achava que as casas eram indestrutíveis. Que os casamentos dos pais eram impossíveis de desfazer. Pensei que comer era nojento e precisava de ser repensado. Pensei que os carros iam voar como nos desenhos animados. Um dia, por causa dos ruídos do casarão antigo onde vivíamos, convenci-me de que os mortos se mexiam da terra. Às janelas do

meu quarto vinham espreitar muitas árvores, e seus ramos por vezes batiam nas vidraças. Comecei a desconfiar de cada uma. Julguei-as espias. Como não davam fruto, não serviam para o Casimiro, o meu irmão horizontal. Eram só árvores curiosas. Mas talvez falassem às outras. Talvez soubessem passar uma mensagem aos pessegueiros. Quando me enchia de coragem, deixava as janelas abertas para que o Casimiro nos visse melhor. Quando espreitava pelas janelas, queria muito vê-lo. Endireitava-me. Nunca fazia asneiras diante das portadas abertas.

As minhas tias davam ideias à minha mãe. E eu permanecia sentado, a dizer ao Casimiro que tinha umas galochas novas e que gostava de passar nas poças de água, porque não me molhava. Subitamente, acho que era a minha avó que dizia: tragam o menino. Davam-me a mão e eu despedia-me a olhar para as flores, acreditando que me portara bem e que, dependendo de mim, nunca prejudicaria a salvação do Casimiro e da família, nunca prejudicaria a salvação do mundo.

Morrer-nos alguém são mil anos de leituras. Carregamos nossos mortos importantes como uma biblioteca de ciências cultas, uma infinidade de sabedorias que só se aprendem assim. Quem ainda não ama seus mortos não se educa de modo nenhum para este conhecimento específico. Não acede a uma erudição natural. Se é uma sorte amar apenas os vivos, é também o lado exterior do mistério.

O amor assim, sem palavra, era um livro assim, sem palavra. Uma Bíblia de sentir e não de escrever e de ser lida. Que eu bem supliquei pela voz do Casimiro, certo de que a mais ínfima pronúncia alumiará minha avidez e confusão, mas não me respondia. Estaria feito de amarnos sem vocabulário e sem som. Era, de todo o modo, um livro extenso e importante cujo título poderia ser seu nome. O evangelho segundo o Casimiro, para contar

como Cristo haveria de o ter salvado morrendo numa cruz. Só por isso, Cristo salvara o Casimiro e ele agora estaria feliz. Também nós nos deveríamos alegrar, que ainda nem gastáramos salvação alguma. Como se estivéssemos ainda a poupar certa coisa, comportados sem grande incómodo para as funções divinas. Deixando que outras pessoas cansassem Deus ou o entristecessem, que o ofendessem muito mais ou devorassem a reserva daquilo que alimentasse o espírito ou o corpo dos espíritos sobre o qual sabíamos rigorosamente nada.

Um enfeite de sentimentos ocasionais

Uma tarde, o Marco voltou de se meter no riacho a nadar e fez febre. Atordoado e a gemer, confessou que fora para as águas no calor intenso e deixara-se secar ao sol. Foram mostrá-lo ao hospital de Paços de Ferreira e de lá o mandaram internar no Porto, no São João. Dera-lhe a meningite. Coisa de que eu nunca ouvira falar e que ficava parecida a uma pneumonia, a última gripe. Íamos visitá-lo ao complexo hospital de São João, numa cama junto a uma janela, e ele estava sempre bem. Eu vi-o sempre bem. Cheio de presentes. Jogos novos e coloridos, até roupas e coisas boas de comer. Era tudo para ele, porque podia morrer. Julgo que foi a Marisol quem me disse que o Marco ia perto de morrer, como o Casimiro e mil crianças.

O Marco era o espectáculo humano. Um daqueles rapazes imparáveis, cheio de lábia e que os adultos adoravam por responder e perguntar, querer ser ouvido e não ter vergonha de anunciar o domínio do mundo, a proclamação de um novo reino, a chegada de uma divindade em pernas arqueadas nuns calções de bombazine. Era, para mim, um desastre. Metido na minha timidez contemplativa e fantasiosa, o Marco só podia ser o irmão mais díspar e desafiante de suportar. Como ele diz, o Tom Sawyer a azucrinar o tão adiado Huckleberry Finn. Cresci a fazer mimo com isto. Quando me sentia preterido, olhado de lado por ser aquela criança silente, perguntava se me haviam encontrado no

lixo, tomado de entre as porcarias que sobravam dos cozinhados, as peles de galinha e ossos, entre a levedura que cheirava a podre. Dramatizava para a compaixão de todos. Adiantava nada. O Marco era o carrossel familiar, um ser em toda a parte, que os nossos tios adoravam, chamando por ele, sentando-o ao colo, perguntando se queria chocolate, se queria ir pescar, se gostava das meninas adiante, se ia de férias com eles para as praias, para jogar bola, jogar a malha, jogar cartas ou só dizer asneiras, como as de mandar toda a gente abaixo de Braga. Era, sem mais nada, um sismo, um abalo a que ninguém se queria furtar.

Terei sido, de facto, o único filho não planeado. A minha mãe engravidou sem mais contar. Se o aborto fosse normal em 1971, e se a minha mãe fosse uma feminista desempoeirada, com mais liberdade na cabeça do que medo, acredito que eu não teria nascido. Sou fruto de um decoro de época, de um tempo e lugar, sobretudo mental, onde as más notícias eram inelutáveis e o sentido de sacrifício de inspiração cristã se impunha às mulheres.

O meu pai, genuinamente despreocupado e que vinha de ter vinte irmãos, importou-se nada. A minha mãe, aflita com tarefas e, julgo, ansiosa por algum sonho ou apenas sossego numa nesga de sol, sentiu ser uma pequena condenação que eu começasse no seu ventre.

Se eu sabia que me obrigavam a crescer na escola, sarando dessa maleita da infância, era certo que a família fazia tudo para me manter criança, demitido, apenas terno ou engraçado. Sem utilidade. O filho mais novo pode resultar num brinquedo de pentear, um enfeite de sentimentos ocasionais, dotado de algum vocabulário para responder a comandos de organização e afectivos. Enfeitado com um sorriso, eu ficava a mando. Ao contrário de se abrir o caminho pelos irmãos mais velhos, em muitas ocasiões somos empecilhados, e

são mascaradas todas as verdades para que conservemos a encantadora ingenuidade que nos faz pensar que o mundo é belo. Era mais apetecível à economia familiar que eu persistisse aquela criatura doméstica, feito de abraçinhos e temor, muita paciência e voz baixa, com meus desenhos e caderninhos, a gastar o tempo em toda a lentidão possível. Eu não era necessário para adulto. Teria de ser a criança mais longeva de todas. Todos os assuntos eram assuntos dos outros. Para os outros. Se eu perguntasse por que chorava a dona Alicinha, que bem a escutávamos da nossa marquise, diziam que não eram gritos de dor, eram preces da igreja. Modos de agradecer a Deus. E eu, confuso, também tinha medo de vir a precisar de aprender aquelas orações e gritar igual a quem sofre num bocado de inferno.

Depois, o Marco fungava para cima de quem me fizesse mal ou só lhe parecesse desdenhar-me. Dava-me até vergonha. Se acusasse alguém, o meu irmão ia partir-lhe a cara para me vingar. Quando alguns meninos descobriam que o Marco era meu irmão, só por isso, deixavam de me empurrar. Punham-se ao largo com medo. Igualzinho aos bichos que se afastam do fogo. Eu passava a arder.

Até tarde, alguns tios meus não lembravam o meu nome imediatamente. Diziam: Marco. Não era triste para mim. Vivia grato. Assistia à vida. Tinha a oportunidade de assistir à vida. Milagre que me calhara em sorte. Nunca o deixaria de reconhecer.

Tive muito medo de que o meu irmão morresse. Sobraria eu, o menino sem grandes alaridos, à espera, sempre à espera, e todos gostariam ainda menos que fosse quem sobrava. Logo eu. Ao invés do outro, que arrastava por si só a festa, abria o sorriso nas bocas de quaisquer uns. Quando melhorou e voltou para casa, bajulado de carinhos e com seus tantos presentes,

vinham por ele e a alegria do mundo era toda por sua causa. Agarrado aos meus caderninhos e à procura de palavras novas, mexendo-as na coleção para significarem aquilo que não previram significar, senti que a normalidade se refizera e estaria tudo bem. O Marco assumia por natureza e vocação o centro daquele alvo familiar. Permitia que, sorrateiro e até furtivo, me mantivesse na ansiada varanda do mundo, vendo, procurando entender, como quem encontrava maravilha em saber o que havia, mesmo que nunca lhe tocasse, mesmo que não o viesse a experimentar. O conhecimento, de qualquer jeito, é uma experiência de valor inestimável. E aprender pela confiança que temos nos outros também é uma das bravuras maiores da vida. Para a gratidão, em tantas ocasiões, bastava-me saber de como se maravilhavam as vidas dos outros em feitos inúmeros de conquista.

Levava o meu caderno, mas não abria. Não poderia conversar com o meu irmão vivo da mesma forma como o fazia com o meu irmão morto. A expectativa de que me humilhassem era muito grande. Assim, abria o caderno à noite, até enquanto fazia os deveres da escola, e procurava que ali descessem Deus, os santos e os anjos para ficarem de coroa em torno do Marco. Eles, tinha a certeza, haveriam de o salvar. Era minha prece. A minha mais secreta e sincera prece.

Nascer peixes, pirilampos e amigos

A Cidália dizia que tínhamos de escavar mais fundo, deitar a água muito depressa, cobrir com o plástico e esperar sem espreitar uma única vez. Como não sabíamos quanto tempo demorariam os peixes a nascer, impacientes, espreitávamos. Havia nada. A água entrava terra adentro e já ali sobrava nada, apenas a nossa conversa murmurada para não atrapalharmos a ciência da criação, para não distrairmos quem trouxesse da água limpa o corpo vermelho dos animais. Vão ser vermelhos, eu perguntava. Aqueles do laguinho da praça, com a pequena ponte a imitar ramos entrelaçados. Ela não saberia. Dependeria dos que quisessem nascer naquele dia. Como se nos competisse o convite, mas não escolher os convidados. E eu pensava que os tubarões não cabiam naquele aperto, e os atuns também não. Teriam de ser peixes de corpos pequenos para se sentirem motivados a nos atenderem. Vão ser vermelhos, pedia.

Ia acontecer por magia, isso de os peixes aparecerem como se algum interruptor os ligasse. Mas não acontecia. A minha prima dizia que a culpa era de a terra ser má ou de naquele dia não quererem nascer. Não era um dia para nascer. Pensava que estávamos todos nascidos e bastantes, talvez fosse descabido convocar bichos desnecessários, imprevistos, nem que pela beleza, pela maravilha de serem nossos, de talvez convencermos os adultos a criarem um lago no quintal só pela sorte de já termos o mais precioso que se requeria para um lago.

Certamente funcionaria, se boiássemos pequenas ervas acabadas de arrancar, ainda verdes e convencidas de estarem vivas. Seria muito provável que cada pouco de erva mudasse para o corpo de um peixe, a engordar de carnes e escamas, ganhando boca e guelras e nadando. Assim fizemos outra vez. Muito rápidos, porque a vida se inventaria às mãos dos rigorosos nos gestos e nos tempos. Quando espreitámos, boiavam as ervas molhadas, a água nenhuma, aquele cavado vazio, sem um bicho novo. Nada.

Quando a Cidália foi embora, o tio Carlos e a tia Fátima tinham pressas, porque iam pela Elsa e para muitas visitas em cada sábado ou domingo, fui tentar nascer peixes sozinho. Se usasse pequenas pontas dos galhos, acabadas de partir para pensarem que ainda estavam vivas, o corpo mais generoso do que o das ervas deveria ser bastante para mudar até um peixe. O espírito do peixe tomaria o galho e o inundaria de sangue, cortaria as guelras e abriria a boca para se espantar. Nasceriam os peixes. Se a Cidália me garantira que havia meio de acontecer, eu descobriria como, por ser tão importante para mim que acontecesse. Depois dos peixes, eu ensaiaria nascer pirilampos a partir de uma cova seca com bocadinhos de fogo. E crianças a partir de rebuçados amarelos. Eu haveria de saber nascer amigos também gratos que nunca fossem embora. Haveria de nunca mais permanecer sozinho e fazer muita conversa.

Os meus primos gémeos eram os que tinham mais brinquedos, e a tia Lolinha e o tio Gustinho deixavam que os descêssemos todos do armário para brincarmos quando visitávamos a casa de Lordelo. Os brinquedos verdadeiros eram como os peixes já inventados, sem termos de fazer o esforço de os imaginar. A maioria dos meus brinquedos eram só a imaginação. Por isso, que profunda se tornava a alegria, porque os gémeos me autorizavam o seu património, que eu mais segurava

num basbaque longo do que usava para imitar ser bombeiro ou polícia. Era, ainda assim, a imaginação com que mais brincava. Essa aparência imóvel de o olhar ser já infinito. Agradei, quando tarde íamos embora, depois de voltar a arrumar cada coisa, disse que, enquanto não soubesse nascer peixes, o melhor do mundo era brincar naquele quarto. A tia Lolinha sorria e prometia que eu poderia sempre voltar. Coisa de que me orgulhava e fazia feliz.

Depois, passei uns dias de férias na casa do Porto do tio Balbinho e da tia Guilhermina para brincar com o Ju, com a Cristina e com a Vera. A Cristina ouvia as mesmas baleias do Roberto Carlos e eu adormecia estendido na cama, já noite, embalado na música e no calor do verão. Fiz chichi sem querer. Acordei na vergonha insuportável de ter feito chichi na cama, depois de tanto haver prometido à minha mãe que me comportaria, que não daria trabalho nem fazia barulho, que teria calma e seria o mais inteligente que conseguisse para não cansar os meus tios nem zangar os meus primos. Eu queria ouvir as anedotas do tio Balbinho e estar perto de como ele criava uma algazarra com os filhos no tempo antes da morte do meu avô. Nesse tempo, o meu tio era o melhor Jô Soares do mundo. Parecia que tínhamos a melhor televisão de todas, ininterrupta na alegria.

A Cristina garantiu-me que não fazia mal. Corado, pedi desculpa. As baleias do Roberto Carlos perturbavam-me. Fora culpa das baleias. Expliquei que fiquei a sonhar com o que a Cidália me dissera. No sonho, estava apenas a verter o balde para a terra, agora devagar, cheio de ternura por servir para começar a vida de algum bicho. A vida obrigatoriamente tão grata de algum bicho, como a minha.

Regressei ao meu quintal e fui cavar um pouco de terra, buscar um plástico velho, carregar o balde de água, dizer algumas palavras que anotara no meu

caderno. Pensei: vou pedir que cresçam peixes a partir dos nomes, e eu sabia três que, julgo, perguntara na casa do senhor Barbosa, que tinha um aquário: dourado, chinês e mosquito. E assim entornei a água, cobri com o plástico e li minhas palavras, terminando com os nomes. Quando descobrisse o lugar materno, sem assombro e sapiente, nadariam perplexos dourados, chineses e mosquitos. Haveria de os pôr na jarra de vidro e começar a anotar preces para nascerem pirilampos e amigos. Por mais que fosse uma coisa encaroçada, eu haveria de nascer pirilampos e amigos.

O cemitério de bolachas

Era comum sentar-me quieto, nos dias de maior susto, e pensar que, se Deus quisesse, podia também apagar-me o coração. Podia desligar meus sentidos, para que não fosse mais nada e sossegasse. Fiquei com esta ideia também confortável da morte, a de que seria um sossego. Punha-me no quintal, não dizia nada, para imitar Deus, e esperava que algo acontecesse, até me aborrecer do silêncio e desistir. Fazia-o como quem esperava merecer. Não era por medo ou angústia. Era modo de pedir um sinal.

A nossa casa em Paços de Ferreira, demasiado grande, rangia e tinha talvez demasiada memória. As casas assim começavam a ficar temperamentais. E o Marco inventava monstros que nasciam todos para me devorar. À noite, por exemplo, havia sempre pilhas de mortos atrás das portas, debaixo da minha cama, dentro dos bolsos das calças ou no oco dos sapatos. Ainda hoje penso que vou meter o pé num sapato como numa boca dentada. Às vezes, convencia-me de que tinha de ser mais rápido do que os predadores. Precisava de estar protegido pelos cobertores antes que a luz se apagasse, era importante recolher as pernas, juntá-las muito de encontro ao peito a ver se as mordidas me falhavam por ser tão pequena refeição.

A nossa senhoria, a dona Alice Baptista, vivia na parte de baixo do casarão. Era uma velhota corcunda, assim pequena como uma menina, mas de cabelos brancos e

cheia de rugas como as pessoas de quinhentos ou de mil anos. E era muito devota. Rezava o terço sozinha e ia à missa todos os dias. Contava que, na infância, tinha sido amiga de uma santa, que era a Sílvia Cardoso, a quem se fazia muita prece em Paços de Ferreira. Haviãam erguido a sua estátua no jardim principal. Era uma Nossa Senhora local, e o respeito por ela tinha de se fazer grande. A dona Alicinha contava como fora sua amiga, de lhe falar e passearem juntas. Eu imaginava que as duas teriam brincado com bonecas e teriam corrido, talvez tivessem ido nadar no riacho lá mais adiante, onde o Marco arranjava a doença e onde também eu fui umas quantas vezes no verão, absolutamente às escondidas da minha mãe.

Por causa da amiga, a dona Alicinha era muito beata. Acreditava, ainda mais do que eu, que entre vivos e mortos ia um passinho pequeno. Como era toda herdeira e ganhava uns dinheiros de rendas e sabia lá eu que mais, comprava estátuas novas para a igreja e trazia as velhas que empilhava na sala de casa numas mesas e cómodas altas encostadas pelas paredes em redor. No meio da sua sala, eu sentia-me mirrar sob o peso opressor daquelas figuras. Os seus olhares tristes, culpados, à espera de maior piedade e tanto sacrifício, eram-me violentos.

Tinha de levar a renda à dona Alicinha. Apertava os 1800 escudos nas mãos como a trela de um cão histérico. Não os podia deixar fugir, não me podiam cair, não se podiam perder. O dinheiro tinha vontade de ir embora, já mo haviam explicado. O dinheiro foge sem darmos conta. Nunca nos tem amor. Abandona-nos. Trai-nos. Odeia-nos. Engana-nos sempre. Apertá-lo na mão com muita força era fundamental para o conseguirmos manter e transportar até onde o devíamos soltar.

Batia à porta, a cara da dona Alicinha aparecia praticamente à altura da minha e mandava-me entrar,

sorrindo. Mexia-se um bocadinho como o extraterrestre do filme do Steven Spielberg, que na altura ainda não existia, e tratava-me por você, assim como: entre, menino, vou buscar o recibinho para lhe dar. Tinha uma voz muito fininha e instável. Uma voz bebé um pouco esganiçada, sem adulez alguma. E eu entrava até à sala, que estava invariavelmente escura e onde medonhamente reluziam os olhos vidrados dos santos. Para mim, a dona Alicinha, concretamente uma doçura educada de pessoa, tinha almas em casa, como se aquilo fosse um cemitério de gente envidrada, posta em veludos, cabelos verdadeiros de raparigas solteiras em perucas compridas e mesas altas. Eu achava que as coisas ali eram todas meio mortas ou a pertencer à morte ou aos mortos, e tudo me metia medo. Aqueles mortos não eram exatamente como eu imaginara o Casimiro nem como eu, um dia, haveria de querer ser. Aqueles eram muito tristes. Tinham sangue na cabeça e corações atravessados por espadas enquanto nos encaravam desesperados. Pareciam estar no inferno. A ver-nos desde o inferno. Eu pensava sempre no meu irmão como alguém menino e capaz da felicidade. Pensava no Casimiro como alegre e solar. Bonito. Um morto feliz. Só os vivos e os condenados poderiam ser miseráveis.

A dona Alicinha, quando dizia que ia buscar o recibinho, buscava sempre bolachas de sortido caro. Só depois é que se demorava a rabiscar o documento para o meu pai. Ela punha-me as bolachas nas mãos em troca do delicado dinheiro. Eram bolachas das muito boas, daquelas com formas e feitios de coração, algumas com pratas coloridas. Bolachas cobertas de chocolate. Eram as melhores bolachas de todas, claro está. A mim, como se aquilo me fervesse tudo, dava-me a gula, ficava agitado, mas nunca comeria. Pensava nas bolachas como se também medidas com as almas, fantasmagóricas, a

deitarem fumo ou nevoeiro, noturnas, assustadoras. Seria incapaz de as comer. Tinha-lhes um respeitoso medo. Queimavam-me as mãos mais do que o dinheiro. Eram as bolachas solenes dos mortos.

Então, entregava-me o recibo, mandava agradecer que os meus pais aumentassem a renda, porque ela, de inúmeras piedades, nunca o faria, e acompanhava-me à rua. Eu dava três saltos no passeio, entrava no nosso portão e seguia direto ao fundo do quintal, onde abria uma cova para sepultar cada bolacha. Havia um poste de alta tensão. Dizia correr perigo de morte e a minha mãe, com um chinelo no ar, proibira-nos de chegar perto. Era o lugar perfeito para o meu pequeno cemitério. Onde dormiram também dois pássaros, alguns ovos chocos que se quebraram e um pirilampo esmagado pela sachola.

Fazia umas pequenas cruces com pauzinhos e atilhos que deitava, ao invés de levantar. Cobria com algumas ervas para que não se visse, para que não fosse percebido por algum adulto bisbilhoteiro, para que não fosse encontrado pelo Marco, um descobridor temível e um destruidor implacável.

Lembro-me de ter medo do bicho da batata, que era uma espécie de mosca gigante e meio tonta. Grotesco. Tínhamos sempre bichos desses no imenso quintal. O meu cemitério de bolachas metia medo por causa deles, dos bichos da batata. O resto era beleza de pastelaria, sortidos caros.

Aconteceu um dia, por haver sepultado um dos pássaros mortos, de ter ido desenterrá-lo, uma semana depois, a ver como se pusera. Julgava que os pássaros tinham tudo para serem salvos por Deus, e pensei que ia encontrá-lo intacto, poupado à fome dos vermes, como aquelas santas em redomas de vidro a quem o povo pede atenções e chega a beijar. O pássaro estava todo roído. Já não tinha olhos, apenas membranas brancas,

como tecidos brancos por onde veria nada. Fiquei muito triste. Cheio de dúvidas acerca do que seria certo ou errado. Parecia-me muito errado que o pássaro não fosse divino como os santos mais dedicados. Odiei pensar naquilo. Nunca acreditei que ao Casimiro acontecesse o mesmo. Afinal, convenci-me, os pássaros voavam, mas não tinham o céu por garantido. Aos meninos se oferecia muito maior dignidade e haveriam de ser preciosos para Deus. Descansei assim. O meu irmão haveria de estar bonito no seu lugar de terra. Haveria de ter olhos. Certamente já se acendera como lâmpada ou belo fogo. Veria a morte. O que a morte fosse ou contivesse, ele estaria diante, em observação para entender, para saber o que era aquilo, como era aquilo, o que haveria de lhe competir e como poderia sair dali, se houvesse saída, como, eventualmente, seriam feitas as escolhidas ressurreições. Modo de interferir num pessegueiro gigante. Assomar ao fruto. Voltar a um corpo. À fala. Conversar. Dizer e o que dissesse era a pura presença viva de Deus.

Pedaços imensos de sol

Aluí a terra na Cavada. Ali mesmo para onde os rapazes iam jogar futebol, abriam-se sozinhos buracos gigantes e viam-se veios de água ao fundo. Água muito limpa e fria que andava de um lado para o outro, certamente à procura de rios. Contava-se que este ou aquele homem iam a passar e haviam caído no exacto instante em que a terra abria. Era mentira. Já bastava o inexplicável dos aluimentos, o resto vinha da boca aberta do povo. Ajoelhados a ver como era fundo o novo buraco, alguém sempre nos empurrava dizendo que morreríamos. Morrer tinha um conteúdo cada vez mais incerto.

Eu, de início, para ter medo, pensava antes em partir uma perna. Partir a perna, ficar com um osso à mostra, mancar para a vida toda, seguramente seria bem pior. A pior coisa. Gritávamos uns com os outros, jurávamos que acusaríamos tudo aos pais e fugíamos de ao pé dos buracos. Então, eu dizia que o meu irmão estava morto. Dizê-lo assim era como dizer que fazia certa coisa. Fazia isso: a sua morte. Estava ocupado com ela. Se eu caísse ao buraco e, ao invés do horror de partir uma perna, morresse, o Casimiro estaria algures para me levar e explicar o que fazer durante isso de estar morto. Seria meu amigo. Ensinar-me-ia tudo. Essa ideia não terminava o medo, mas começava a coragem.

O Toninho era quem dizia: tu não ias gostar. Nunca me senti esperto comparado com o Toninho, que não se punha de acordo comigo. Creio que via o mundo por

relações poéticas, e ele era unicamente racional. Só acreditava em ciências demonstradas pela prova dos nove. Eu, de outro modo, acreditava em tudo. Sobretudo, acreditava no que queria.

Como era quem tinha um irmão morto, recusava terminantemente descer de certa autoridade. O que sabia sobre a morte tornava-se obrigatoriamente muito mais do que ele saberia.

Creio que foi o Renato que contou que os veios de água seguiam até à pré-primária. Alguém tinha rastejado por ali com uma lanterna e dera na estrada da pré-primária, que escorria as águas pela berma e, às vezes, alagava. Não acreditaria nunca que alguém se metesse por uma daquelas funduras, sujeito a encontrar bichos desconhecidos pela humanidade, animais do submundo que mordessem a beber sangue. Fomos à estrada do Grémio e da Agrária para avaliar parecenças na água. Era rigorosamente semelhante na transparência, chegava gelada de tanto passar à sombra, talvez se pudesse beber, tinha ar de limpa. Depois, não sei quem foi, mas alguém se meteu pelo buraco dentro, um bocado até se verem apenas os pés, e passavam sardaniscas e ali poderia ser o ninho das sardaniscas todas do mundo. Uma que ficasse muito grande poderia ter o tamanho de um jacaré. Deve ter sido o Nandinho Jota, que era alegre e francamente fazedor, ou o Chiquinho, irmão do Toninho, que era mais novo e tinha maior coragem bruta do que todos nós. O Toninho passava a vida a discipliná-lo num trabalho inglório.

Uma vez, entrámos nas casas de banho da escolinha, num sábado ou domingo. A janela pequena estava aberta e alguém conseguiu subir, passar e abrir a porta. Regozijámos de fazer algo tão proibido e nos abeirarmos de ser aventureiros, ainda que heróis sem nada para salvar. Sabia-se que eu não quisera estudar ali, tivera medo, era muito bebé e chorava. Riam-se de mim.

Explicaram que, agora que estávamos grandes, de seis ou sete anos, podíamos passar pelas tardes para ajudar a cuidar das crianças pequenas, brincando com elas. Fui duas ou três vezes. Era verdade que se alegravam com nossa ajuda. As professoras ensinavam a fazer desenhos com umas tintas azuis que se tingiam numas gelatinas estranhas e serviam para reproduzir em muitas folhas. As reproduções esbranquiçavam cada vez mais, mas chegávamos a fazer vinte. Era mágico. Eu, a matutar nas minhas colecções de palavras, pensava que incrível seria copiá-las assim. Ter uma folha na pasta que levaria à escola, deixar outra segura em casa, para que nunca ma roubassem, para que nunca a arriscasse perder.

Na pré-primária deixavam-nos desenhar com lápis de cor. Havia uma caixa de cartão onde estariam espalhadas duas ou três dúzias que já ninguém arrumava nas caixinhas de cartão. Ao invés de desenhar, eu separava e refazia os conjuntos originais acomodando-os nas caixinhas e verificando como se haviam perdido os vermelhos e talvez os azuis, que eram mais populares. Eu adorava lápis de cor, mas, nessa altura, tinha de mexer-lhes com cuidado. Vivia com os dedos em ferida, cravos gigantes abertos, tudo o que criasse poeira poderia infectar-me o sangue. Em alguns dias, para não pingar sangue pelo chão, esticava os dedos sem mais movimento. Se os dobrasse, os cravos abriam como flores desabrochando numa hemorragia. Uma professora agradeceu por arrumar. Julgo que a lembro triste, claramente por reparar que uma criança se demoraria a guardar as coisas mais do que a ser feliz brincando com elas.

Agora, eu nunca tocaria nas sardaniscas, jamais poderia experimentar as mordidas que faziam cócegas nos dedos, como se dizia, por não terem dentes. Venenosas como seriam, haveriam de lambe-me os cravos e intoxicar meu corpo. Cair-me-iam as mãos

podres. Ficariam verdes e podres e cairiam no chão separadas dos braços. Quando os rapazes se encorajavam nas escuridões mais perigosas, eu recuava e assistia fascinado. O fascínio era toda a minha bravura. Agora, creio que me lembro de ter sido o Nandinho a entrar naquele buraco, saindo dali molhado e a dizer que se via luz ao fundo, porque aquilo devia chegar da Cavada e os aluimentos na Cavada eram tão grandes que pedaços imensos de sol se metiam por ali adentro e acendiam ao longe.

Agora, creio também que me lembro de ter sido o Nandinho a subir e passar pela janela pequena das casas de banho. A diferença entre o Nandinho e o Toninho, ocorre-me, era que o primeiro queria tanto quanto nós e fazia regozijando sem muito medo, o segundo, com juízo e sentido de respeito, procurava que resistíssemos no lado bem-comportado da infância.

Quando nos desentendíamos, costumava seguir com o Renato para o seu quintal, onde construíamos cabanas e fazíamos de conta ser da família. Por causa do supermercado e do café que tinham, era comum que estivessem grades de garrafas vazias empilhadas por perto. Muitas gasosas e muitas spur-colas, no tempo em que ainda não chegara a Portugal a 7up e a Coca-cola. As gasosas e as spur-colas sabiam a remédios gaseificados. Era muito, muito raro que houvesse dinheiro para um refrigerante. Quando via as pessoas entrarem no café do senhor José da Anita, o pai do Renato, eu sentia que chegavam à felicidade. Podiam pedir uma bebida e um cachorro-quente, os melhores cachorros-quentes da minha vida, com o queijo a extravasar pelo pão fora.

Não devíamos subir lá acima à casa. Éramos um estardalhaço autorizado para o quintal, mas, em certas tardes, espreitávamos na sala da dona Anita, numa mesinha baixinha ao centro, o caleidoscópio. Era uma maquineta do futuro que se ligava à corrente eléctrica

para que um penacho de fibras translúcidas girasse e trocasse de cores. Parecia uma cabeleira de cristal. Era o objecto mais maravilhoso que vi em toda a infância. Nenhum automóvel ou refrigerante se comparava com aquilo. Para mim, a dona Anita e o senhor José, que eram um casal lindo de uma cordialidade inesquecível, detinham a coisa mais magnífica de toda a terra de Paços de Ferreira.

O senhor José, num dia em que os meus pais foram numa aflição de família algures, cuidou de mim e ofereceu-me o lanche. Perguntou o que queria comer. Eu pedi um cachorro-quente, arriscando, julgando que me diria ser demasiado cara a mostarda. Mas era a minha fome que media as coisas. O senhor José, perante a amedrontada avidez, respondeu: sempre que tiveres fome, se quiseres um cachorro, vens dizer-me. Nunca lho voltei a pedir. Mas quando via aquele homem sentia uma gratidão para sempre. Naquele gesto eu colherei uma das provas do meu Deus. Se houvesse de sobreviver à infância, eu queria ser assim.

As crianças que haveriam de se casar

A primeira vez que vi a intimidade feminina teria uns seis anos. Estava sentado numas escadas exteriores e a menina, mais pequenita do que eu, explicava que fazia chichi por uma coisa diferente, porque assim lho havia dito a mãe. Eu creio que também já teria uma qualquer noção disso, mas não concretizada em imagem alguma. Podia ser diferente só por ter outra cor ou por ter mais mangueirinhas que girassem ou fossem vivas como as serpentes que se trançam. Depois, ela levantou a saia e vi.

Parecia-me, àquela luz e distância, uma rotunda pequenina com um chafariz ao meio. Fiquei estupefacto. Era verdade que, se aquilo servia para fazer chichi, não tinha nada de parecido com o que usava eu. Era algo raso, como uma coisa pousada no chão. Fiquei de tal modo incomodado com a revelação que, quando ela me pediu, quase exigindo, que descesse os calções, corei. Nunca lhe mostraria, convicto que estava de que ela me poderia achar ridículo. Haveria de humilhar-me por ser ao dependuro, quando o das meninas parecia tão mais misterioso, mais inteligente ou poupado. Creio que pensei que seria uma inteligência mais poupada. As meninas tinham um lugar que guardava coisas e se abreviava para dar menos trabalho ou ser menos visível aos olhares indiscretos.

A minha amiguinha de infância dizia-me: põe o dedo. E eu, repugnado, respondia: cheira a chichi. Nessas idades

não somos muito perspicazes. E ela queria namoro, mas eu só pensava na escatologia nada sensual das higiênes. Ficámos naquilo um bocado. Mais tarde, acredito que poucos dias depois, a irmã mais velha da menina soube da nossa partilha e levou-me para baixo das mesmas escadas, ali a dar para o quintal. Levantou a saia e mostrou-me tudo. Como eram irmãs, esperava que as rotundinhas fossem iguais. Mas era muita a diferença entre uma de quatro anos e outra de doze anos. Isso, aprendi logo. Semelhança maior era que as duas dissessem o mesmo: põe o dedo. Andei ali a pensar sobre aquilo e a ver se me cheirava a chichi. Enquanto pensava, mandava que mostrasse também. Era tudo muito impositivo e sem maior negócio. Eu queria hesitar. Perguntei algo sobre o que estávamos a fazer, uma dúvida de ciência, talvez. Não sei o quê. Respondeu, disso me lembro: a Heidi, meu burro, também mostra ao Pedro, e ele mostra-lhe e até fazem filhos, que na terra da minha prima já passaram os episódios do fim e, no fim, eles são maiores e dormem na mesma cama, nus.

Ofendeu-me. Adorava a Heidi e nunca tinha pensado que, debaixo da saia cor-de-rosa tão bonitinha, tivesse uma rotunda qualquer, um lugar escondido que não partilhasse com todos, que tanto a adorávamos e tão bem lhe queríamos.

Encostei o dedo, e ela, afinal, mandou tirar. Os cravos nas minhas mãos deixavam-me como envelhecido. A pele ferida podia ser pata de galinha ou de um bicho qualquer. Não fomos apanhados por ninguém, mas julgo que era uma dona Elizabete que vivia naquela casa, e ela chegara e já se ouviam os seus passos nas escadas debaixo das quais nos aninháramos. Fechámos as pernas e ganhámos medo. Fazíamos chhh com o dedo em frente à boca. Pressentíamos que aquilo era muito errado de se fazer.

Viviam ali dois irmãos, o Luís e a Belinha, que depois foram viver para Aveiro, creio. Foi só o que soube do futuro inteiro deles. O Luís era amigo do meu irmão. A Belinha era a minha melhor amiga, porque sorria muito quando me via. Só de me sorrir, talvez mais nova do que eu um quase nada, inventava uma alegria que não esqueço. As minhas irmãs diziam que íamos ser namorados quando fôssemos grandes. Eu tinha muito orgulho nisso.

Por vezes, tenho a impressão de que a Belinha nos apanhou metidos debaixo das escadas. Não sei se a mãe era a dona Elizabete. Havia um senhor Carvalho, que tinha um Toyota castanho, ou azul-escuro, que eu considerava um carro lindo. Mas o senhor Carvalho não era pai da Belinha nem marido da dona Elizabete. Naquele prédio, com poucos apartamentos, viriam a viver as mágicas meninas brasileiras, cujos pais ofereceram uma ambulância aos bombeiros de Paços de Ferreira. E havia, talvez, uma menina chamada Paula. Quase de certeza.

Agradecimento a São Bento de Cardido

Esfregava mercúrios e curativos nas mãos, sangrava sempre, brincava a medo. Estava em constante perigo. Diziam-me que não podia saltar nos castelos de madeira, porque o serrim no ar haveria de matar-me. Não queria suspender a infância por causa de estúpidas flores de carne a despontarem nos dedos, já a infância me parecia tão à míngua e cheia de obrigações. Ciclicamente, piorava. Alguns miúdos tinham o mesmo problema. Isso e piolhos. Eu ainda tive a papeira, que foi um martírio de curar. Não se tratou de uma papeira normal.

Em visita à minha madrinha, a tia Emília, estava eu com as mãos carregadas de cravos, de ar magrelo e desconsolado, quando ela refilou com a minha mãe. Dizia que devia levar-me à capela de São Bento. Dizia, de São Bentinho, capelinha, o menino, coitadinho. Punha a mão na minha cabeça e fazia-me sentir muito querido e do tamanho de uma moeda, precioso e redondo. Eu mostrava desalentado os curativos nos dedos e garantia que as dores eram terríveis, tinha medo de apanhar infeções, tinha a carne à mostra, podia ser que apodrecessem as mãos, caíssem no chão largadas dos braços.

Naquela tarde, a tia Milinha mandou chamar o Bilo, que era o meu melhor amigo de São Cristóvão, de coração igualmente ansioso, e disse que partiríamos à capelinha de Cardido. A incredulidade da minha mãe era grande. E, a mim, soava-me aquilo a um passeio qualquer. Estava

sol, andaríamos até lá. Ela repetia que era perto. Chegaríamos depressa a descer ali pelo Caramulo.

São Bento acode aos cravos nas mãos. São inúmeras as pessoas de suas graças. A tia Milinha tinha toda a certeza, não hesitaria, e explicava o queurgia. Fazia parecer a coisa uma incúria da minha mãe que, a emigrar por Angola, se distraíra das evidências mais elementares das nossas terras.

Lembro-me de o Bilo ser instruído para me ajudar a rezar. Teria de dizer os textos devagarinho e esperar que eu repetisse. Levávamos uma vela para acender e obrigação de pensar e sentir cada palavra. A minha tia era muito prática. Dizia que devia pensar com muita força nas palavras e pedir com muita vontade ao santo, que ele haveria de me curar dos cravos à noite. Eu pensei que estava tudo muito bem. Ou seja, estariam bem as suas recomendações e à noite me veria curado, tinha razão nenhuma para duvidar. Assim o fiz.

A capelinha de Cardido era sob umas ramagens, numa casa privada que milagrara a atenção do santo. Por ali, muitos eram os crentes que iam pedir à família que os admitisse à presença do bispo para suplicar suas graças. A minha tia estropiou à porta, que era como se dizia bater à porta, e uma senhora assomou e entrámos. A capelinha abriu de lado, passagem mais modesta, pelo que à nossa esquerda ficava o altar, e um degrau no chão era a marcação para o lugar onde nos devíamos ajoelhar. Assim fizemos.

O Bilo rezava em frases pequenas e eu repetia, compenetrado, a acreditar em tão grande seriedade. Demorámos pouco tempo. Uns dez minutos. Julgo que deixámos flores, acendemos a vela. A minha mãe e a tia Milinha ficaram lá fora, espreitando pela porta lateral sem perturbar. A tia Milinha não brincaria com meu milagre e entendia bem que ele aconteceria pela

candura da meninice, pedido com a limpidez da infância. Carecia de nenhuma conspiração dos adultos.

Saímos, e a tia Milinha entregou-me uma pagela com uma oração escrita. Não lembro que oração seria e a pagela confundiu-se entre as relíquias da família. Lembro que mandou que lesse em casa, sozinho no meu quarto, ajoelhado diante da pequena Nossa Senhora que a avó me trouxera de Fátima. Àquela altura, informada de minha inclinação para a fé, a minha avó Maria dos Anjos decidira criar a exceção de me trazer uma Senhora de Fátima. Ao contrário daquelas que comprara para as netas, a minha era pequenina. A minha mãe explicara-me que, para ser verdadeira como as outras, não lhe faltava nada.

Considerarei muito bem tudo para quanto a tia Milinha deu ordem. Ia como de receita prescrita pelo médico para a cura mais infalível.

À noite, de regresso a casa, impediram o Marco de entrar no nosso quarto, e eu ajoelhei à mesa de cabeceira onde pusera a pequena figura. Li o texto, juntei as mãos a imitar os pastorinhos videntes, fiquei muito sério, esperei um minuto e fui dizer que já estava. Deitei-me leve, rapazinho obediente. Deixaram, então, o meu irmão entrar, recomendado de particular silêncio, coisa que lhe era mais difícil do que trincar pedras.

Acordei de manhã sem curativos. Haviam caído, como nunca acontecera. E as mãos estavam limpas, curadas, sem marcas e sem feridas. Absolutamente sãs, nenhuma cicatriz. Como se fossem outras mãos. As de outro menino. Considerarei normal. Tínhamos feito tudo quanto a minha tia mandara, e ela não haveria de ser burra ou mentirosa. Abri as portadas das janelas. As árvores iam certamente gostar de ver tudo. Eu passeava com as mãos no ar. Tudo em meu redor estupefacto.

Era um menino da graça de São Bento. A facilidade do milagre fora desarmante.

Algures, na morte, o Casimiro estaria informado. No meu orgulho sem sobressalto, pressentia que comungávamos de uma mesma coisa: já sabíamos de Deus.

Anotei uma palavra: obrigado.

Milagrinhos

Subitamente, causou muita impressão a cura instantânea dos meus cravos. Ouvia dizer-se de muitas crianças curadas de algum modo, à força da vontade do mesmo São Bento, mas o dizer-se não era constatar-se assim, visto, testemunhado sem distância.

Passou a palavra pela escola e em redor da nossa casa. Algumas pessoas não fizeram caso, mas outras, as mais aflitas, olhavam-me com uma fome de felicidade grande, como se eu pudesse ter descoberto algo que precisavam de descobrir também. Era comum, nesses dias, passarem-me a mão pela cabeça dizendo uma prece, uma palavra, algo muito rápido que parecia ter tanto de católico quanto de certa bruxaria. Assustava-me.

Por duas vezes, fui ultrapassado pelas situações. Na loja do senhor Pinho, quando lá corri a buscar rebuçados, uma mulher disse que eu era o menino da graça de São Bentinho. Disse-o numa surpresa, gritando. Era para que não me deixassem fugir. Tinha um neto recém-nascido que não parava de chorar. Estava ainda a fechar a moleirinha e a alma não lhe sossegava. Afirmava ela que o menino ia a tempo de mudar de alma. Aberta a moleirinha, ainda podia ser outro. Ser melhor. Esperei, impedido de sair.

Quando entrou a moça com o menino nos braços, que chorava sempre e debelava-se, a mulher mandou que mo desse para o colo. Creio que foi a primeira vez que peguei num bebé. Peguei nele cheio de medo. Podia cair,

era pesado, não parava quieto, eu haveria de ser culpado de lhe fazer mal. E a mulher pediu que pusesse suavemente uma das mãos na cabeça do menino. Era para que lhe mudasse a alma. Assim o fiz, e o menino calou-se. Sossegou. A mulher declarou que já estava, e chorou. Fui embora. Pensei que queria muito também ser um santo, se o pudesse ser sem uma pretensão vaidosa. Voltei para a escola num susto.

Quando chegava atrasado, nem que três minutos, era hábito que me batessem na cara. Uma ou duas vezes. Parava à porta, a professora levantava-se da sua mesa encostada no canto interior, abeirava-se do ponto onde eu aguardava, iluminado pelo clarão do dia nas janelas generosas, e batia-me sem interesse por qualquer explicação. Depois de mudar a alma de um bebé, sentei-me com a face a arder, sem chorar, para não arriscar ser batido de novo, talvez com a régua que podia partir ossos, que podia desfazer para sempre as minhas mãos agora tão curadas.

Mais tarde, uns dias mais tarde, ao pé da casa da dona Maria Guinalda, estava uma velhota, muito velhota, sentada, com ar de finir-se e encarquilhada, tanto quanto os xailes pretos que a cobriam. Disseram que o menino da graça de São Bentinho lhe haveria de fazer bem e chamaram-me à beira. A velhota tomou a minha mão pequena e, talvez porque fosse da mão que o milagre se fez, levou-a à boca desdentada. Mordeu-a como pôde. A fazer umas cócegas repulsivas. Muito repulsivas. Esperei. Olhei para outro lado. Pensei que ter a sorte de um milagre trazia obrigações. Julgo que era a dona Maria Guinalda que dizia: milagrinhos. Os dias estavam cheios de milagrinhos, e eu seria um deles.

Lembro-me de atravessar a rua. Havia uma árvore do lado de lá, no passeio, até mesmo atrapalhando o passeio, e ali, a dividir com o campo dos castelos de madeira onde eu brincava, sob a árvore de tamanho

descomunal, pensei que haveria de ser sempre puro, para suportar pelos outros todas aquelas aflições, e que alguma perversão começava nesse esclarecimento. Não era o mesmo que ser livre. Era o contrário. Para tal propósito perdíamos a liberdade por completo.

Quando a tia Milinha me perguntava por pecados, eu não confessava nada. Mas prometia nunca mais voltar a errar. E ela aceitava que eu lhe dissesse assim. Passava a mão pela minha cabeça e dizia que as crianças não têm pecados. São por aprender. Não sabem da maldade. Sorte a das crianças para sempre. Ser criança ou mais nada, para sempre, era a evidente solução.

Talvez durasse apenas duas semanas, apenas alguns dias. As coisas esqueciam-se à pressa. A televisão dava notícias grandes que preocupavam a pobreza de todos e era pouco costume que algo bom se discutisse longamente. Mas ainda lembro de na escola a professora me bater as mãos limpas. Julgo que se convencera de que eu escondia os dedos mãos sob os curativos, como se lhes pintasse o próprio sangue para imitar feridas que não existiam. E então me bateu com a cana nos dedos enquanto gesticulava alguma conta de dividir, que eu odiava. E muito me doeu e, por horas, marcou a pele. Que pena que voltasse a ter as mãos desfeadas depois de tanto me demorar a graça de uma cura. A professora mandou que fosse ao quadro fazer diante de todos a conta de dividir que era grande, difícil, praticamente impossível para o meu espírito poético, inexacto. Assim desenhei o enunciado da conta e, incapaz de método, calma, ciência ou qualquer justificação, movido pela simples imagem de que, no fim, aquilo devia parecer uma pirâmide de algarismos invertida, escrevi à sorte os algarismos da esquerda, depois os da direita, de modo que aquele triângulo fosse o mais certinho possível, com um bocadinho de números deixados de lado para os que iam fora, os que ficavam de resto. Tomei nisso dez

segundos, olhei. A professora, profunda por uma vez, disse: está muito bem, vá sentar-se. Os colegas todos da turma pasmaram perante como resolvi uma conta de dividir impossível sem pensar, sem usar os dedos em cálculos, sem tempo. Mais tarde, convenci-me de que não resolvi a conta. Mas talvez tenha resolvido infimamente o espírito torpe da professora. Talvez se tenha percebido de como um aluno podia bloquear no medo, a segurar as suas mãos milagradas, sem poder mais do que suplicar por viver. Era certamente o que se vira ali. À deriva, em desamparo, com a mão magoada de me haver batido, traçando na pele a fustiga da cana, eu nunca poderia mais do que deitar-me à mercê. Ela terá sentido vergonha. Terá temido o mesmo São Bento que me curara as mãos que se atrevera a desprezar.

O país onde as mulheres existiam todos os dias

De súbito e certo modo, a 17 de maio de 1977, Sónia Braga inventou a mulher. Aquelas pessoas que víamos com alguma suspeição, admirando sem saber como seriam debaixo das roupas severas, eram afinal de sinuosas curvas, os peitos livres, o lado farto das mãos. Comentava-se por toda a parte acerca do perigo que chegava do Brasil. O calor justificaria muito despudor, mas os invernos nortenhos de Portugal, mais ainda tão recente a ditadura, não sabiam muito bem o que fazer à estreia de *Gabriela* de Jorge Amado. Ao menos, por um tempo, o estardalhaço era tal que todos viam fazendo de conta não ver. E mandavam as crianças virar a cara quando o Senhor Nacib suspirava por Gabriela, felina, usando o corpo todo para ser alguém. Ela era as mulheres do mundo inteiro. Primeira coisa que eu soube do Brasil: ao menos ali, as mulheres existiam todos os dias. Não eram hipóteses simplesmente aventadas por quem tinha cabelo comprido, voz mais aguda, os dedos finos, sempre confinadas em tarefas de cozinha. A Sónia Braga parecia explicar que as mulheres podiam ter uso diferente. Elas serviam para si mesmas, sem sequer serem entendidas pelas outras pessoas, sem serem entendidas pelos homens. A Marisol, que era mais bonita do que a Sónia Braga e tão parecida, pensava eu que seria bem mais feliz no Brasil. Que desperdício que fosse mais bonita do que a Sónia Braga numa terra coberta de roupas como era a de Paços de Ferreira.

Como de costume, eu mais sonhei a Gabriela do que vi. Passava tarde e os adultos tentavam fazer segredo, embora comesçassem as mulheres a ter os mesmos penteados das atrizes, e pressentíssemos em nosso redor que alguma coisa mudava. Com isso, crescendo sem dar conta, mudávamos também. Para justificar o que nos era incondicional dizíamos: eu nasci assim. Dava para abordar a naturalidade de muito pecado ou pensamento de perigo.

Um ano mais tarde, já para o fim de 1978 e início de 1979, comecei a entender que existiam inúmeras palavras malcriadas para exprimir gulas novas e medos muito maiores. Já há muito curado das mãos, arriscava uma santidade menos preocupada com o corpo, porque os corpos se tornavam fascinantes. O Toninho, sem grande confiança, como era de costume, e todo mais culto, dizia que desciam os testículos. Soava a uma mutação super-heróica. Como a de Linda Carter quando rodava sobre si mesma e acabava vestida da bandeira dos Estados Unidos. Um dia, teríamos testículos maiores, haveriam de se notar até por fora das calças, quando chegássemos aos vinte anos.

Quando, muito cedo, aconteceu de virar rapaz, por duas semanas as dores se fizeram insuportáveis, como se houvesse de urinar uma pedra ou um gato. Um gato inteiro, desaustinado, sem parar quieto, que tentava subir garras acima pela uretra para sair ao mundo, solto de sabia lá que cárcere o acometera. Não disse nada. Dobrado sobre mim mesmo, agarrado a mim mesmo, por uns minutos a cada manhã, tarde e noite me doía o meio das pernas até à cegueira. Envergonhado, aguardava. Podia ser que o gato deitasse cabeça fora e eu mesmo o puxasse de vez por todas. Podia ser que me explodisse o corpo para sempre, aberto como os vulcões que víamos na televisão. Podia ser que desistisse de ter aquele sexo e mudasse para aquilo que vira nas meninas,

economizado de ter algo excêntrico e agora zangado. Podia ser que ganhasse coragem e fosse mostrado ao hospital, internado também no São João, recebendo presentes e perto de morrer. Certamente me salvaria. Estragado daquilo, sem mais crescer, sem casar.

O futuro não era nada parecido com brincar de conduzir carrinhos obedecendo a sinais de trânsito. Subitamente, entre as pessoas podiam estar disfarçados certos animais selvagens. Onças nada interessadas nos detalhes de brincar aos carrinhos. Dizia o Toninho: por isso as meninas brincam com outras coisas, querem ser mães e ter filhos. O Nandinho confirmava. O Renato também. Talvez até porque as onças pudessem trepar aos telhados, fazer caminho por beiras tão diferentes das estradas numa maravilha muito maior do que a esperada. Com a beleza da Sónia Braga, depois com a da Sandra Lucia Barsotti e depois com a da Betty Faria, os meninos da minha idade começaram a procurar seus próprios corpos, ainda sem imaginarem como seus próprios corpos fariam problemas. Dizíamos que no Brasil, nas terras pequenas como Paços de Ferreira, metidas para as árvores, havia mulheres a tomar banho. Tomavam banho nas horas mais quentes. Depois, casavam com os homens que lhes dessem um vestido novo com um laço à cintura. E os homens podiam viver em barcos como o Reginaldo Faria, que usava também pouca roupa e não tinha jeito nenhum para ser amado por uma só mulher. Ao contrário de parecer bem, parecia uma tragédia abatida sobre o paraíso que era aquela água do Rio de Janeiro.

Às primeiras erecções, tendo acreditado que os testículos haviam descido apenas então, assustava-me. Tanto poderia significar que cresceria para ter filhos como poderia estar a mudar para lobisomem. O Toninho explicava que se partíssemos o osso da pila não poderíamos crescer nem casar. O Renato também

pensava assim. O Nandinho também pensava assim. Eu pensava assim. Quando brincávamos de saltar nos castelos de madeira, ou mesmo depois de horas no selim da bicicleta, medíamos a euforia com a probabilidade de haveremos partido o osso da pila, o que nos excluiria do futuro. Passada a infância, seríamos imprestáveis, enjeitados, solteiros, a pior maleita dos adultos, solteiros e sem filhos. Seríamos iguais a não sermos ninguém. Só se é quando nos escolhem, quando nos aceitam.

Passavam pelas ruas e pela praça, junto ao lago de peixinhos vermelhos, raros homens andrajosos que se arrastavam sujos sem banho nem palavras. Grunhiam como animais. Tínhamos-lhes medo. Se algo nos impedisse de crescer por completo e casar, ficaríamos iguais. Com uma roupa a vida inteira. Os cabelos em rodilhas entrançados, a voz só para gemer e barafustar quem passava. Na minha cabeça, aquela não era a pobreza, era a desgraça acontecendo aos desobedientes, aos que não se tinham sabido cuidar. Aqueles mendigos nunca seriam escolhidos pela Sónia Braga ou pela Renata Sorrah, e nunca seriam por elas levados acima dos telhados, a caminhar nos gumes das casas para se abeirarem de pássaros e sentirem a infinita fantasia. No meu preconceito ingénuo, a sociedade não abandonaria ninguém, seria insuportável descobrir que as boas pessoas abandonavam alguém. Para mim, à deriva na miséria deixavam-se aqueles que a haviam escolhido. Tinha-lhes pena. Por terem parado de pensar demasiado, talvez partindo o osso da pila, tendo brincado em incúria numa tarde bonita da infância.

Contei ao Renato que, no tempo da *Gabriela*, vira o meio das pernas daquelas irmãs, sob a escada do prédio do senhor Carvalho. Ele também jurou que já vira de alguma menina. Estávamos, contudo, de acordo. O que nos mostraram não era rigorosamente nada igual com o que conseguíamos ver da Sónia Braga. As mulheres

eram outra coisa. Talvez até tivéssemos sido enganados. O que as irmãs me haviam mostrado poderia ter sido um bocado de pano rosado, o corte de uma galinha, um passarinho sem penas, uma fotografia muito bem colada entre as pernas. A Sónia Braga, que tinha por vezes um vestido quase nenhum, era mais violenta. Pensávamos, de uma violência boa. Podia ser também que nos enganasse. Se fosse onça não valeria pelas mulheres. As mulheres todas não seriam a Sónia Braga nem seriam assim, felinas.

Uma vez, o Renato disse-me: que sorte que te curaram os dedos. Mesmo se não partisse o osso da pila, seria muito improvável que alguém se casasse comigo seguindo com as mãos a sangrar, cobertas de cravos enormes parasitando as formas, limitando demasiado os gestos. Que sorte a minha. São Bento havia decidido que eu cresceria e casaria. A fortuna desse milagre era-me a coragem mais permanente. Ainda que me visse como uma criança ridícula, sem serventia alguma, uma intuição para a sobrevivência impunha-se a partir da simples gratidão. Eu sobrevivia, porque, visto como uma pessoa de nada, continuava, de todo o modo, grato.

Pensei que a espiritualidade poderia ter mais corpo. Ser mais física. Que os pecados não podiam ser tantos. Seriam demasiados pecados para coisas tão naturais. Como se Deus inventasse a natureza e depois a considerasse errada. Como se Deus humilhasse a natureza. Teria oito anos quando me toquei a primeira vez. Não aceitei que fosse um erro. Considerei que a dor que causava era a melhor do mundo. Daquele sofrimento se criava o maior prazer. Nunca me vira como um coitado e, agora, já não correria esse risco. Poderia ser o último dos meninos na mais recôndita história do mundo, mas provava-se que era coitado nenhum. Não partiria jamais o osso da pila. E erraria jamais por cumprir meu corpo. Meu corpo seguia tão sagrado que ele produzia sua

própria alegria. Eu pensei. Em cada pessoa Deus deixa o mistério da alegria própria.

Avançava na infância protegendo com as mãos o osso da pila, para poder crescer e casar.

O primeiro plano que fiz foi o de amigar a menina tímida que era filha do senhor do gás. Sem confessar meus intentos, e nunca admitindo que os testículos desceram e o corpo andava em confusão, eu passava pela loja do gás a espreitar muito para ver se a conseguia encontrar e a convencia a sentar-se comigo na berma do passeio, a contar os Toyotas que chegavam. Ou os BMW dos ricos, muito raros, os carros mais bonitos em Paços de Ferreira.

Nesse tempo, pensei que bom seria se Deus me curasse também do medo dos louva-a-deus. Algo que considerei essencial para sair à rua de Paços de Ferreira sem medo, sem aquela constante expectativa de colapsar de susto finalmente.

Tinham mais dentes do que nós

Para cima e para o lado da igreja, no lugar da Baiuca, começavam os campos e havia muitas árvores. Por certos caminhos, a vila acabava e a mata punha-se alta a criar barreira. Para afastar as crianças dali, impedindo que fugíssemos mundo fora a inventar aventuras, diziam-nos que a partir da linha das árvores era Espanha. Era longe e terra nenhuma. Uma terra que não entenderíamos e que nos seria hostil. Outro povo, outras leis, facas, talvez pistolas, martelos com picos de ferro, muita facilidade na morte. Os perigos todos juntos. Perigos inimagináveis e muitas dores para sempre, escravidão, um lugar sem mães.

Em Espanha, sabíamos com dificuldade, havia reis e príncipes e andavam a cavalo e vestiam ouro, luziam ao sol, eram ricos de serem antigos e furiosos, caçavam animais selvagens, usavam peles, habitavam palácios em tempo de paz e castelos em tempo de guerra. Casavam-se bêbados. Tinham muitos filhos. Eram quatro ou cinco vezes mais. Eram demasiados e talvez nascessem em grupo, aos dez de cada vez, sempre furiosos e preparados para atacar. Tinham mais dentes do que nós, como jacarés ou outros animais dos quais nem saberíamos o nome.

Quando olhava para as árvores, a densidade que faziam, eu julgava olhar para muito longe e acreditava que bastaria mudar um pé até elas para que um mundo invisível se nos revelasse. Na verdade, os espanhóis

eram dos contos de fadas, encantados como nos contos de fadas, cheios de sorte e inteligentes, eram felizes. Se nos puséssemos em Espanha, as árvores vistas de perto haveriam de denunciar os palácios que albergavam, e poderíamos contemplar os bolos enfeitados sobre as mesas e as raparigas muito lavadas e perfumadas com roupas claras e os peitos redondos quase saindo do espartilho. Pensávamos que as raparigas espanholas faziam nada. Eram só bonitas e também felizes. Estavam sempre sentadas em contemplação com o ar de quem tinha uma natureza profunda e preciosa. As moças espanholas serviam para poemas e para pinturas importantes. Em 1978, as pinturas mostravam muito as pessoas de Espanha. Nos livros vistos na escola falava-se de Picasso, Miró e outros. Eram, quase todos, artistas esquisitos, como se os espanhóis tivessem olhos na testa e braços a sair pelo umbigo.

Nunca tive coragem para ir a Espanha. Não passava da rua que levava à igreja. Sendo o fim do país, era o fim de tudo para mim. Tinha medo de que, depois de atravessar a fronteira, me tomassem e proibissem o regresso a casa. Imaginava a zanga da minha mãe por lhe ter desobedecido, e como entristeceria. Imaginava que ela, de traída, nem iria pedir o meu resgate, certamente frustrada com a minha incúria e estupidez. Pensava eu que ocupariam o meu lugar na família com outro menino qualquer ou com um cão bonitinho, servil e mais afectuoso. De todo o modo, eu não sobraria para amargar muito tempo, pressentia que os animais selvagens, que o rei andaria invariavelmente a caçar, seriam implacáveis e que numa dentada me devorariam para sempre, com ternura e inocência incluídas. Ossos, olhos, tripas, ternura e inocência, tudo incluído na morte. Tudo morto.

Contudo, acontecia de ter tardes de maior coragem. Depois da escola primária e a pensar que a primavera

era benigna, eu ia por ali, às vezes na minha bicicleta, e pasmava diante das árvores e até atravessava a pequena rua e ficava quase sob os ramos mais compridos. Mas não colocava os pés em terra fértil. Ficava no batido da estrada, onde planta nenhuma medrava, e suspeitava que as próprias plantas adiante olhavam e conspiravam, talvez passando a palavra. Havia algumas carnívoras, isso sabia eu, e comer um rapaz tão magrinho até as flores de cemitério, cabisbaixas, haveriam de o conseguir. As plantas carnívoras aprenderiam a falar, de bocas bojudas e antipáticas balançando nos caules.

Numa dessas tardes, sentado na bicicleta e a tentar ouvir ruídos estranhos, assustei-me e pedalei para o outro lado da rua, a pensar sempre que a estrada servia de linha de chamas, ardendo em minha defesa, esturricando o inimigo que tentasse atravessar. Ali fiquei, convencido da minha maior segurança, esperando. Subitamente, adiante, entre as sombras mais ao fundo, quase sem possibilidade de ser visto, eu vi.

Passava o rei de Espanha a cavalo. Era um rei intermitente, aparecendo e desaparecendo, como uma lâmpada fundindo. Ondulava. Mas vi bem como estava de costas muito esticadas, importantes ou orgulhosas, e convenci-me de que sorria. Era indubitavelmente um rei contente. A coroa luzia. Foi por causa da coroa que o percebi. As pedras preciosas eram excêntricas e gostavam de fazer luz nos lugares mais apagados e, ondulando, a coroa acendia em cima e em baixo, passando, e eu, muito pasmado, estremeci inteiro.

Julgo que o rei de Espanha andava a caçar animais lentos, ou então ia apenas a passeio. Porque não ia à pressa, mas também não estava com ar cansado. Estava satisfeito. Talvez já trouxesse a caça morta no dorso do cavalo ou arrastando nas ervas do chão. Pensei que a rainha devia ter criadas para cozinhar um banquete, a

mandar apenas pôr mais sal como se fosse ela a cozinheira mais sabichona e esperta.

Alguém me ensinara que os reis portugueses haviam sido mortos no Brasil. Depois do Brasil, dizia-se assim, não havia mais reis que nos servissem. Os melhores ficaram por lá. Isso acabou com a monarquia e nos deitou à democracia e depois à ditadura e depois à democracia outra vez. Incapaz de entender o melhor e o pior, eu mais me convencia de que bom seria se procurássemos no Brasil os reis a sobrar. O que lá se houvesse esquecido para sabermos se nos defendiam da ameaça espanhola. Foi o meu pai quem me explicou que já não queríamos reis. Nem bons nem maus. Que Deus melhor se fazia escutar através dos votos de toda a gente. Era uma fala eloquente, a de Deus. Medida pelo discernimento da maioria. Nessa noite, não sei a que propósito, o meu pai jurou que havia uma cidade chamada Maputo. Eu não poderia acreditar. Tão próxima de ser uma palavra mal-educada. Como se a cidade inteira disfarçasse um palavrão no seu próprio nome e os adultos, absurdamente, nem sequer o tivessem entendido. Juntei às minhas colecções. Não me escandalizava. Divertia-me. Imaginei que só viveriam em Maputo pessoas com muito sentido de humor. O meu pai viria a assegurar-me de que ali seria um dos lugares mais bonitos do mundo. Tive a certeza de que sim. Escrevi no meu caderno. Subiu às minhas preferidas. Era uma das minhas palavras preferidas. Sonhei que haveria de ver os pirilampos de Maputo.

E acalmei. Se viessem por mim, os espanhóis, o Marco entraria por ali adentro aos pontapés até desistirem de me raptarem.

O apocalipse das crianças

Constou, ao menos em Paços de Ferreira, que o mundo poderia acabar na noite de 12 de agosto de 1978. Dizia-se que um corpo celeste entraria atmosfera adentro e abalaria a pedra gigante do planeta, eventualmente pulverizando tudo pela galáxia, como acontece com um sopro na farinha. Estávamos de férias grandes, os dias bonitos, tudo muito desadequado a um problema tão definitivo.

Havia um fosso entre os adultos e as crianças. Explicavam-nos nada. Éramos soltos aos caminhos de terra batida para que imaginássemos soluções para cada coisa, soluções para o tempo.

Brincávamos de asneiras. Com lama, rãs, frutos que apodreciam no chão. Nas chuvas das primaveras caíam girinos das nuvens e ficavam pelas poças de água. Dizíamos que eram colherinhas. Enchíamos latas de colherinhas e íamos deitá-las aos tanques abandonados. Durante o verão, espreitávamos os tanques e todas as fundas de água para vermos o quanto haviam crescido, se fariam suas conversas cómicas e se já se tornavam verdes, papudos e feios.

Gostávamos uns dos outros com reserva de malandragem. Naquele dia, recebida a notícia, discutíamos a maior ou menor probabilidade de Paços de Ferreira ser uma vila incluída na catástrofe do planeta. Para alguns, era ridículo achar que uma localidade tão esquecida pudesse importar para um pedregulho celeste.

Certamente, as grandes cidades partiriam para as estrelas, mas os lugares como o nosso haveriam de ficar sossegados, no pasmo do costume. Outros de nós, estupefactos com a indiferença dos adultos, ponderavam que chegava o fim do mundo apenas para as crianças. Uma qualquer decisão da natureza ou de Deus havia sido tomada para exterminar as pessoas pequenas que começavam, ainda torpemente, a conquistar a vida.

Como éramos crentes, colocávamos a hipótese de ir pedir socorro ao padre ou à dona Alice. Eles que fossem a conversas com Deus, que pedissem à Sílvia Cardoso, fizessem lá modo de guardar a vila inteira na sacristia. Na nossa cabeça, claro que nada se atreveria a atacar uma igreja. Por outro lado, eu não tinha ainda a primeira comunhão, não me confessava, estaria na linha de abate com toda a certeza. Aspirava a uma santidade que era rebelde e despreparada. Pouco me importava que o padre salvasse apenas os cumpridores. Precisava de uma salvação para quem acabara de entender a urgência de se estar sempre apaziguado com as obrigações fundamentais.

Havia na Cavada um velho simpático, o senhor Domingos, que vivia numa casa grande de lavrador onde entrávamos por um imenso portão de madeira à medida de carroças e gado. Sorria-nos e contava histórias breves com alguma curiosidade pelo frenesi da infância. Estava sempre com um pião na mão. Esculpia-os na melhor madeira como a fazer obras de arte que giravam. Pedíamos-lhe que um dia se lembrasse de nós. Haveríamos de ser campeões do pião se ele nos agraciasse com uma obra daquelas. Ele prometia que sim. Perguntava quem era de nós o mais tratante. Queria dizer, o mais rebelde. Eu encolhia os ombros. Mesmo arranjando asneiras para fazer, era uma alma de passarinho. Andava sem maldade e a coragem de que me lembro era toda assente na incúria e na ingenuidade.

Eu sentia que, por aqueles critérios, nunca chegaria a minha vez de receber o pião.

Perguntamos-lhe se era verdade que o mundo acabaria naquela noite. Explicou-nos que ia haver uma chuva de meteoritos e que isso acontecia tão longe que o mais certo era nem mudar o vento que nos sopraria à janela. Como não conhecíamos ninguém mais velho e certificado para saber de assuntos, chorámos. Estávamos de férias, os dias de sol muito bonitos, não fazia sentido algum que morrêssemos avulsos como faúlhas, pairando por sobre as casas e os rios. Pairando na escuridão fantasmagórica da noite.

Quando me deitei, sumariamente disfarçando a ansiedade e sem querer parecer lingrinhas aos olhos do meu pai, das minhas irmãs e, muito menos, do meu irmão, eu olhei para a minha mãe e pensei que a natureza não nos teria inventado se fosse para nos dar tão escasso tempo e tão pequeno entendimento. De todo o modo, o tempo tornou-se quase insuportavelmente veloz. Nunca mais pude confiar nos meteoros. De certa forma, a infância morreu um pouco ali, o resto é o acumulado hercúleo que representa a violência da agreste maioria e a precipitação.

Gostaria de voltar àquele dia. Teria sido importante que as crianças não fossem tratadas como à sorte, encarregues de encontrar a sua própria luz. Porque, quando se procura a luz sem uma direcção, o mais certo é estarmos já sob o candeeiro aceso e não o sabermos distinguir da escuridão.

Passara a tarde toda com o Nandinho. Deixei-o à entrada da fábrica dos pais, segui para cima na avenida, embora. Não sabia se nos veríamos novamente. Era possível que ardêssemos dali a pouco, aos gritos, punidos pelo apocalipse que não pouparia nada, nem um poema. As palavras movendo-se, talvez, pelo poder inegável que tinham, figuravam na minha colecção como

um quebra-cabeças. Se as pudesse combinar num resultado perfeito, pensei, Deus encontraria ternura suficiente para desviar as pedras celestes e permitir que vivêssemos ainda. Um poema que enternecesse Deus em favor das nossas vidas tão baratas.

Inventando minhas próprias preces, encolhido sobre a cama, adormeci de tanto esperar. Acordando a 13 de agosto na luz sempre fresca da manhã, as árvores benignas de verão estendidas pelas janelas fora, a infância ainda disponível, os meus pais e os meus irmãos igualmente em redor do pequeno-almoço. A Sónia Braga não corrompera nada e São Bento não me daria milagre se fosse para tão depois me finir sem utilidade, sem sentido. Pensei que éramos culpados de nada. Íamos merecer dignidade, sim. Haveríamos de ter um pião do senhor Domingos.

Como nos instantes em que caía e o menino horizontal deitava a mão sob o meu joelho, o menino horizontal poderia haver batido os meteoritos de cima de nossas cabeças. Os mortos podiam jogar à bola com pedras gigantes. As almas eram elásticas. A alma do Casimiro, pelo menos, ia de São Cristóvão de Selho, onde se sepultara, até Paços de Ferreira, onde vivíamos. Por ser tão extenso é que o seguíamos considerando da família. De outro modo, significaria que nos abandonara. E não era verdade. Jamais nos abandonou.

As palavras poderiam parir o seu significado

Era comum que, entre as crianças, guardássemos papel e ferro, cobre e alumínio para vender na farrapeira. Dizíamos assim para o ferro-velho que comprava ao quilo por uns escudos muito pouquinhos. Melhor era o cobre, mas não se arranjava em lado algum. O papel, que rendia muito menos, tornava-se mais fácil. Mas, nos 1970, nada abundava. Guardavam-se as revistas em casa, os livros da escola, os cadernos. Liam-se os jornais diários nos cafés e as compras eram embaladas contidamente. Por mais que buscássemos desperdícios, desperdiçava-se menos, muito menos. A vida era toda poupança e contenção, era toda demora e decoro.

Sabíamos de cor o preço do papel. Já não me lembro, talvez um escudo por dez quilos. Quando subíamos ao farrapeiro, trazíamos até cinco escudos. Depois, comprávamos rebuçados de coroa, um por cinquenta cêntimos, com um boneco de plástico de oferta. Durante muito tempo, figurinhas do desenho-animado *O Pequeno Vickie*, que adorávamos. Apodrecemos os dentes também por amor.

Remendar a roupa e reutilizar a roupa dos irmãos era a normalidade. Até de meninas para meninos, com pequenas virtudes de costura que todas as mães tinham, mudavam-se os géneros aos casacos, às camisas, até às calças. Colocavam-se reforços nos cotovelos, nos joelhos, iam os sapatos cinco vezes ao sapateiro, para solas, mais solas, pedaços de pneu colados e cosidos a ver se

aguentavam mais um inverno inteiro. Aguentavam, mesmo com jogar à bola, pontapés às pedras, trepar muros e árvores, distraidamente cair em poças de água, alagar os pés na chuva constante, andar muito à chuva, fazer tudo para brincar mais um pouco, na rua, nos campos, até termos todos gripes e sarampo e lombrigas e parvoíces que não nos retiravam fúria nem infância. Em Paços de Ferreira, à solta, nós tínhamos direito a tudo. As crianças eram de si mesmas, a intuir virtudes e defeitos em todas as ideias, sem estarmos sempre acompanhados por adultos, que queriam moderar nossos modos como se moderassem o mundo. A infância ainda era alarve. Muita. Uma fartura arrebatadora.

Uma vez, recebi uns marcadores franceses que a família do meu pai me trouxera. Eram mais capazes de pintar, tinham folia nas cores, faziam desenhos vívidos. Na escola, em torno dos meus marcadores estrangeiros, as crianças pasmavam. Por mos pedirem emprestados, para os cabelos das meninas loiras ou para os raios de sol, para ligar luzes aos carros ou para os peixes vermelhos do lago, meteram-se os bicos para dentro em pouco tempo. A generosidade dos marcadores estrangeiros não poderia sobreviver à incauta mão infantil. Com a pressa de pintar, mais a disputa, duraram talvez um mês. Fui um herói de apenas um mês. Expirei, depois, largamente. Ainda chorei agarrado aos meus marcadores mortos, que tanto haviam servido para minhas palavras escritas em festa, nobres, engalanadas como quase parindo aquilo que diziam. Escritas no grito da cor, as palavras prometiam parir o seu significado, consumando diante de mim os amigos que inventava, o laranjal da casa dos meus avós, um Toyota, o Caetano Veloso inteiro, um cão mimado para andar comigo a escavar pirilampos. Tudo. Tudo o que eu pudesse imaginar e reduzir a escrito ficava prometido à realidade.

Depois, eu e o Marco ressuscitámos os marcadores. Arrancámos-lhes os rabos e retirámos a esponja de onde pingava a tinta e, com um arame, empurrámos os bicos para fora e mais uma gota de álcool. Aos remendos, na cultura de remendos em que vivíamos, os marcadores estrangeiros voltaram fugazmente a pintar. Invejosos, os colegas contavam que a graça de São Bento tinha dado para pinturas e tudo. Nessa altura, mesmo sem talento, porque era apenas vontade, houve a ideia de que quando chegasse a grande haveria de ser artista de quadros. Ia ter exposições e fazer as caras das pessoas para serem lembradas.

Quando os marcadores franceses secaram de verdade, tratados por mim com todo o carinho do mundo, mas já aflitos sem mais vida, guardei-os com a maravilha de, em dias húmidos, talvez no pior inverno, os ver ainda deixar um resto de luz. Quase só a fé era tinta. Nos dias húmidos, muito de vez em quando, os marcadores faziam um traço. Parecia uma relíquia deixada no papel. Um bocado de ouro que a galinha ainda pusesse. Uma voz sumida que, espaçadamente e já do além, regressava para me cumprimentar. Fazia segredo. Era espiritual. Naturalmente.

As árvores eram óculos de submarinos

Acreditei, então, que as árvores fossem óculos de submarino à espreita das nossas vidas. Talvez não todas. Mas algumas erguiam-se decididas como metais eternos e entre as ramagens escondiam pequenos golpes, verdadeiros cílios, lugares de olhos que se moveriam discretamente. Quase cintilavam em sua escuridão, como cintilavam os esgares mais negros nos adultos sinistros. Desconfiava das tantas árvores na nossa casa. Muitas, apenas distraídas com suas graças solares, pássaros cantores todos à pressa, outras, tensas, muito atentas, nada aparentando gostar da vida ou de pássaros. Eram funcionárias, certamente militares, afundavam na terra algo mais complexo do que raízes, deviam ter um bojo enterrado, uma sala de operações, túneis longos para chegarem de umas às outras, a espiarem Paços de Ferreira inteira, a praça da polícia e da Câmara, o nosso lago de peixes vermelhos, até ao topo da igreja, e depois pela Avenida Primeiro de Dezembro abaixo, a nossa casa, a terra da Cavada, e muito além onde se saía para o Mosteiro de Ferreira. Os pássaros nem queriam as árvores assim. Tendiam a ser mais secas, perder a folhagem, algumas eram como ardidias, austeras em suas ossaturas algo ao abandono. Como os óculos dos submarinos. Não eram enfeitados, os óculos dos submarinos. Existiam sem beleza. Apenas função, serviço. Conspiravam a favor de outros países. Nós, imaginava eu, estaríamos cobiçados pelos

espanhóis, esses que por séculos vinham encantar nossas solteiras e prometiam tomar propriedade dos nossos castelos e poços de água limpa. Aqueles sobre quem a minha mãe avisava constantemente.

Tinham sorte as pessoas que viviam mais juntas, onde sobravam plantas baixas, folhas tontas que se divertiam com abanar ao vento. Em direcção à praça estavam mais juntas as construções, sem quintais, apenas uns bocados de pátios ou estacionamentos com intuitos práticos. Assim, a filha do senhor do gás. A menina loirinha de quem esqueci o nome. Era linda. Eu ia falar-lhe quando me acometia de coragem. Diziam os velhos que a queria namorar, mas eu ainda não sabia namorar e tinha medo de a pedir para algo que não conseguisse fazer. Os meus planos eram para casamento no futuro, mais nada. Ela cuidaria de mim, evitando que eu me tornasse bêbado ao abandono nas ruas.

Pedi-a, ali à porta da loja do pai, em frente à pastelaria, e ela com seu jeito muito fino, educadíssima, respondeu que só namoraria aos dez anos de idade, antes disso, não. Eu nem entendi por que não me contive. Julgo que foi um ímpeto imbecil de propriedade. Queria que ela anotasse o meu nome numa caderneta de aquisição, que validasse o meu privilégio, a minha prioridade, para afastar outros lambões de se abeirarem com amores e amizades. Era o que eu queria, ser escolhido e ganhar direitos diante da menina mais bonita da vila. Nem a Clarinha, da Ourivesaria Sousa, a melhor amiga da Marisol, nascera tão alva e perfeitinha quanto a filha do senhor do gás.

Tenho uma memória horrenda para nomes. Perdi o nome da primeira menina com quem quis casar, e isso arrelia-me.

Eu disse-lhe: as árvores podem ser óculos de submarinos que andam enterrados ao invés de afundados no mar. E ela riu-se. Eu repeti: óculos de nos

espiarem para saberem o que fazemos e informar os governos, se calhar, governos inimigos com presidentes da república. Eu sabia muito mal o que eram os governos. Pensava que seriam como mercearias grandes onde pessoas, como o senhor José da Anita, mandavam comprar carne e pão e depois decidiam a quem vendiam, para escolher quem comeria e quem não comeria. Quem não conseguisse comprar teria muita fome. E a filha do senhor do gás pensava outra coisa. Acreditava que as árvores eram cabides de passarinhos. Para se pendurarem e serem felizes. Depois, perguntou-me por que haveria eu de querer namorar. Nunca lhe diria que era por gostar dela ou por já ter problemas no corpo, os testículos a descer, não teria coragem para assumir algum tipo rudimentar de amor. Eu assumi que tinha intenção de casar. Pareceu-me algo decente de dizer e era a verdade mais pura, algo que me poupava a ser mal-educado, um rapaz sem respeito. Ela prometeu que casaria comigo depois de muitos anos de idade. Era importante que conversássemos tanto, mais do que nos discursos dos homens da televisão. Até lá, não podia comprometer-se, e teria sempre de pedir à mãe. Estava obrigada a ajudar os pais na loja e faltava-lhe estudar as letras até ao fim e os números depois de mil. Tive a impressão de que era uma menina complicada. Não retiraria meu pedido de namoro com intuito de casamento, porque não haveria de ser acusado de trocintas ou mentiroso, mas senti certa angústia e luto. Alguma coisa se mostrava inviável.

Ao lado da loja do gás ficava a farmácia. Um dia, fui comprar um veneno para os piolhos. Tinha tanta vergonha de ser visto pela menina que dei a volta ao quarteirão inteiro de modo a não passar diante da loja do gás. Entrei na farmácia com o rosto caído e quase sem voz, cheio de medo que me acusassem aos vizinhos. Eu nunca poderia casar se tivesse a desonra de apanhar

pioelhos. Todos os alunos apanhavam, mas todos os alunos diziam que não. Tanto diziam que imperava a dúvida de saber se alguém seria eleito para não padecer daquilo. Comprei um pente e um pó. A minha mãe lavou-me a cabeça cheia de nojo e enrolou-me numa toalha que não pude tirar por horas. Que desolação. Estariam os bichos a barrigar de mortos, e eu humilhado a imaginar dez modos de a menina perfeita saber que sucumbira à imundice dos mais tristes. À janela do meu quarto, as árvores pareciam esticar os pescoços para verem melhor e fazerem seus relatórios para os espanhóis. Cretinas. Disfarçadas na maravilha dos pássaros, talvez já estivessem a informar a loja do gás acerca do meu desencanto. Fechei as portadas. Por medo ou humilhação, decidi que não casaria mais com aquela menina. Era a minha dignidade contra a vergonha. Passaria a fugir-lhe. Preferia que nunca me pudesse questionar acerca de algo sujo, pobre, falhado. Preferia que julgasse que eu partira. Pensaria que teria partido para minhas importantes observações acerca de submarinos em terra e governos que decidiam a quem vender a carne e o pão. Julgaria que eu virara estrangeiro, no outro lado do mundo, a saber falar línguas impossíveis, a colecionar palavras de outros significados nunca vistos e a escrever cartas para negócios e muitas receitas de paz. Eu tinha recorrentemente sonhos pela paz. Devo ter ouvido na televisão. Nada me soava mais decente do que um trabalho que fosse todo contra a guerra. E eu ia ser esse homem, a mandar fazerem paz nas terras onde as pessoas se zangassem. Para depois ficarem amigas, beberem das laranjas e casarem com roupas novas ou muito bem lavadas. Aquietei-me. Lembro-me de adormecer a pensar que seria adulto no dia seguinte. Esse futuro chegado tão rápido foi essencial para sobreviver ao perigo da infância, comprometido que me

encontrava com ideias tão irreais. Com tão grandes ideais. Ela ia pensar que fui para Angola. Por mais inacreditável, eu era de Angola. Onde pessoas diferentes existiam, como se eu fosse também diferente e estivesse muito bem disfarçado no meu corpo magérrimo de menino melancólico, à deriva. Um dia, eu haveria de ser negro. Não seria nada verdade que estivesse impedido. Nascera na terra dos negros, haveria de regressar e reclamar minha negritude e certamente ser mais feliz ou, ao menos, aliviado de tanta melancolia e necessidade de salvação.

Assim foi. Voltei a ver apenas uma única vez a menina perfeita, filha do senhor do gás. Fugi-lhe em profunda vergonha. Iniciei assim meu jeito triste no amor. Tive poucas dúvidas de que falharia por toda a vida.

Naquela altura, secretamente, sempre grato por assistir mais do que existir, eu acalentava o desejo de ganhar verdadeiramente vocação. Haveria de maturar para uma utilidade. Eu haveria de ser capaz de ajudar os que sofriam. Pouco ou muito, mudaria o mundo.

A ambulância para doentes felizes

Chegou a família brasileira, e eu ficava na rede do muro do nosso quintal à espera de ver. A Marisol fora quem dera conta primeiro, soubera de imediato, as meninas teriam a sua idade, estrearam na sua escola, não se falava de outra coisa. Eram rigorosamente brasileiras, falavam exactamente igual às figuras das telenovelas, diziam bacana, uma palavra constante nas minhas colecções. Disfarçando de brincar pelo chão, à cata sempre de bichinhos que queria salvar, levando caracóis para junto das folhas frescas ou mudando minhocas para as lamas mais nutrientes, replantando rebentos de cactos e trazendo água na concha das mãos para regas mínimas, eu demorava junto à vedação para espiar se saíam à rua as pessoas verdadeiramente brasileiras. A Flor, que era amiga de uma Corina, já sabia como iam ficar as telenovelas, o que surpreendentemente aconteceria nas telenovelas que se viam em Portugal com um ou dois anos de atraso. Era a presciência mais valiosa do fim dos anos de 1970, saber como acabariam as histórias pelas quais nos afligíamos e maravilhávamos. Talvez fosse o tempo de passar o *Pai Herói*, com o Tony Ramos e a Elizabeth Savala, e era insuportável ponderar que não ficassem juntos, que algo os impedisse de um amor para sempre. Mas as brasileiras prometiam um final feliz e era como anunciar a boa nova por que todos esperavam. Naquele tempo, tão importantes as telenovelas, a redenção das

personagens mais dignas e apaixonadas era uma vingança por toda a tristeza e dificuldade que a vida real oferecia. E eram as suas histórias bem mais melancólicas. Como poderíamos escutar Elis Regina cantando *Fascinação*, julgo que na novela *O Casarão*, sem que sua espessura se tornasse uma beleza soturna, uma quase reencarnação de Chopin, com seu jeito palaciano de ser belo e triste. O mais belo e o mais triste. Que Tony Ramos ficasse com Elizabeth Savala no final de *Pai Herói* era uma necessidade portuguesa, ao menos do Portugal de Paços de Ferreira, onde eu estava.

Ainda não os vira e noticiou-se a inaudita coisa de a família brasileira ter oferecido uma ambulância ao quartel de bombeiros da vila. Era algo tão gigante, isso de que se pudesse oferecer um carro inteiro numa terra de simplicidade, que nos mantivemos incrédulos. Seria certamente um equívoco. Um absurdo. Não havia pessoas tão ricas que lhes sobrasse tanto quanto uma ambulância. E o meu pai veio à hora do almoço e confirmou o que se tornara conversa por toda a parte. O pai das brasileiras oferecera uma ambulância à nossa vila. Minha santidade infantil estremeceu. Não podia haver ninguém melhor do que os brasileiros de verdade que eu, depois de dois dias a brincar junto às redes da vedação, ainda não conseguira vislumbrar.

Fomos ao quartel dos bombeiros apreciar a ambulância nova, bem pintada, que se mostrava a todos como prova bonita da bondade de alguém. O meu pai tinha um carro pequeno, velho, difícil de levar a família inteira dentro. A ambulância era enorme, um luxo, como se fosse para transportar doentes felizes. Eu e os meus amigos ficamos estupefactamente felizes. Se caísse às terras aluentes da Cavada, partindo uma perna, seria deitado ali dentro, e a luz vermelha ia rodar buzinando o alerta para nos deixarem passar. Que orgulho haveria de ser que nos fossem buscar à Cavada naquela ambulância cintilante.

Um final de tarde, remexendo com um pequeno pau a terra onde procurava pirilampos, o senhor brasileiro desceu à garagem, mesmo diante de mim, diante da nossa vedação. Aos meus olhos, ele era de cristal, fulgente e de todas as cores, exactamente como o caleidoscópio na mesa baixa da sala da dona Anita. Aos meus olhos, que julgo nunca mais terem encontrado aquele senhor, só podia ver uma espécie de incandescência flamejante, o sol inteiro do Brasil e uma água genuinamente viva. Ao escuro daquela hora, os meus bichos favoritos eram os pirilampos. Levantavam acesos sem outra explicação senão a da magia. Naquele dia, mesmo antes de a minha mãe chamar por mim no cimo das escadas, os pirilampos levantaram, e eu soube que celebravam como eu o gesto daquele homem. A minha palavra preferida foi pirilampo, porque significava um bicho absurdo, e significava a luz própria contra a escuridão, e significava o levantamento desse milagre a partir da terra mais imunda, significava que o Casimiro poderia acender-se por mais morto que estivesse, e significava a celebração daquela bondade, como significava o esplendor do Brasil, e significava Portugal inteiro por libertar de uma vez por todas, como significava a ambulância. As ambulâncias, como os pirilampos, acendiam em corrida pelo caminho.

A minha mãe pediu à nova vizinha a receita para fazer pizza, porque ainda não havia pizzarias, e só víamos nas revistas como deviam ser bonitos e saborosos aqueles círculos de pão e queijo coloridos pousados nas mesas. Passámos a comer uma pizza de atum com muitas azeitonas pretas. Ainda hoje peço nos restaurantes pizza de atum com a esperança de que seja exactamente igual à da família brasileira, mas nunca é.

As moças brasileiras ficaram amigas das minhas irmãs. As minhas irmãs saíam com elas à rua inchadas de orgulho, porque as pessoas todas, sempre comovidas,

faziam vénia e sorriam. Havia gente que dizia que as moças brasileiras eram as mais belas de todas. Elas eram, na verdade, sorridentes, e eu senti que também seriam muito felizes na nossa pequena vila.

Um dia, a Marisol fez aniversário e foi festejar com festa na garagem delas. Na noite desse dia, ali pelas oito horas, uma outra menina, filha de um vizinho português, mostrou-me tudo. Já não era a primeira vez, mas eu queria sempre ver, embora ela não quisesse sempre mostrar. Um amiguinho surpreendeu-nos e quis ver também, mas a menina respondeu que não. Ela disse que mostrava apenas a mim, porque eu era amigo das brasileiras. Entendi que as brasileiras eram como um toque de Midas que me transformava num menino de ouro.

A vocação da família é ser outra família também

Podia ser que nos roubassem a Marisol. Por se tornar tão bonita, era comum que as pessoas parassem o que faziam para a olharem. E admiravam-se a comentar e a perguntar de quem era. Os rapazes, alguns muito homens, muito velhos, travavam as motas, abrandavam os carros de a verem no passeio. E ela era apenas uma menina, com seus quinze ou dezasseis anos, a ir para a escola sem ordens para dar resposta alguma. A minha mãe dizia-lhe que fugisse. Se viessem, que desatasse numa corrida para onde estivessem as pessoas e demorasse, até irem embora. Os desconhecidos lamentavam que uma beleza assim estivesse escondida no planalto de Paços de Ferreira. Prometiam-lhe televisões, fotonovelas e telenovelas, prometiam-lhe viagens por países e hotéis, amores eternos, pulseiras e casacos de golas largas. Podia ser que virasse uma cantora famosa, a ganhar muito dinheiro, com diamantes pendurados nas orelhas, ou safiras e esmeraldas. Talvez fosse ao Brasil conhecer o Roberto Carlos. Eu sonhava que pudesse conhecer o Caetano Veloso e que tivéssemos lustres de porcelanas cheios de lâmpadas.

A Marisol ia à rua e a minha mãe chegava a espreitar ao portão para ver como seguia até para cima, à casa da Clarinha, ou para baixo, à casa da Cristina, a irmã do Renato. Ou esticava-se de uma janela, tantas vezes já a ver como paravam as motas a dizerem ideias mal-educadas. A minha mãe afligia-se e falava. Mais valia

que se metesse em casa, entretida com alguma tarefa, escondida de ser bonita, adiada de ser feliz.

Um moço atirou pedras ao quarto dos meus pais julgando que era o da Marisol. E ouviu-se a sua voz chamar. O meu pai saltou da cama a abrir as portadas, enfurecido, ameaçando de impropérios e bofetadas. A minha mãe convencera-se de ser o filho de não sei quem. Era certamente o malcriado do filho de não sei quem. E o meu pai bem que devia lá ir bater-lhe à porta para o acusar, orelhas puxadas como se ensinavam os que não tinham respeito. Aquilo era uma constante. A promessa de puxar as orelhas aos rapazes que julgavam ter direito de falar com a minha irmã sem sequer a conhecerem.

Eu sabia que devíamos todos ficar atentos. Se houvesse medo, alguma confusão com esses das motas que vinham de Freamunde, da Seroa ou Santo Tirso, velhos e até bêbados, devíamos ir gritar por ajuda. Nem que ao emprego do meu pai, atrapalhando-o, avisando de onde vínhamos. E ele correria a enxotar quem ali rondasse a paciência e o coração da minha irmã.

Quando um moço perfumado a visitou, muito arrumadinho e de conversa fina, fui vê-lo como se iam receber os compradores. Pensei tudo de mal acerca dele. E ele esperava pela Marisol, e a Flor dizia olá e outras coisas de demorar um bocadinho por educação. E eu gostei menos ainda. Não era bom que viesse pela Marisol, não era bom que falasse à Flor. As minhas irmãs eram a fortuna maior da casa. Se quisesse, que fosse falar com o Marco. Na expectativa de namorar contra alguém, que fosse conversar contra o Marco, que certamente lhe acertaria a mão na cara para aprender a não rondar a nossa família, para aprender a não andar a negociar a invenção de uma nova família justamente com a separação da nossa.

Que nervos, quando me diziam que era tão simpático. A minha mãe havia gostado muito dele. Era tão simpático e amigo. Para mim, parecia pouco. Não se casavam as moças com sorrisos fáceis. Acho que foi a Flor quem disse que ele era boa pessoa. A sua opinião límpida. Não era suficiente para me convencer. Não se casavam as moças por bondade. A vocação da família é ser outra família também, começada com essa entrega que nos prejudicaria em favor daquele perfumado e seus futuros filhos. O engenho de uma decisão dessas teria de ter contas de matemática acerca de tarefas e palavras, o que cada um sabia fazer e o que cada um sabia dizer. Para mim, respondia eu, a bondade posta em números e em palavras é só um bocado do problema a resolver. Mas é por onde tem de começar. Se quiser casar, temos de contar tarefas e coisas de falar.

As boas pessoas podiam cometer erros. Eu tinha muita dificuldade em entender isso. Que as boas pessoas, sem se interromperem de serem assim, podiam normalizar gestos duros, cruéis, que não conseguiam nem queriam controlar. Assim era a minha avó materna, que saía da cozinha para a esquina exterior e se irritava por eu lamentar os animais. Não se choram os bichos, porque azeda a carne. Mas eu tinha particular pena dos coelhos, que deixavam bolinhas pelo chão e caminhavam em saltos divertidos, tinham as crias deslumbrantes, não poderiam ser mais lindos. E a minha avó dizia: Pibo, vais levar uma tareia. Se a janta azeda, tu levas uma tareia.

Tomava o coelho pelas patas de trás e rodava-o como hélice no ar. Forte, mais rápido, até que se visse um traço estendido como nos helicópteros. Então, batia a cabeça do coelho na esquina. O bicho, incapaz de fazer músculo, apagava naquele instante à mercê da fome das pessoas. A minha avó passava-lhe um atilho nas patas traseiras, pendurava-o assim num prego da parede, com a faca, tirava-lhe um olho e deixava-o sob uma vasilha

para colher o sangue que lentamente haveria de escorrer até secar o interior mais longínquo do animal. E eu dizia: coitadinho. E nunca mais comi carne de coelho. A minha avó, que matava coelhos como guerreira sem piedade, nunca me bateu. Nunca me pôs a mão. Fungava.

Subitamente, perguntou: tu, medricas, de que mais tens medo. E eu respondi: que a Marisol case e vá viver para as fotonovelas ou para as telenovelas. Que a deixemos de ver ao pé, porque temos de cuidar dela para não ser roubada e porque a bondade parece pouca coisa em troca. Isso não é medo, disse ela. É saudade. Haveria de sentir o mesmo pela Flor e pelo Marco. Pensei nisso.

Quando o perfumado vinha lá por casa, eu sentia saudade da minha irmã. E já espiava a Flor e sentia saudade da Flor. Muito pequeno, eu talvez intuísse que o futuro das moças passava rente ao abismo. O dos rapazes abrigava-se melhor do lado de dentro dos caminhos. Sem o poder entender por inteiro, sem explicar, à época, eu rebelava-me com a normalidade de as mulheres serem secundarizadas. A minha sensibilidade tinha muito que ver com ser menino de minha mãe e irmãs. Seus padrões femininos eram-me carinho e naturalidade. O grau bruto dos homens causava-me medo e repulsa. Os homens habituavam-se a ser assustadores, e eu não suportaria o medo da minha mãe e irmãs.

Perguntava: avó, se eu rezar ao meu Cristo verdadeiro, ele escolhe um namorado para a Marisol que nunca a assuste. A minha avó materna respondia: o teu Cristo, por ser verdadeiro, vai escolher tudo o que lhe pedires. Tens os milagres todos à mão.

Também eu acabei por considerar o rapaz simpático. Deixou-me ver o seu carro. Já tinha um carro, esse património impressionante que era como casa sobre rodas. Se perdesse onde viver, poderia abrigar-se ali,

junto do volante, com pequenas luzes que acendiam, um contador que ia quase aos duzentos, embora ele jurasse que nunca chegaria àquelas velocidades para não se acidentar, não morrer, não assustar sequer quem passasse nas ruas. Pensei que bom seria para a Marisol passear de carro, no banco da frente, a ver as terras, mesmo até ao Porto, à tarde, para onde iam os adultos sem medo.

Tínhamos ido ao Brasília, o centro comercial, que tinha escadas rolantes e luzes. Para mim, o Porto era uma festa de junho. A Marisol podia viver em junho. Seria tão grande sorte.

Salário, fruto de trabalho, engenho, sustento,
mantimento, gesto para a sobrevivência, saúde,
futuro

Terá sido no fim da quarta classe que nos fotografaram, esticados à mesa grande da professora, diante do quadro. Tiraram das vitrinas os cubos de jogar com os quais nunca brincáramos e suspenderam sobre a lousa um cartaz que nunca víamos. Devíamos sorrir fazendo de conta uma paz sincera.

Comecei por pensar que não fariam o meu retrato. Era costume não contar para muito. Não levava ordens dos meus pais, não estava certo de ser seguro, de ficarem contentes. Por outro lado, haveria de ser acusado de estar a mexer em brinquedos e livros que não eram meus. A professora abriu o caderno de uma menina na mesa para enfeitar. Era tudo de enfeitar e mentira.

Não tivemos aula. Havia uma alegria intensa nisso. E alguns meninos tinham também medo da fotografia e praticamente todos estávamos com vergonha. O Manuel pediu para segurar a régua que o pai fizera, mas não deixaram. Muitos pediram o mesmo. Mas não deixaram. Por causa dos piolhos, mexiam-nos nos cabelos com um ou dois dedos. Mas nós tentávamos estar penteados e perguntávamos uns aos outros se parecíamos bem. Eu lembro de pensar que, se não estivesse bem, os meus pais iam zangar-se mais ainda.

Chamaram por mim, talvez por um lapso, e eu subi ao estrado da professora, sentei-me na sua cadeira e

acomodei as mãos no colo. Depois, o senhor que fotografava, que o verso da fotografia diz chamar-se José A. Passos, explicou: não é assim. Põe as mãos nos cubos como se estivesse a brincar. E eu levantei as mãos e parei com elas sobre os cubos, e não tive mais coragem do que apenas pousá-las, sem me admitir grande posse, mas, ainda assim, numa súbita e arrebatadora felicidade. Uma perplexa sensação de dignidade. Entendi, naquele instante, que eu haveria de aparecer como um menino em paz, cheio de brinquedos ricos. Isso apenas, a construção de uma imagem ficcionando outra criança que não eu, era importante. Era igual ao que fazia nas palavras, aquilo que se chamava poema. Em movimento, as palavras diziam outras coisas. O meu corpo, na fotografia, era um movimento. Dizia outra coisa. Uma que poderia ser esperança. Algo melhor do que o habitual.

Umás semanas antes, a professora mandara que anotássemos provérbios de que se lembrassem as pessoas. Por maravilha, ganharia um chocolate quem conseguisse o maior número. Em todo o tempo de escola primária, nunca acontecera nem se repetiu um desafio tão premiado. Ela falara dessas frases sem autor que sobravam na memória de toda a gente e que significavam verdades naturais e culturais. Eu julguei que queria inventar provérbios, criar todos os provérbios que pudesse para deixar escrita a verdade possível de encontrar. Era tanta a minha fixação que não brinquei nesse dia. Ao lado da dona Anita, na caixa do supermercado, perguntei aos clientes de que provérbios se lembravam. Juntos com aqueles de que se lembraram o meu pai e a minha mãe, coligi 172. Julguei, de todo o modo, perder. Os meninos filhos de professores ou de médicos haveriam de trazer resultados muito mais impressionantes. Pensava eu.

Atrasei-me, justamente por ficar a anotar os últimos provérbios de que o meu pai se lembrara, à minha súplica. Concluía já que um menino teria o maior número de frases colhidas. Lembro-me tão bem. Tinha conseguido 41 frases. Alegravam-se em seu redor. Parei à entrada da porta, aguardei. A professora em palavras de certa festa, e o outro menino balançando as pernas de contentamento. Levantou-se da sua grande mesa, abeirou-se de mim. Bateu-me a cara. Naquele dia, o susto de estar atrasado e ser batido juntava-se à frustração de apenas levar 172 provérbios e estar certo de perder. Colhidos da boca das pessoas, como esse ouro que sempre vi no que é possível dizer, pareciam-me tão poucos provérbios. Quantos mais existiriam no povo inteiro de Portugal. Quantos mais existiriam se perguntássemos ao povo inteiro do Brasil e de Angola. Se eu tivesse, ao menos, podido chegar às minhas tias, que continham palavras infinitas, teria um caderno cheio, talvez mais do que um caderno, sem chegar um dia de 24 horas para anotar tanta maravilha lembrada. Mas éramos numa terra pequena, e o supermercado da dona Anita também, e nem toda a vizinhança passara por lá a comprar os iogurtes e os ovos. Sempre em risos e alarido, entre a absoluta normalidade de me bater pelo atraso, a professora dizia que o menino leria alguns provérbios e ganharia o chocolate. Eu, apaziguado com perder, mas fascinado com descobrir que frases traria ele que me fossem novas, perguntei: quantos provérbios encontraste. E ele respondeu: 41. Fiquei muito corado. Na minha timidez, julguei arriscar-me a roubar um chocolate. Se dissesse uma palavra mais, eu seria um ladrão. Foi o Manuel que perguntou: tu quantos conseguiste. E eu respondi: 172. Ele abriu a boca de surpresa e susto. O meu colega a quem a professora partira o braço, habituado a ficar calado, habituado a desocupar sua camisola verde para não se lembrarem de

mais lhe baterem, para não se lembrar de mais ter fome ou ser triste, ficou rabiando impaciente. Se eu conseguira tantas frases, ganháramos. Nós, os meninos mais ao lado da sala, das carteirinhas de trás, depois das meninas filhas das professoras, ganháramos. E o Manuel ponderou o medo de falar, ficou de rosto corado, mas um fundo de coragem e muita dignidade o acometeu tanto que levantou o dedo e falou: senhora professora, ele tem 172. A alegria de todos na sala foi ruidosa e imediata. A professora congratulou-me, não sem certa relutância. Levantou-se precipitada sobre minhas folhas. Estavam apaixonadamente anotados, numerados, passados a limpo, os provérbios todos que eu ouvira grato e ávido. Perante a sua estupefacção, eu disse: são aquilo dos poemas. Os provérbios são aquilo dos poemas, não são, senhora professora.

Levei o pequeno chocolate intocado para casa. Nunca ganhara nada. Tive a impressão de ser salário, fruto de trabalho, engenho, de ser sustento, um mantimento, um gesto para a sobrevivência, pela saúde, pelo futuro. Aquele pequeno chocolate, um dos baratos que não valeria mais do que meia bola de Berlim, eu entreguei à minha mãe para ser administrado na família, repartido pelas bocas e pela satisfação de cada um, convicto de que, por uma vez, eu cumpria parte do urgente salário, trazendo sustento, um mantimento, cuidando da nossa sobrevivência, protegendo nossa saúde, garantindo nosso futuro. O meu orgulho era enorme. A certeza de que as palavras respondiam à minha natureza estava há muito definida. As palavras haveriam de ser o alimento e a saúde, haveriam de ser o futuro. Haveriam de ser a família quando nem a família pudesse estar presente, pudesse entender ou lembrar.

Este menino é de ossos

Para me arrelhiarem, diziam que eu era uma carga de ossos, um esboço de corpo, magro de nem ser visto direito em lugar nenhum. Não fora o cabelo ou a largura de algumas roupas nem dariam comigo. Era propenso a ser ninguém. Um lugar de sentir. Meu protesto era este: sou um lugar de sentir. Na magreza não se continha muito, talvez nem os órgãos todos, abreviado pelo interior num sistema viário algo económico, mais pobre e afeiçoado à morte, mas eu comprovava a emoção, eclodiam em mim essas constâncias de me comover e seguir conjecturando hipóteses para deslindar o mundo. No meu canto costumeiro, monte de ossos, eu engordava de alma, endereço secreto onde não me mantinha seguro, mas numa avidez incauta que justificava tudo. Mesmo que na rua as pessoas me dissessem: este menino é de ossos, dá-lhe uma aragem e morre.

No nosso último ano de Paços de Ferreira, encerrando um tempo, o Jô Soares era como a lareira da casa, labareda em torno da qual nos reuníamos silentes e suspensos dos dias. Ele era da família, significará para o resto da vida essa unidade inicial que se fazia dos meus pais, minhas duas irmãs, meu irmão vivo, meu irmão morto e eu. O Jô Soares, por si só, a voz dele, o riso, a graça que sanava toda a imprudência do quotidiano, era a família completa. Tão bizarro quanto real. Aquele homem estrangeiro, que nunca saberia de nossos nomes,

significava-nos a todos, unos, eternizados na paz possível.

Julgo que nos moderava nos medos e em quanto faltasse, era um gesto livre, deixava-nos incólumes, podíamos assumir que, por pouco mais de meia-hora, nossa cidadania radicava na democrática alegria da anedota. Dizia: e pensar que saí de dentro dela. E Henriqueta Brieba era tão pequenina, parecia que um ulmeiro tinha nascido de um pé de couve-flor. O Jô Soares expunha o corpo sem medo de ser o que era e de imitar toda a gente. Era muito diferente dos senhores engravatados que faziam graças com algum receio de se confundirem com elas. Como senhores doutores que não podiam parecer palhaços, apenas senhores doutores que passavam para contar o inusitado. Jô Soares abatia todas as regras e ironizava a crise de então, na economia e nos valores. Tantas subtilezas brasileiras não se tornavam legíveis aos portugueses, muito menos a um menino agora de dez anos como eu. Mas era o despudorado do corpo e a gula do riso que me fascinavam. E era muito mais do que isso. Durante aquele instante, como eu a conhecera desde nascença, a família estava junta numa alegria, completa. Quem vivia e quem sempre estivera morto para mim, todos ali juntos à cata do riso. Afinal, à cata do riso que nos valeria por tanta agrura, tanto adiamento e pouca explicação. Haveria de repetir-se, em certas epifanias, com a sísmica figura do Herman José, anos mais tarde.

Pressenti que, enquanto houvesse Jô Soares, minha família original estaria completa. Ele era a completude. Sua voz, igual ao caleidoscópio de refrações infinitas, emanaria a presença de todos, meus pais, minhas irmãs, meu irmão vivo, meu irmão morto e eu.

Na metafísica que eu inventava, enquanto emitissem na RTP os programas do belo gordo brasileiro, eu teria reenvio para a sensação de conforto e paz que se

inscrevera em mim. A partir de sinais assim, da cultura, do amor através dos livros e dos filmes, dos discos e das pinturas, eu não só radicava todas as recompensas como assacava minha forma mais genuína de esperança. Eu acreditei que partiríamos de Paços de Ferreira cuidados sempre por figuras benignas cuja arte nos abrigaria. O mundo era inteiro dentro da arte. Como dentro do poema. E dele haveríamos de emanar, de verdade. Quando faltássemos, quando nos impedissem de existir ou de simplesmente chegar, aberto o poema diria sobre nós e nós estaríamos ali, novamente, em reunião e força. Nem que repetidamente eu emagrecesse àquele tamanho, condenado a ver-me como apenas uma carga de ossos desafiada por sentimentos.

Aberto o meu caderno de minhas palavras, além de Deus, os santos e os anjos, pousaríamos todos, sempre, para sempre. Juntos.

Segundo livro
Caxinas Hardcore

*Eu continuo vivendo nesta terrazinha, que me agrada,
talvez principalmente por ser uma terra morta.*

Antero de Quental, sobre Vila do Conde, em carta a
António de Azevedo Castelo Branco, 06-06-1885

*Meu amor quando eu morrer
Ó linda
Veste a mais garrida saia
Se eu vou morrer no mar alto
Ó linda
E eu quero ver-te na praia.*

Fausto Bordalo Dias, em *Como um Sonho Acordado*

Uma terra de mulheres

Havia crianças e alguns velhos, partiam os homens embarcados por meses em companhias estrangeiras. Dormiam também os das traineiras que saíam noite inteira ao largo do nosso mar. Víamo-los aos fins das tardes ou depois do jantar, quando aviados à espera da carrinha. Perguntavam-se pelas ordens. Quando vinham pelo café vestidos para o frio do alto-mar, diziam: recebi ordens. O mestre mandava por sua companhia e os nossos clientes eram todos pescadores. Sabíamos de suas partidas e regressos e, como as mulheres que ficavam na areia, também nós já medíamos os temporais, incrédulos nos invernos, quando havia naufrágio e deitavam tantos que conhecíamos à terra.

Para trás da nossa avenida, contava-se, uma senhora perdera o marido e todos os seis filhos em dois invernos seguidos. De tão grande família lhe sobraram apenas algumas noras acabadas em tristeza. Agarrava-se ao Cristo, suplicava por suas almas, enlutava, como quase todas as mulheres de nossa capital do mar, vestia preto para não se ver sob o céu cinzento, as chuvas e as ventanias constantes. Dobravam os sinos, ainda havia a pequena igreja bonita e antiga, nos funerais o povo não conseguia entrar, era uma multidão pelas ruas e pelas dunas. Os clientes chegavam ao café com notícias da morte, que se tornava um gesto ininterrupto. E quem morria, exactamente como o Casimiro, não tinha outro ofício senão o de fazer a morte. Industriá-la. Muitos dos

pescadores eram apenas rapazes. Os mais velhos mudavam para o pessoal em terra, remendavam redes e preparavam o barco. Os que navegavam eram os de força inteira, bravos, alguns a encontrar namoradas, a casar de fresco, a chegarem para o nascimento dos filhos. Pelos naufrágios se perdiam sobretudo esses que ficavam a fazer viúvas novas, meninas vestidas de negro e agarradas também ao Cristo, suplicando por suas almas.

As Caxinas são construídas na areia. Eram a praia onde, a partir de 1850, se terão instalado algumas famílias pobres descidas de A-Ver-o-Mar. Ao fundo da rua da casa da dona Ana estava o antigo farol, agora tão detrás de prédios e casas, algumas ruas acima da vista de qualquer barco. Em poucas décadas, as dunas urbanizaram-se, muita gente foi chegando para onde os pescadores se haviam guardado para mirar o horizonte, partir à faina. Entre as casas, nos talhões por construir, as sobras das dunas ainda tinham chorões, e até a pulga do mar podia aparecer se escavássemos mais fundo nos bocados húmidos. Não estamos junto à praia. Somos a praia. Por causa disso, em tragédia quase permanente, sempre ouvi às pessoas de aqui a ideia de que o mar subiria um dia para tomar seus lugares antigos.

Nesse dia, quando distraídos com nossos afazeres, a água haverá de levantar os barcos por sobre nossas casas e os peixes passarão vivos espantados com o modo como habitamos. Virá uma onda que deitará o mar por toda a parte, para que o farol antigo recupere sua ciência e o povo cumpra sua vocação para morrer e ser esquecido. Quando o temporal perdura, e diante da maré vaza, brincamos a dizer que vem a onda. O regresso do mar poderá ser numa fúria que o traga inteiro para terra. Um senhor disse-me que ele, ao subir, haveria de chegar a Famalicão. Talvez possa ir até ao castelo de Guimarães proclamar outro reinado, extinguindo o país.

Estas casas já são as ruínas prometidas. Explicavam-me assim. Vivemos em ruínas que ainda se seguram por serem destemidas e por haver fome. Se não fosse a fome, ninguém sairia para o mar naquelas mortes à espreita, dentro das neblinas e no frio horroroso das águas. Nas décadas de 1970 e 1980, as casas era impermeabilizadas, dentro e fora, com azulejos, como se fossem para valer contra toda a água. Para se assearem, era comum que se corresse de mangueira o chão, ou de baldes cheios. As tijoleiras e os azulejos valiam pelo brio de se cuidar do peixe necessário para vender a cada dia. As casas eram também fábrica do que se pescava e fortaleciam-se assim, sendo impermeáveis. Quando vier a onda, vai envolver essas casas fechadas como garrafas de vidro com uma mensagem dentro. Talvez ascendam e se ponham a flutuar. Talvez no futuro alguém as encontre e as saiba ler, o quanto esperaram, o quanto lutaram, o quanto perderam continuamente.

Humilhantes versos de menino

Para o fim de 1981 o meu pai deixou o emprego no banco e decidiu que teríamos um café. Em criança, ele vivera na loja dos meus avós, que atendiam ao balcão para café e cervejas, onde os homens se juntavam a jogar cartas e a fazer barulho. Sairíamos de Paços de Ferreira, o que nos atormentou, aos filhos, por deixarmos amigos, a Marisol deixava já um primeiro namorado. Partia-se de uma terra para outra com uma despedida profunda, mais ainda se éramos crianças. Estava com dez anos acabados de completar, entrara no antigo ciclo preparatório, mudara para um aluno motivado, deslumbrado com o ambiente mais adulto, o casarão antigo de azulejo cor-de-vinho fazia parecer que trabalhávamos ao invés de sermos mesmo meninos sem grande propósito, e não se batia mais. No ciclo preparatório já não existiam réguas nem canas, as turmas tinham muitos professores, e eu estava brilhante em Matemática.

Fui contar ao Renato que o meu pai andara a ver cafés para comprar e que ponderava que mudássemos para Fafe ou Vila do Conde. Como andei à casa do Renato para uma notícia tão importante, subi a escada, chamei da porta da cozinha, e a dona Anita mandou que entrasse à sala, diante do caleidoscópio. Éramos tão imaturos que talvez não tivéssemos acreditado no imediato daquela partida. E o senhor José também perguntou novamente, eu novamente confirmei. Não sei se vamos para Fafe ou

se vamos para Vila do Conde, mas o meu pai queria ir para a Póvoa de Varzim. Quando saí da sala disse boa noite, convencido de que ainda brincaríamos por ali, estavam as férias do Natal à espera, e olhei para o caleidoscópio que, mesmo desligado, significava uma certa maravilha do futuro, era um centauro, um marciano, uma mulher azul que prometiam o futuro.

Não voltei mais.

O meu pai explicou que já fizera os papéis com um senhor das Caxinas, íamos dormir provisoriamente nuns cómodos da casa da dona Ana. Nós, os filhos, já não teríamos qualquer normalidade em Paços de Ferreira. Estávamos obrigados ao litoral, à nortada soprando constante, ao assunto do peixe, à periferia da cidade. Quando me deitei na pequena cama na casa da dona Ana, chorei em silêncio. Não tinha amigos, não conhecia os lugares, os pirilampos não existiam na areia, as Caxinas eram sem árvores, sem melros ou pardais, sem gladiolos, borboletas ou colmeias. Tão perto da praia que estávamos, tive a primeira sensação de nos encurralarmos diante de uma imensidão vazia. A infinita porta aberta do oceano que só se transpunha navegando e indo para o outro lado do mundo.

Demorei uns dias a reagir. Sabia que o meu ofício era não ser assunto. Tinha de desaparecer na gestão dos problemas da família, porque era tudo tão importante se comparado com meu lamento, minha saudade. Para reagir, entendi, seria mais fácil se escrevesse de volta ao Renato e ao Nandinho dos Jota. Escrevi-lhes uma carta onde contaria que estava muito bem e lhes sentia a falta. E entendi que era tempo de me socorrer com minha arma mais capaz, aquela que medrava desde sempre, algo secreta, a servir-me de corpo de fuga no meio de qualquer dificuldade. Perdidos meus cadernos de menino, ciente de que agora estaria convocado a uma coragem maior, assumi que me valeriam os poemas. O poema,

pensei, será a presença de tudo o que está longe. Ao ler o meu poema haverá nenhuma distância.

Meus humilhantes versos de menino, cheios de dores e prantos, os nomes das pessoas e dos lugares, trágicos de uma saudade aflita, ocupavam-se com minhas palavras preferidas e eram bravos manifestos de protesto, jurando regresso, reconquista e até vingança. Tão bravos e despeitados que minha impaciência se levantava contra toda a conspiração divina que agora me atraitoava. Em cada um, havia terra escura e adubada, de onde se soltavam aqueles insectos como faúlhas a subir. Em cada um, zangado, eu piorava.

Numa pequena caixa, à pressa, eu havia acumulado o estritamente essencial, diria, identitário. Meu Cristo salvo ao lixo, o anjo da guarda que a tia Milinha me dera, uma moeda dos reis que a dona Fátima, mãe de um Fernando, costureira, me oferecera numa visita que lhe fizéramos, uns recortes de um publicitário do Eurotel Altura, para perto de Tavira, em que se via um funcionário que brincara comigo. Nessa caixa guardei os lentos e tristes poemas. Tudo o que ela continha era ainda um reenvio à vila da minha infância. Um pacto de memória.

A transformação da família numa empresa

Por uns anos, a chegada às Caxinas significou certo fim da família. A transformação da família numa empresa, com ofício para cada um na pressa que era o café, implicou ainda com o afastamento em relação às nossas pessoas de Guimarães. Os sábados e os domingos eram de maior serviço, acabaram, por definição, com as visitas às tias e as brincadeiras com os amigos e os primos. As Caxinas representaram um modo novo de estar em que todos nos vimos acoitados por uma obrigação que já não podia ser recusada ou sequer adiada. Antes de nos cumprirmos como parentes, contraímos a mais elementar função na sobrevivência do colectivo. Passámos a ser evidentes devedores e credores de cada um. Trabalhávamos.

Subitamente, víamo-nos como parte comprometida com a viabilidade da vida. Ocorria-me a ingenuidade anterior, meu contributo ridículo com o chocolate que trouxera por troféu da escola. Ocorria-me como a conquista necessária era diária, insistente, complexa e muito de encontro ao que não se poderia prever. Por ser o mais novo, contudo, meu vínculo com a empresa em que nos tornámos foi mais ténue. Era o último recurso. E minha deriva aumentava. Desencontrados nas refeições, desencontrados nos instantes de levantar ou deitar, subitamente expostos numa sala onde desconhecidos se misturavam em nossas conversas, encontrávamos momentos verdadeiramente epifânicos de comunhão.

Momentos em que voltávamos a estar como um organismo único, reconhecível, datado de muito antes de chegarmos ao litoral.

Espiando o inverno à porta do café, muito acabados de chegar, vi um menino de sorriso fácil que se abeirou e perguntou que fazia, se queria ir ver a praia, alguém jurara que as ondas estavam a subir aos passeios. Perguntei-lhe, como te chamas. E ele respondeu: Francisco. Era de fora. Tinha família em Proença-a-Nova e haveria de ainda andar a mudar de lá para cá e cá para lá por uns tempos. E eu expliquei que era de Paços de Ferreira, mas que já não voltaria. Dizia assim como quem queria dizer que agora estava definitivamente sozinho. O Chiquinho perguntou: que gostas de fazer. E eu disse: escrevo poemas. Queria ver se as palavras se tornam capazes de acender como os pirilampos, nem que nos rabinhos pequenos das últimas letras. Como se pudessem acender as últimas letras e voar do papel para fora. E gosto de caleidoscópios. Tenho medo de louva-a-deus. Quando for grande quero ser professor de poemas. E queria muito poder engordar.

Quando estávamos a ver as ondas, a marginal ainda antiga, pensei ser assustador viver tão perto do mar. E o Chiquinho ria-se e era maravilhado com a grandeza dos fenómenos, embora lhes tivesse medo, e eu confessava que já muitas coisas me haviam assustado na vida, acreditava em demasiados fantasmas. Mas ele era aos saltos. Quero dizer, o Chiquinho era uma alma divertida, e o seu medo vinha de aventuras sem maldade e tudo lhe podia trazer excitação e mais riso. As suas artimanhas eram lúdicas e propendiam para as ganas de ser muito feliz. Quando nos despedimos, ele perguntou se podíamos brincar noutros dias. Não tinha nenhuns amigos e haveria de ser muito mais fácil ir conhecer raparigas comigo por companhia. Eu disse que sim. Conhecer raparigas, ter um amigo, rir.

Discutíamos a ideia de nos metermos nas pernas das raparigas. Não há como explicar de outra forma. Brincávamos a jogos de tabuleiro, adorávamos ficar tardes inteiras a ganhar e a perder, e competíamos com empenho e muita alegria. Contudo, todos os instantes da vida eram um modo de esperar pela oportunidade de nos metermos nas pernas das raparigas. O mistério superior e o flamejante ponto no mapa. Nosso movimento era uma migração paciente e longa, de muitas estações de muitos anos, que nos haveria de levar ao conhecimento desse lugar pressentido em cada rapariga que passava. Quando acontecer, pensávamos, seremos habitantes de uma nação exclusiva. Cidadãos de um super-país de condecorados.

O Chiquinho também pensava que haveríamos de ser mais felizes se houvéssemos ficado em África ou se pudéssemos ir de férias ao Brasil.

Muitos solteiros e solteiras e casamentos no fim

Era na loja do senhor Martins que via as revistas. Comprava quase nada, imaginava apenas como seria comprar. Gostava das capas, das cores, e as pessoas das revistas pareciam guloseimas de tão coloridas e sorridentes. Aos olhos de uma criança, faziam crer que ser-se cantor ou actor dava direito a muita alegria e redobrava o brilho da pele. Aquelas pessoas famosas eram de estrela própria, viviam em permanente sol, verão contínuo.

A timidez e um pasmo geral criavam no meu espírito solidão e sonho também. Era meu jeito o de fantasiar, nunca como quem acreditaria vir a ter uma boa vida, mas como quem inventava personagens maravilhosas, outras pessoas admitidas pela sorte para terem uma boa vida. Foi quando escrevi minhas primeiras narrativas. Aventuras e muitos desastres de amor, que eu julgava acontecerem necessariamente devido à falta de dinheiro. Aos dez anos de idade, eu ainda não concebia a traição e muito menos o fim do amor.

Era por causa dos folhetins, que a minha mãe lera entre costuras e cozinhados, que eu me convencia que as histórias precisavam de muitos solteiros e solteiras e casamentos no fim, cheios de vasos de plantas em flor e cães pequeninos que davam beijos nas orelhas. Naqueles folhetins, que não me deixavam ler por serem para meninas, ia-se muito à praia e nadava-se em ondas quentes, havia um lanche e um chá ou um copo de vinho

quando as moças ponderavam perder a virgindade, cheias de hesitações, mas apostando tudo no amor. Às vezes, à míngua, eu passava os olhos pelas sinopses nas contracapas e lia até as primeiras páginas. Todos os folhetins começavam com sonhos e grandes traumas. Alguém julgava ser impossível encontrar a mulher ou o homem perfeitos, essa grande dúvida dos amantes. O desajuste mais tremendo.

Eu sei que o senhor Martins pensava que eu, a demorar nas capas das revistas, queria roubar. As crianças eram muito pobres em 1981 ou 1982, roubavam como pela fome de algum direito, uma fome feia, culpa da sociedade inteira. Habituei-me a ver com as mãos nas costas, como um menino bem-comportado que não mexia em nada, e espreitava para os nicos das capas que ficavam para trás das outras, a querer ler as parangonas completas. Nunca poria a mão. Em algumas tardes, tendo respondido que só queria ver, ao fim de uns segundos, o senhor Martins mandava-me embora. Facilitava a ansiedade dele que eu não assombrasse as pessoas-guloseimas a brilharem doces nos papéis que vinham impressos de Lisboa. E eu ia embora convencido de que as solteiras dos folhetins eram iguais à Elizabeth Savalla ou à Sónia Braga. Os solteiros eram todos como o Tony Ramos ou o Reginaldo Faria. Falavam pausadamente e tinham sempre um sorriso malandro, um sorriso do qual desconfiávamos. Eu sentia que namorar era um bocado malandro e até perigoso. Mas nunca me passaria pela cabeça que se pudesse conspirar ou ter maldade. Achava que amar era querer e ter sorte. A sorte era querer.

Por causa das telenovelas, o senhor Martins também pensava que havia mais amor no Brasil. As mulheres e o sol ajudavam. Onde não há mulheres nem sol também não faz muita falta o amor. Ele, que casara com uma senhora da Índia, dizia.

O Chiquinho queria ver as revistas malandras, mas as piores estavam escondidas para dentro do balcão. Só anos mais tarde o senhor Martins nos deixaria escolher e comprar. Ficavam espalhadas pelos escaparates algumas em banda desenhada. Uma tarde, a meias, julgo termos sido nós a comprar uma história em quadros sobre uma nave espacial que fora capturada por um inimigo alienígena que teletransportou a capitã. Um enorme monstro viscoso, encantado com as curvas da mulher, tomou-a usando os métodos do seu corpo desumano que não nos permitiam definir se movia braços ou algo a que devêssemos chamar coisa diferente. A capitã terrestre, inicialmente muito combativa e contrariada, acabava a história meditando acerca do prazer inaudito que lhe proporcionara um ser tão repelente. Eu dizia ao Chiquinho que nós, repelentes também, haveríamos de ser amados. Havia muita esperança nas bandas desenhadas eróticas que o senhor Martins vendia. O Chiquinho ria-se. Estipulara que passaríamos, à vez, uma semana com a revista a nosso cargo.

O meu primeiro livro

Por causa de tirar fotocópias a revistas emprestadas, escolhendo as páginas que eu não queria perder, comecei a ir à papelaria Sónia, que tinha uma fotocopiadora, coisa que o senhor Martins nunca teve. Gastava uns escudos míseros e, invariavelmente tímido, habituavam-se ali os senhores a ver-me como um cachopo esquisito fascinado por guardar pistas para histórias.

Havia um funcionário que me entendia um pouco, acredito agora. E me apontava para as capas. Com os anos, falava-me do Michael Jackson e da Madonna, do Elvis Presley e dos Kajagoogoo. Achávamos, os dois, que o Boy George era uma menina de verdade disfarçada de ser um bocadinho rapaz. Eu contava que a Marisol ouvia aquelas baleias do Roberto Carlos, uma missa. Ele ria-se. Eram um tormento. As baleias mais pesarosas do mundo. O Caetano Veloso tinha a voz de Deus. Eu dizia. O senhor da papelaria Sónia nunca me contrariou. Por todos os lugares onde se vendiam revistas e jornais, as pessoas também acreditavam que no Brasil seríamos felizes.

Tão limpo me sentia por poder entrar na papelaria, demorando um pouco mais, que um regozijo importante se inscrevia na minha autoestima débil. Quando entrava na papelaria Sónia, eu tinha a impressão de já ser muito mais do que a vida havia planeado para mim.

Reparei, um qualquer dia do verão de 1982, que se alinhavam uns quantos livros numa estante na parede

oposta ao balcão. Livros que não valiam para a escola. Eram outros, como se fossem folhetins menos rosados e sem flores. O meu dinheiro sofria de simplesmente não existir; por isso, aquilo que não fosse sem preço ou de valor miserável não era direito meu, e eu habituara-me a ser grato só pelo espanto. Naquela tarde, contudo, reparei nos livros enquanto durava alguma fotocópia que pedi. E assim me abeirei e notei como eram impecáveis os escassos volumes que ali estavam alinhados. As capas duras, novas, brilhando de verniz, ilustradas para jovens, o ar inesquecível da atracção perigosa pela aventura. Peguei num dos livros e demorei como se já o estivesse a ler só de segurar. Sei bem por que me detive especificamente com aquela capa. Era a edição da Clássica Editora de um texto de Alfred Hitchcock para adolescentes intitulado *O Segredo do Castelo do Terror*. Na imagem, sombrio e imenso, o castelo atemorizava com sua fantasmagoria e eu, pela infância passada na casa da dona Alice Baptista, senti que meus medos se estudariam ali, medidos e revistos à luz dos mortos de outras pessoas quaisquer. Eu disse: a casa onde vivíamos em Paços de Ferreira tinha muitos mortos e alguns eram santos. O senhor da papelaria, que tinha uma simpatia sem muita expressão, tímido, sorriu.

Não consegui caminhar de volta para o café dos meus pais. Precisei de correr. Eram caros os livros. Valiam tantas vezes o preço de uma revista, e eu não comprava sequer uma revista. Mas nada se comparava com aquela súbita urgência de leitura. Na minha cabeça, por intuição, esse homem estrangeiro de nome impraticável tinha um segredo para me contar a partir do qual eu repensaria tanta perplexidade e tanto medo. Precipitei-me sobre a minha mãe e disse-lhe: queria muito comprar um livro, um de uma história que conta sobre um castelo, com meninos numa aventura num castelo. E a minha mãe protestou pelo preço. Eu tinha uma moeda

baratinha, faltaria uma nota muito mais cara. Insisti. Não sabia nada sobre a importância dos livros. Para mim, não se tornara claro que aquilo que escrevera a vida inteira era da família dos livros. Não estabeleci qualquer relação. Meus poemas e minhas histórias não tinham vocação para edição. Eram conversas com minha própria personalidade e não se motivavam senão pelas emoções inexplicadas. Estavam como acontecimentos da solidão e do bulício pessoal. E a minha mãe disse que os meus irmãos não haviam pedido livros e que talvez me adocessem as ideias, melancólico, triste de termos vindo de Paços de Ferreira, triste de nenhuns amigos, o Chiquinho estava quase nunca, dos meninos das Caxinas dizia-se que eram maus, haveriam de me bater. E eu respondia que não era por nenhuma tristeza. Era por uma alegria que eu não sabia sentir. Eu disse assim, uma alegria que não sei sentir. E respondi: chama-se *O Segredo do Castelo do Terror*. A minha mãe chamou: Jó, o menino, é melhor que vá ao médico. Jó era o diminutivo de Jorge, o meu pai.

Quando me deram a nota, depois de se entenderem sobre a minha sanidade, chorei pela Avenida Cidade de Guimarães, correndo de volta à papelaria, já muito ao fim da tarde. Nunca poderei explicar aquele sentimento. Um medo que, naquela mais de uma hora, alguém houvesse reparado no mesmo livro que eu, e uma excitação por algo me dizer que comprar um livro era do tamanho do meio das pernas das raparigas. Tive pena de não estar o Chiquinho. Lamentei não ter um amigo com quem pudesse ponderar o quanto me era inequívoco que a compra daquele livro me traria à vida uma importância tão avassaladora quanto o amor. Entreguei o dinheiro à mão do senhor da papelaria, que sorriu, saí com o maravilhoso desconhecido agarrado pelas duas mãos e sentei-me um minuto na soleira de alguma porta. Estava sem ar de tanto correr, e estava encandeado. Via mal

tudo em volta. Atiraram-se-me os olhos castelo ao fundo, não andaria sem tropeçar. Foi, quase aos onze anos de idade, o meu primeiro livro. Fui mostrá-lo à minha mãe e dar-lhe um abraço. Ela, ainda assustada e sempre desgostada do título e agora da capa, entendeu sobretudo que aquela euforia não era comum em mim. Talvez eu não tivesse de ser muito saudável, desde que fosse feliz.

A vida inteira, acerca dessa felicidade, terei dúvidas de saber sentir.

Lia assim: “Diante deles estava o Castelo de Terror, no alto do desfiladeiro. As suas torres, de janelas quebradas e cobertas de vinhas selvagens, eram agrestes e destacavam-se bem à luz agonizante do sol poente.” Para o fim do livro, estava prometida uma entrevista com um fantasma. Era assustador, nada que não traduzisse meu sentimento mais sincero acerca de minha própria vida.

Aprender o beijo

Eu e o Chiquinho voltávamos juntos para casa, a espreitar cuidadosamente pelas esquinas com medo que viessem os rapazes em seitinhas para nos fazerem mal. Tinham-nos dito que os caxineiros andavam em seitinhas e que arrancavam cabeças a rapazes como nós. Se nos apanhassem, os caxineiros amarravam-nos as mãos, furavam-nos os olhos, davam-nos chutos nos testículos e iam-nos ao cu. Era o que ouvíamos dizer sobre a raiva deles.

Eu e o Chiquinho virávamos cada esquina num sobressalto constante, a pensar que a morte seria fácil. A pensar que talvez fosse melhor ter uma navalha, saber usá-la, não hesitar.

Podíamos ter feito uma dupla de medricas digna de filmes de sucesso mundial, a transformar um percurso qualquer numa aventura de fanicos, agarrados um ao outro a apanhar sustos com gatos e portas esquisitas a abrir. Nenhum dos dois queria ir à frente, cagarolas de todo, pelo que tive de envergonhar o Chiquinho a dizer-lhe que era mais velho do que eu e que deitava corpo para dois de mim, seria obrigatório que mostrasse coragem. Humilhado, ele era a contrariedade toda e, nos sustos, saltava-me em cima como se eu tivesse de o levar ao colo.

Andávamos pelas Caxinas à cata de fantasias de canalha, enquanto líamos os livros de mistérios e pensávamos que estávamos numa cobiada a sério.

Fingíamos que tínhamos as mãos nos bolsos a segurar uma pistola e púnhamos cara de maus para ameaçar as seitinhas. Andávamos pelas dunas, e qualquer abanão nos chorões ou nas silvas podia ser denúncia do esconderijo de um maltratante. Entre fugirmos em pânico e querermos ser heróis, as tardes passavam e as fantasias eram entusiasticamente inventadas por nós. Entrávamos em casa, depois, e pensávamos que ali estaríamos seguros, salvos, incólumes dos perigos de viver entre o inimigo ou de querermos à viva força ter um inimigo como nas histórias que já nos habituáramos a ler nos raros livros.

Um dia, fui apanhado por uma seitinha que queria saber de onde vinha eu, branquinho e magrinho de fome. Expliquei, gago, que tinha vivido em Paços de Ferreira e que agora não, não viveria mais, e que ia pouco à praia e era magrinho sem saber a razão. Encurralaram-me a poucos metros de casa, eu talvez pudesse ter gritado e alguém dos prédios em frente avisaria a minha mãe, avisaria o meu pai. Mas o medo era tanto que eu sabia ser inevitável que me amarrassem as mãos, furassem os olhos, dessem chutos nos testículos e fossem ao cu. Encolhi-me a pensar nisso e fui cercado por eles e levado para trás da antiga fábrica branca da Maconde na Avenida Cidade de Guimarães, onde me obrigaram a sentar nuns degraus meio escondidos. Depois, um mais crescido disse que uma das raparigas achava que eu era bonito e queria dar-me beijos. E a rapariga sentou-se ao meu lado e chamou-me uns nomes, empurrou-me, e eu só percebi lentamente que queria de verdade que a agarrasse com os outros a verem. Eu teria onze anos e ela teria treze ou catorze. Já se lhe sentiam as mamas, e ela, muito decidida, esfregava-se nas minhas mãos, e o mesmo rapaz disse novamente para eu lhe dar uns beijos, e eu, confesso, lambi a rapariga toda.

Achei que lamber uma rapariga, mesmo diante daquela gente a rir e a resfolegar, era uma grande ideia. E pensei que tudo o que havia perspeticado sobre a intimidade física subestimara a realidade.

E ela mais me beijava e mais a seitinha nos empurrava um para o outro, como atirados a uma arena onde nos deveríamos combater em carícias e línguas de carne. A rapariga, fascinada com os meus olhos gigantes, arfava um bocado, e eu seguia confuso sem, no entanto, hesitar. Era a extrema gloriosa tarde do mundo. Maravilhosas pessoas das Caxinas, desenrascadas e sem mais do que o melhor amor para me dar.

Na manhã do dia seguinte, quando o Chiquinho foi perguntar por mim ao café dos meus pais, eu estava louco por lhe contar para que serviam afinal as seitinhas. Disse-lhe: é verdade, pegam em nós, levam-nos para trás da fábrica branca da Maconde e mandam-nos lamber uma rapariga. O Chiquinho enfureceu-se. Assim o fez três vezes antes de considerar que eu talvez estivesse a falar verdade. Como não havia maneira de prevermos a perda da virgindade, lamber uma rapariga era do mais revolucionário que podia haver, e ele, mais velho, teria uma pila já maior e muito maior urgência, como se fosse injusto acontecer-me a mim aquilo de que ele sentia necessitar para viver. Nem respirava direito ao ouvir a descrição lenta e repetida da minha experiência sortuda. E eu insistia que lhe tinha visto as mamas. Abrimos os olhos, espantados os dois. Ponderámos sobre isso de pôr a língua nas mamas, e eu confessei que foi sem pensar. O Chiquinho achou que devia ser uma ideia incrível. Eu respondi que sim e fiquei todo orgulhoso de haver pensado nela absolutamente sozinho.

Passámos a andar nas dunas a ver se as seitinhas nos saíam na rifa. Éramos dois palermas entesoados a acreditar que aconteceria novamente. Éramos tão machos que não conseguíamos esperar a hora de nos

levarem e, sobranceiramente, nos obrigarem a abrir as mãos para que a mesma ou outra mocinha se gulodasse à vontade com a beleza de nossos olhos, não podíamos esperar para que nos ordenassem beijá-la, como se soubéssemos beijá-la melhor do que os outros, como se soubéssemos beijar, como se fôssemos mais bonitos, como se fôssemos bonitos ou mais decentes.

Obviamente, naquela idade eu tinha cabelo e não demorei a fazer uma poupa toda preocupada que imitava mal o John Travolta. Não tinha mais como me empertigar, e não me passaria pela cabeça pedir aos meus pais produção para a aprendizagem do namoro. Eu tratava da poupa e roubava umas gotas de perfume à minha mãe, e estava confiante. O Chiquinho arranjou umas camisas novas e aparecia com um cabelo sempre molhado que me intrigava. Aquilo era 1982, certinho, acho que ainda não havia gel, ao menos não nas Caxinas, e eu nunca perguntei que raio punha ele na cabeça que parecia tão chique.

Nunca mais uma seitinha abduziu qualquer um de nós e nunca mais as seitinhas das Caxinas nos pareceram assustadoras. Quem nos dera que nos tivessem deixado fazer parte de uma, quem nos dera que nos tivessem explicado onde estavam, onde se escondiam, onde metiam ou de onde tiravam as raparigas.

A boca pequena

Um dia, o meu pai desapareceu. Podia ser que lhe tivesse dado uma lonjura, uma angústia contra nós, outro sonho, outra mulher e outros filhos, podia ser que lhe tivesse dado a morte. Havia o café e o bulício do café, e os clientes todos os dias. Trabalhar era como estar à mostra. Toda a gente perguntava pelo senhor Jorge. Perplexos, dizíamos que tinha feito férias. Voltaria depois, descansado do corpo e da alma. Naquele tempo, as férias eram uma invenção dos ricos. O conceito soava estranho se aplicado ao cidadão comum. Além de não se trabalhar, nenhum outro significado poderia ter a palavra férias para o pai de quatro filhos.

A minha mãe, por alarme, telefonou a toda a família informando e socorrendo-se, mas cada um respondeu sem grande valentia e sem notícia. Ponderavam, estava desaparecido por lonjura, angústia contra nós, outros sonhos, outra mulher e outros filhos, pela morte. Ninguém sabia de nada. Lamentavam muito, esmeravam-se em prelecções ocupadas, imaginavam tremendismos e faziam de conta que era nada. Voltaria em dias. Ia voltar. Diziam: Toninha, tenha paciência, foi alguma coisa que lhe deu e que lhe passa.

Foi por novembro. Começámos, depois, a habituar cada tarefa, cada alegria e cada tristeza, ao tamanho diminuído da família e, lentamente, a vida era só entre nós. Não havia notícias e tudo ficava como mais pequeno e a ser, inelutavelmente, normal. Passar assim o Natal foi

fulcral. Era o ponto de nenhum regresso. Julgávamos que se algo de bom o tivesse levado, nunca o demoraria no Natal. Se ele estivesse bem, nunca se haveria de demitir de nos avisar das boas-festas, nem que para explicar que ficaria longe, com outras pessoas, outros filhos, sem voltar.

Havia uma quietude inesquecível. Jantámos. O Natal era, afinal, jantar com alegria. Lembro-me de adormecer a fazer contas aos azares que podiam acontecer, e que eram muitos. Depois, fiz contas à sorte que poderia justificar tal ausência, que era tão pouca, tão difícil de crer. Pensei que o meu pai voltaria milionário, cheio de uma fortuna que tivesse ganho de herança, em segredo, com direito a uma casa no Porto, com direito a um quintal como o que tivéramos, grande, grande para o cão correr extasiado. Uma casa extasiante, onde eu pudesse ter uma biblioteca com os livros organizados pelo nome do autor.

Naquele Natal, eu pensei que o meu pai estava morto e que nós nunca mais entenderíamos seu propósito de nos trazer para as Caxinas.

Os tios todos telefonaram. Para confortar e lamentar. Íamos ter uma festa sozinha, pouquinha, sem sabermos nada. Os tios todos telefonaram e nunca havia notícia. Era sem mais nada o desaparecimento do meu pai. Muitas palavras coitadinhas, muitas ideias que nos desculpassem de qualquer razão. Nós já nem sabíamos o que dizer. Estávamos quase normais. Éramos menos, mas quem é menos também é normal. Porque o sofrimento não retira a natureza e não impede o dia seguinte.

Se as coisas dessem muito errado, já sabia, eu iria para a casa da tia Milinha e o Varinho, a Nita e a Mariazinha haveriam de ser os meus novos irmãos. De todo o modo, a minha mãe e as minhas irmãs andaram de máquina de calcular, e com recibos e papéis do banco para decidirem

que, afinal, sabiam gerir o café. Sabiam encomendar cervejas e pacotes de açúcar, sabiam aceitar e recusar obrigações e compromissos, contavam com tantos clientes que, solidários e enternecidos com nossa condição, se mantiveram atentos para que estivéssemos seguros e bem. Assim estivemos.

Foi em fevereiro quando saí num fim de tarde, já escuro, pela porta do café, e um tio me veio dizer que entrasse num carro, aquele carro tão ali, onde estavam o meu pai e a minha avó paterna. Sorridentes e cheios de medo da minha mãe. Dera-lhe de ir para França a ver se lá trabalhava em coisa melhor e se punha rico. Fizeram segredo para que a minha mãe não se zangasse. A minha mãe zangou-se. Nem sei como lhe perdoou e se perdoou de verdade.

Furiosos todos, discutimos como fora possível que meus avós e meus tios houvessem telefonado a perguntar se tivéramos notícias de fuga, rapto ou morte. Como fora possível que permitissem esconder da minha mãe uma notícia mínima do paradeiro do meu pai, esse aluado jogador de damas que viera de Angola com as ideias escangalhadas segundo a estação do ano.

Subitamente, ele próprio dizia aos clientes que fora de férias. Muitos tinham-nos visto chorar, pela lonjura, pela angústia contra nós, outros sonhos, outra mulher e outros filhos, pela morte. Que ridículos ficámos sem melhor mentira.

Por crueldade ou ternura, as coisas tristes também podem deixar nostalgia. Uma nostalgia complexa por haver prova de sobrevivência e de grandes amores. Quero dizer, o disparate do meu pai fez da minha mãe uma heroína absoluta, e essa memória haverá de ser grata para todo o sempre. O regresso do meu pai nunca apagaria essa glória, que é o mesmo que dizer que nunca apagaria uma certa saudade de termos sobrevivido sem ele, com outra coragem, outra idade,

outra lucidez. Os meses da sua primeira morte foram uma vitória nossa contra a morte, a mentira, a dificuldade do trabalho, contra a sua família que acolheu e incentivou a ideia, mas nos disse nunca ter notícias.

Ainda hoje penso na coragem que a minha avó Guilhermina teve de deixar passar aquele Natal à espera que nos devolvessem um corpo náufrago, um corpo mutilado e podre encontrado numa curva de estrada, um corpo furado por uma bala qualquer. No Natal dessa morte comemos como se a boca nos fosse muito pequenina. Os meus avós paternos sabiam disso. A boca era muito pequenina. Em alguns dias, nem as palavras cabiam.

Educar para o uso dos olhos

Adorava a professora de Educação Visual. Que beleza a de sermos educados para o uso dos olhos e disciplinar tanta coisa que há para ver. Era uma mulher vestida de couros negros, o rosto muito pintado ao jeito de uma estrela do rock, os cabelos grandes, dramáticos. Tratava-me por o menino, que era uma certa distância importante, nobre, como se fôssemos grandezas pares em idades distintas. Só por isso, eu queria desenhar com talento, e talvez não tivesse talento algum, mas o empenho era genuíno, o respeito, o esforço para entender o que ela pedia. Era da ordem da Tina Turner, da Kim Wilde ou da Debbie Harry, devia dançar a abanar muito a cabeça e fazendo caras assustadoras de brincar. Chegava à sala vinda de sua porta exclusiva, igual entravam as cantoras no palco a partir dos bastidores, acabadas de se verem nas luzes de um espelho imenso. E falava de como seriam as proporções. A mão é do tamanho do rosto. Que descoberta tão despreparada. Estendíamos os dedos, a palma a começar no côncavo do queixo, e delimitávamos nossa identidade. Nosso rosto único, irrepetível, era sob a mão, escondido. Víamos o recorte das janelas, como editavam o exterior. Igual ao que fazia uma fotografia, o mesmo que fazia um desenho ou uma pintura. Era um recorte. Editar era decisão entre o que cabe na obra e o que fica de fora, talvez suposto, talvez negado, algo que poderia ser preterido por bondade ou por maldade, até por

distracção. E ali olhámos para as janelas como pela primeira vez. Não eram mais aberturas casuais para que tivéssemos luz ou participássemos do mundo, eram de facto decisões, a inteligência de alguém que pensara acerca da melhor forma de mostrar e de esconder. E, com isso, sem imediatamente suspeitarmos, estudávamos a arquitectura. Como eram inteligentes as casas que nos pareciam sobretudo fortes, contra temporais e pontapés de ladrão. Contava-se a história do lobo mau e dos três porquinhos. Para mim, as casas todas eram fundamentalmente contra o lobo mau e, se perfeitas, contra os louva-a-deus. E a nossa professora dizia que os castelos se punham altaneiros para avistar inimigos, e suas torres e ameias eram pensadas para permitir ver e atacar, mas não ser visto nem atacado. Também nossas casas civis se faziam dessas espertezas, contra o indiscreto de quem vai na rua, contra a facilidade de sermos tomados de assalto. O que se vê é o que se pensa. Ela dizia. E encarávamo-nos uns aos outros para sabermos se nos escapara algo importante à melhor ideia de cada um, à inteligência com que precisávamos de crescer.

A minha professora de desenho estendeu o vasto papel de cenário no chão e preparou os grafites. Faltavam menos de dois meses para o Natal e era pressuposto fazer-se um painel com um presépio gigante, desenhadas as figuras sem esquecer as proporções, o rosto e as mãos, a orelha desde o cimo da sobancelha até ao baixo do nariz. Havia que desenhar de joelhos, com cuidado sobre o próprio papel, sem sapatos, a fazer cada traço e levantar para ganhar perspectiva, ter a certeza de que compúnhamos a imagem no formato com equilíbrio. Ninguém se ofereceu. Era um compromisso sério para expor no pavilhão polivalente, onde toda a escola veria e ajuizaria o aluno que se metera naquilo. E eu levantei o dedo. Tinha tanta vergonha de falhar quanta vontade de

vencer. A professora respondeu: o menino é um querido. Que invulgar coisa de se dizer, que eu era um querido. Parecíamos chiques, agora, sim. De uma polidez que se usava em alguns programas da televisão, como quando havia teleteatro com atrizes a imitar pessoas sentadas em cadeirões Queen Anne. Assim me precipitei ao chão. O papel mais alto do que eu. Mais largo de que eu duas vezes. E ali teria de distribuir o presépio de modo proporcional. As figuras da frente primeiro. Depois as de trás. O burro, a vaca, o menino e os reis. Em segundo plano, constrictos, Maria e José. Se me animasse, faria ainda o Espírito Santo, que representaria a paternidade divina, a virgindade impoluta de Maria, a concepção sem pecado. Desenhei os ovos dos rostos onde mais tarde criaria as expressões, criei um certo esfumado para prometer os corpos dos animais, começaram por ser uma sombra feita com as mãos, esfregando o grafite como sujo pelo papel. Talvez os animais pudessem ser uns olhos humanizados na escuridão. Depois, preocupavam-me as vestes, os tecidos demasiados, panejamentos infinitos que pendiam como cortinados das figuras. Em dois meses, em todas as aulas de Educação Visual, enquanto os colegas seguiam nas carteiras a fazer pequenos postais, eu vibrei com a paulatina representação das figuras religiosas. Sei bem que diferia de um Caravaggio tanto quanto o excremento difere do boi que acabou de o produzir. Contudo, meu orgulho era cintilante. A minha professora tocava-me o ombro numa cumplicidade linda e as pessoas alegravam-se com o painel exposto. Quando grande, eu agora ia ser pintor.

Meses depois, já durante as férias de verão, a professora entrou no café dos meus pais. Quando somos crianças, os professores pertencem a um mundo paralelo que tange o nosso apenas na solenidade da escola. Não sabemos mais nada deles. Descem de suas bibliotecas aladas, tão sagrados quanto sábios, e suportam-nos

cinquenta ou noventa minutos por generosidade e estupefacção. A presença de um professor em nossas casas, junto aos nossos pais, era de uma intimidade quase insuportável, porque observavam como estávamos, nós, os aborígenes de certa cultura, em clã, deitados ao sem-peneiras da humildade, do tamanho liso da veracidade. E assim ela caminhou café adentro e falou ao meu pai, perguntando se era dali um menino chamado Valter Hugo.

Fora pedir que notassem minha sensibilidade, o respeito que colocara nas tarefas que me incumbira, a alegria de fazer o que nunca imaginei poder fazer. E eu matutava na minha mesa do costume, a esboçar retratos de cantores e a cismar com palavras. Levantei-me, parado de mais movimentos em grata vergonha, e respondi que sim, que queria muito ser um artista quando crescesse. Mesmo que secretamente não acreditasse poder crescer.

Que pena não tivessem passado na nossa escola de Frei João para ver como estava o painel que eu desenhara, dizia a professora. Os artistas, afirmaria depois o meu pai, acontecem aos rapazes mais diferentes, aqueles que não se entenderiam de outro modo. E eu lembrei, no Natal o meu pai não estava. E o presépio havia sido perfeito para imitar outro mundo que não o nosso.

Louva-a-deus

Julgo que por isso de não saber crescer, ter medo de todos os futuros, não acreditar que sobreviveria ao dia seguinte, tentei salvar o mundo pela ponderação da bondade. Não era mais do que uma tentativa desesperada de ser notado, de ser ajudado, coisa que não viria a acontecer. Era o Kundera que dizia que a vida é uma peça cujo primeiro ensaio já é a obra final, apresentada ao palco inteiro, sem regresso. Estamos como atirados à permanente estreia, e a aprendizagem daquilo que nos preda é feita na mordedura e na sorte.

Passei a fazer pequenas temporadas de aspiração espiritual num seminário. Aprendia sobre ser missionário e imaginava-me a ajudar os povos de África. Aos doze anos de idade, se me tivessem dito para partir, eu partiria. Claro que mortificado por deixar a minha mãe, mas a necessidade que sentia de obrigar Deus a existir era incontrolável. Eu validaria a minha vida e seria inventor de Deus se pudesse acudir inequivocamente à sobrevivência de alguém. Tinha pressa. Na minha cabeça, eu tinha a mesma pressa com que a fome ataca. Queria ser tudo ao contrário da morte.

Um amigo ia comigo aos mesmos retiros. Nossa coragem era a de estarmos juntos, eu e o Paulinho. Havia preces, que nos aborreciam, jogos e conversas em grupo, como se fossem aulas simples cuja matéria era mais de medir sentimentos do que de fixar ciências. Eram outras ciências. Eu, tímido, mas incapaz de conter o espanto

diante da sensibilidade, adorava que se conversasse supostamente sem restrições acerca do que nos era sugerido e do que quiséssemos sugerir também.

Havia retiros para cada período de férias escolares. Fora a nossa professora de Religião e Moral, no ensino comum, que nos abria caminho para aquela sondagem de vocação. Mas eu e o Paulinho não queríamos ser padres, considerávamos apenas a vida de missão.

Normalmente, passávamos uma ou duas noites no seminário. A última vez que fui, contudo, estaríamos mais tempo, talvez quatro noites, talvez cinco, não lembro ao certo, e teria a forma de um acampamento grande para onde seguiriam alguns adultos e todos os adolescentes. Não guardo a mínima noção de onde se situaria o acampamento, mas não seria muito longe do seminário. Sei que no primeiro dia colhemos pequenos paus e nos deram fio-de-prumo. Cada um fez uma cruz, a sua para carregar e adorar. Acabei por fazer três. A mais bonita, ainda a tenho, pendurada à entrada da minha sala. Para mim, aquela possibilidade de tornar quaisquer dois galhos numa cruz verdadeira, benzida pelo padre, era da ordem da magia. Milagrava dos restos da mata a mais digna das coisas: a presença de Deus. E devíamos levantar as cruzes na terra para servirem de escudos à entrada das nossas tendas. Eu, sempre mísero, espiava para que não se perdesse, não se confundisse com outra, porque queria muito levá-la para casa. Aquele corpo de Deus, exactamente aquele, era das minhas mãos. A prova concreta de que eu poderia salvar o mundo, porque haveria de inventá-Lo com qualquer sobra enfeitada onde Ele ainda não existisse.

No segundo dia, depois do almoço nas mesas longas de campanha, havia uma caminhada de quilómetros, atravessando um rio ou um riacho, a levar horas para ir e voltar. Eu, que usava o corpo a medo, magérrimo e dado a fraquezas constantes, recusei sair do acampamento.

Lembro bem de terem insistido veementemente. Não de um modo chato ou intimidador. Esqueci a cara daqueles adultos, mas jamais esquecerei a energia. Diziam-me que, por favor, os acompanhasse, como se temessem por mim. E eu prometi que teria muito cuidado e não faria nada a tarde toda senão esperar. Ficava um adulto a cuidar das louças, não arredaria pé do banco corrido ali junto.

Quando o grupo levantou à estrada e saiu para a esquerda do acampamento, não passaram cinco minutos sem que esse missionário que se responsabilizara pela louça me abraçasse pelas costas e me dissesse que haveríamos de ter uma tarde linda. Num primeiro segundo, pensei que seria de uma amizade maravilhosa alguém nos abraçar. Depois, imediatamente, pensei que um adulto não devia sentir-me o peito daquele modo. Tinha visto fotografias e afinava os sonhos pelos sonhos do Chiquinho. Não fazíamos mais nada senão esperar pelas raparigas, rezando pela sorte de perder a virgindade por completo. Lembrava-me da capitã da nave abduzida pelo monstro alienígena. Aquele abraço, um gesto alienígena de todo o modo, não poderia traduzir-se senão num asco, viscoso, horroroso.

Eu tinha declarado que adoraria ser cantor e missionário. Talvez pudesse cantar canções bonitas, que na altura seriam as do Rod Stewart, e distribuir comida aos famintos e ajeitar colchões para os sem-abrigo. Era como imaginava o trabalho de um missionário em África. Cuidar das pessoas como se as recebêssemos para jantar e dormir. Amedrontado, procurando libertar-me, ocorreu-me dizer que vinha de criança com a promessa de ser santo. Disse assim mesmo: desde criança, estou prometido para santo. O meu delírio antigo de pureza, pressenti que seria a salvação. Já não acreditava que a santidade acontecesse em Portugal, menos ainda a um rapaz que sabia bem do corpo, já tinha descoberto

sozinho a ideia de lambar o peito das raparigas. Quando declarei tal grandeza, estava a mentir. Era mentira. Caíra abaixo de qualquer condição impoluta e sabia-o bem. Mas era tão desarmante a declaração, tão profunda a reclamação franca de nossa dignidade sagrada, que o homem abriu as mãos do meu corpo. Não o pude sequer olhar, mas tive a clara visão de sua vergonha, exposto violentamente a uma força maior que seria a de suspeitar que, por minha réstia de candura, a possibilidade de Deus lhe estar a enviar um sinal se tornava enorme.

Fugi para dentro da mata à espera do entardecer. O tempo todo pensei que talvez ninguém me valesse. Talvez me culpassem de ter sentido aquilo. Acusar-me-iam de ter feito alguma coisa errada. Não poderia dizer nada. Mas diria que me sentia doente e pediria que telefonassem ao café do meu pai a suplicar que fosse por mim naquela mesma noite. Que por favor fosse por mim.

À chegada de todos, saí do meu esconderijo e fui dizer ao padre que estava doente e que queria o meu pai. Ocuparam-se de mim. Queriam que ficasse. Perguntaram mil vezes o que acontecera, e eu negava que me tivessem feito mal. Queria apenas ir embora. Estava doente e era verão, seria melhor ir para casa, porque a minha mãe sabia curar-me das doenças e já ficaria bem. Não me consigo lembrar se o Paulinho estava nesse acampamento. Suponho que sim, porque tenho a memória de ir despedir-me especificamente de um rapaz amigo, que teria de ser ele. Por tanto insistir, telefonaram, e o meu pai veio. Como sempre fui metido a encantamentos e silêncios, consideraram que meus humores lunares se tinham dado mal com a festividade de tantos adolescentes juntos.

Quando, uns dias mais tarde, me telefonou o padre que dirigia o seminário para se inteirar do que poderia ter acontecido no acampamento, eu respondi que se me

aclarou que a santidade não precisa de um caminho organizado. Ela acontece às pessoas livres que saibam seguir pela vida mantendo sua pureza sem sucumbirem, sem se tornarem amargas e vis. De alguma maneira, disse-lhe que não necessitaria do seminário para cumprir meu destino de criança. E nunca mais acompanhei o Paulinho aos retiros. Temi por ele. Em pouco tempo, soube, também o Paulinho abandonou a hipótese das missões. Tornámo-nos adolescentes entregues a outro tipo de esperança. Mais lúcida, talvez.

Quando me deitei e fiz minhas preces, senti que eu mesmo virara um louva-a-deus. Também eu poderia fazer a prece sem sentir nada. Talvez pior, acompanhava a prece de uma súbita raiva por Deus, por me haver humilhado e colocado em perigo num ambiente onde se esperaria encontrar as pessoas mais bondosas, as que teriam por ofício conduzir os santos ao seu esplendor. O louva-a-deus reza sem compromisso. Foi como me senti. Que meu compromisso se havia suspendido.

Falar para

Tive, por cinco luas, uma beleza que atordoava as pessoas, algo que sabíamos à Marisol ou aos fins de tarde de setembro nas Caxinas. Foi o que me deu subitamente, sem razão senão uma daquelas mexidas do corpo que nos estica os ossos em dois meses e nos repensa o rosto, nos tira o ar de criança, faz um esboço de como poderemos ser em adultos, para a idade de namoro. E eu ainda tinha os olhos imensos e a melancolia conferia-me solenidade. Foi minha vida bela e fugaz como a de uma magnólia, que se desfaria sem explicação para, afinal, dar lugar ao meu rosto à pressa. Cresci inclinado para ser como meu avô Alves, pai da minha mãe; subitamente, mudei para ser o rosto do meu pai. No mirabolante de se inventarem caras e identidades, eu passeara por um lado da família para ir acabar no outro. A piscina genética é líquida, mutante, espirituosa, até burra.

Nessas luas de minha beleza de magnólia, as professoras começavam as aulas a falar dos meus olhos, da infinidade das sobancelhas, o sossego de meus lábios, falando educado e ainda esmagado por compromissos morais. As meninas da escola rodeavam-me. À saída, até as meninas do liceu vinham perguntar quem era, de onde viera, como me chamava. Os moços odiavam-me. Entre a admiração de umas e a inveja dos outros, acelerava o passo para chegar ao café dos meus pais sem feridas ou assaltos.

Recordo-me de decidir deixar crescer o cabelo um pouco. Nada demasiado, ao menos não então, mas um pouco, para ter uma pequena onda caindo aberta em cada lado do pescoço, e uma madeixa que descia por sobre o olho esquerdo e que eu espalhava para cima da cabeça inteira. Naquela espécie de fracção de segundo, como numa fotografia, eu aparecia francamente bonito. Coisa que nunca me passara pela cabeça antes. Que eu, arrancado de minhas sombras, tivesse um arrufo de ensimesmamento, uma espécie de painel luminoso que publicitava meu produto humano, minha carne e meu espírito até então sem preço, sem clientela alguma.

Talvez agora fosse possível uma vida comum. Saber que cresceria e casaria.

Arranjámos um amigo chamado Bernardino que tinha em casa um disco dos Rolling Stones. Recebemos advertências severas do seu pai acerca do uso do disco, pelo que nos bastávamos a olhar sem nunca o tocar. Dizia-se que era a melhor banda do mundo. O mais importante sobre o Bernardino, no entanto, era a irmã, com quem começara a trocar bilhetes e fazer juras e birras. Chamava-se Elisabete e padecia muito daquela doença que as mulheres padecem de crescerem mais depressa do que os homens. Pelo que já tinha curvas quando eu ainda nem despontara o bigode, e nem acreditara que namorar era pôr as mãos um pouco à vontade.

Namorávamos por recado, ou seja, um colega veio perguntar-me se eu gostava da Elisabete, e eu disse que sim. Depois, ela escreveu num canto de papel a pergunta de novo e sublinhou uma linha onde esperava ler a resposta. E eu confirmei. Mandei o recado de volta. Corámos.

O Chiquinho contou ao Bernardino que eu, na escola, falava para a irmã dele. Não se dizia namorar, dizia-se falar para. O Bernardino jurou não contar ao pai.

Acabámos por ouvir duas canções dos Rolling Stones, porque o Chiquinho afirmava que sabia muito bem colocar aquilo a tocar. Aos meus ouvidos, pareceu-me uma chinfrineira insuportável que de modo nenhum seria melhor do que a música da Kim Wilde, e a voz de Caetano seguia sendo dos céus. A Elisabete, por seu lado, adorava, ou dizia adorar para me fazer sofrer. Mandava por uma Sónia recado no sentido de criticar os meus gostos musicais. E eu pedia que lhe dissessem que procuraria avaliar melhor. Estava muito nervoso quando ouvira as duas canções, sentia que o Bernardino nos podia denunciar ao pai. Imaginava o pai deles a ir ao encontro do meu para pedir satisfações acerca de minhas gulas e virtudes. Meu maior interesse era que os adultos não entendessem que crescera. Enfrentava o corpo com suas mudanças e temperamentos irracionais. No meu medo, notar-se que havia desejo num menino outrora prometido para santo era uma falha vergonhosa.

Passei descaradamente a dizer que gostava muito dos Rolling Stones sem sequer ter escutado mais nada. Alguém falava neles, e eu confirmava sem hesitação que eram a melhor banda do mundo. Para provar a minha fidelidade à Elisabete, disse-o às suas amigas, que se puseram logo a caminho para a informar. E ela enviou recado com um coração vermelho. A Sónia jurou que ela era benfiquista. Mas eu nunca diria bem do Benfica. O meu esforço tinha vários limites.

Durámos naquilo duas semanas. Chegava o fim das aulas, já era o bom tempo do verão, e certamente dera-nos uma ternura pela ideia de nos separarmos nas férias. Arranjáramos aquele amor como forma de carpir antecipadamente a anunciada distância. Não sei em que errei. Nunca nos aproximávamos. Reconhecíamos-nos na paisagem escolar. Era nosso modo de compromisso. Íamos avaliando a fidelidade a partir dessa mira, o facto de estarmos algures à vista um do outro. Como se

esperássemos que um fenómeno natural justificasse enfim a diminuição da separação e revelasse ao nosso espírito maturidade bastante para nos tolerarmos, até que soubéssemos o gesto simples de tocar a mão do outro. Julgava eu que nos definíamos assim, quando, no último dia de aulas, me vieram entregar um bilhete da Elisabete que dizia: partiste-me o coração, não vales nada. Tinha uns desenhos esquisitos e acrescentava: fica com a Sónia, essa puta, já não sou amiga dela e tu não tens personalidade nenhuma.

Não fiquei triste. Fiquei humilhado. Senti culpa. A Elisabete era tão bonita, e eu estava já habituado à ideia de vir a gostar sinceramente dos Rolling Stones, mas em algum instante devo ter sido insuficiente. Devia ter mudado para feio ou pouco convincente, surdo ou difícil de ser visto na paisagem da escola.

O Chiquinho estava numa temporada de Proença-a-Nova. Nessas alturas, eu mais à deriva, sentia falta de haver alguém com quem discutir ansiedades. Alguém que, como ele, adquiria seriedade quando lhe pedia segredo.

O sem idioma dos fenómenos

O Chiquinho não debatia comigo a questão da poesia. Julgo que escutava meus adornos vocabulares como uma enfermidade que me acometesse. O seu espírito era engenheiro, vivia sem querer perder tempo, tinha o ar de quem cresceria para um emprego bom, ganhar bem, ter uma casa grande, o melhor dos automóveis. Adorava fórmula 1 e, aquando das competições que a televisão transmitia, fechava-se sem mais aparecer. Não havia nada que acompanhasse com mais fascínio. Eu, por oposição, mantinha atenção a ideias menos concretas e desenvolvia costumes talvez infrutíferos para sondar segredos ao universo. Sentava-me na praia à espera de que alguma resposta viesse na maré. Queria poder escrever o que o mundo estivesse a dizer sem que ninguém se disponibilizasse para ouvir. Eram ainda minhas chantagens a Deus, que poderia escolher-me para a revelação do verso ou, o mais certo, humilhar-me com o sem idioma dos fenómenos.

O oceano move-se sem maturidade para biblioteca alguma. Ou as bibliotecas todas são imaturas se comparadas com o tremendo que o oceano é.

Sem comentar, nunca menORIZOU os poemas, os livros, a esquisitice dos pintores, minhas fragilidades, minhas quietudes, silêncios repentinos, fugas, alegrias tristes, imprecisões, conceitos permissivos, o cuidado com os bichos, a compaixão pelas plantas, a suspeita de que há nos oceanos seres que mergulharam por opção e

cortaram na pele a melhor imitação das guelras. O Chiquinho sabia da inevitabilidade dos sensíveis e dos ansiosos, e sabia de como a arte ia ao encontro da insuficiência. Quando eu lhe dizia que diferíamos na essência, era porque ele estaria pleno com o encontro da mulher amada e eu seguiria pela metade diante da mulher amada. Alguma coisa se estragara dentro de mim para sempre. Se houvesse de completar-me com Deus ou com um poema, era-me quase igual. Por heresia, sentia que seria praticamente a mesma coisa.

Na escola, depois do fracasso perante a Elisabete, uma menina chamada Maria da Luz deixou-me um bilhete a perguntar se eu ainda namorava. A solenidade da palavra parecia solicitar de mim coragem para lhe estar à altura. Por causa deste bilhete, estabeleci que a Elisabete fora a minha primeira namorada. Respondi que não. Acabáramos. No recreio, junto aos grandes caixotes de lixo, lugar raro onde ninguém parava devido aos trágicos odores, a Maria da Luz disse-me que tinha um livro de poemas em casa e perguntou se podíamos ficar juntos. Prometeu: depois, empresto. Era uma rapariga com essa asa imprecisa da poesia. Uma que talvez a soubesse voar, ou apenas mover de modo ínfimo. Considerei irrecusável. Aceitei muito. Demos um beijo nos lábios sem abrir a boca, para proteger a sua honra. Fomos dizer à Cláudia, a colega mais divertida, que estávamos comprometidos. E a Maria da Luz, instantaneamente, explicou: sabes, quero casar aos dezoito anos e ter filhos para crescerem enquanto formos novos. Já estou a fazer o enxoval. Prefiro preparar tudo. Tínhamos, então, doze anos, talvez já treze. Eu não a via como bonita. Queria sobretudo que me emprestasse o livro, uma espécie de melhor futuro, uma espécie de futuro que me fascinava.

Era um poemário do António Ramos Rosa que desentendi da primeira à última palavra. No entanto,

maravilhou-me. Não entender é também fundamental para a paixão. Explícitas ficam as coisas terminadas. O que conserva vida e movimento guarda sua vocação para nenhuma definição rigorosa. O rigor é dos que escolhem detalhes, ao invés da amplitude desmesurada da realidade. O detalhe é uma opção, pode ser a absoluta mentira se medido com a completude. Li os poemas como espreitando para dentro da escuridão, onde ínfimas luzes procuravam sugerir caminho. Estava como furtivo pelos versos, preparado para qualquer tocaia, mas bravo e veloz, pressentindo que o espírito de caça seria a única inteligência válida para o que se apresentava tão fugaz. Por mais detidas que estivessem as palavras na impressão do livro, nada ali se permitia capturar. Eu ia como à pressa, e mais sinuosas e inalcançáveis se tornavam as imagens, que podiam ser sempre outras, sempre outra expressão e outro sentido. Como se o poeta fosse outro poeta de que nem soubéssemos o nome.

Alguma professora soube que lia poemas no recreio, igualzinho a convocar entidades. Pelos cantos, calado, a Maria da Luz a querer mais beijos sem abrir os lábios, e eu a beijar e a garantir que era importante estudarmos o António Ramos Rosa. A professora quis saber o que entendera eu sobre aqueles versos. Respondi: que são importantes. Espero poder lê-los melhor um dia. E a Maria da Luz, orgulhosa, acrescentava: vamos casar quando fizermos dezoito anos. Já tenho o enxoval. Falta-me um aspirador, e a minha mãe também prometeu que me daria uma aparelhagem de som. Mas tenho pratos e copos, talheres e roupa de cama. Tenho muitos lençóis que a minha avó me deu. São de linho. Não ficam velhos. Ficam tradicionais.

O Chiquinho, por seu lado, era da opinião de que eu devia abrir os lábios. Não devia casar sem abrir os lábios primeiro. Dar beijos assim era como dar beijos ao pão

com queijo sem jamais o comer. Não era modo de lanchar, não servia de sustento nem dava felicidade. Tínhamos de ir ver um filme pornográfico para eu entender a diferença entre gostar das pessoas e namorar. Eu sabia muito bem. Estava corrompido de desejo. A questão era que a Maria da Luz não me partira o coração. Na altura, eu queria a Cláudia, que era de cabelo muito preto, pele morena, os olhos nocturnos. Quando corri a contar-lhe do namoro com a outra colega levava a esperança que me propusesse ficar com ela, como se melhorasse o negócio. Como se me levassem a leilão. A Cláudia, de todo o modo, padecia do grave defeito de ser absolutamente apoética. Tinha nenhum livro de poemas em casa, jamais perguntara por minhas palavras preferidas, era ausente da exuberância da imaginação.

Eu não poderia desonrar a Maria da Luz. A única saída seria terminar com ela. Explicar-lhe que não era mais possível casar-se comigo. Na pressa, consciente de que me pressionara demasiado com a ideia de sermos para a vida inteira, entregou-me uma pequena carta que conservo até hoje, com seus erros ortográficos e caligrafia bamba. No exterior do envelope escreveu: valter valter amor carinho love, nós meu teu. E, por dentro, dizia: amor espero que não estejas jangado por o que eu te disse na terça-feira eu quando foi falar contigo não sabia o que estava a dizer estava com a cabeça no ar desculpa-me mesmo que a culpa não seja minha. Mando-te esta cruz está venzida trata bem dela. Continuo a gostar de ti, amo-te adoro-te mando-te muitos beijos deste amor que está neste momento a escrever-te. love amor love luz love valter.

Recomeçámos o namoro, porque enfraqueci perante sua eloquente declaração. Mais tarde, logo depois, frustrada com minha contemplativa forma de adolescência, a Luz ofereceu-me um caderno onde

anotara poemas que fora procurar em livros de algum lugar. Ofereceu-mo e desculpou-se. Julgou garantir minha felicidade daquele jeito, substituindo sua presença pela vastidão dos versos, que eu lia tantas vezes sem convicção de os acabar. Foi seu modo de me dar por vencido em favor da solidão. Um rapaz irresoluto, impossível de resolver.

Alguns meses depois, na primeira página de um novo caderno onde ensaiava meus próprios versos, anotei: «É talvez uma pedra ou talvez uma folha / uma pedra sem sombra uma folha sem sangue», o arranque do poema «A caminho na ausência», do livro *Boca Incompleta*, de António Ramos Rosa. Julgo que seria este o livro pelo qual arrisquei viver um amor eterno com a Maria da Luz. Ela, por ter gostado tanto de mim, ainda me disse: quando fores grande e professor de poemas, estarei sempre orgulhosa de ti.

Caxinas para capital

Havia um porco morto a boiar na água suja da antiga lagoa ao pé do liceu. Espreitávamos empoleirados com cuidado no cimo das rochas e víamos o porco já preto, inchado, morto como uma coisa qualquer. À primeira vista, podia ser só um bocado de madeira oval.

Descemos pelo escavado na terra que levava até à água e levámos um pau comprido com o qual fizemos o porco vir à margem. Na sua boca aberta, alheia, estava uma aranha gorda que fizera teia entre os dentes e uns pêlos grossos que tinha por espécie de bigode. O Chiquinho disse que era uma aranha da água. Nunca comprovaríamos se tais bichos existiam, mas eu pensava mais preocupadamente que a lagoa opaca não tinha fim. O Chiquinho batia com o pau na barriga do porco a ver se ela esvaziava. Eu acautelava-me, porque tinha medo de que a aranha saltasse um metro até à pele descoberta das minhas pernas e me ferrasse para me transformar num mutante degenerativo e para sempre rejeitado pela família. O porco boiava para trás e para diante com lentidão, como se estivesse agarrado por baixo. O Chiquinho dizia que era do lodo. Não se via lodo nenhum nem outra coisa qualquer naquela água, não se via nada. Se tivéssemos coragem, enfiaríamos a mão. A água podia ser só aparente, uma ténue película, porque abaixo daquela ondulação haveria de estar tudo em montes de tralha, como gente e almas penadas aninhadas a olhar para nós. Quis ir embora. Era medricas e cheirava mal e

os mosquitos deviam ter as hepatites todas, as doenças da ferrugem, a diarreia, lombrigas, a miopia e a morte súbita. O Chiquinho era mais robusto e nunca ficava sequer constipado, isso fazia dele um aventureiro muito persistente nas investidas pela vida selvagem. Dizia que o porco teria escorregado e morrido por afogamento. Era burro, devia ser burro, dizia. Quando olhei para o Chiquinho, assim bem olhado com aquela expectativa do medo a apurar-me os sentidos, achei que ele tinha uma picada esquisita na ponta do nariz e gritei. Ele atirou o pau ao meio da lagoa e saltou-me pelos ombros subindo terra acima para longe dali. Levantei-me e subi também, sempre com mais cuidado, porque era clássico desequilibrar-me e raspar os joelhos no chão. Chegados ao topo, ao invés de pensarmos no hospital, pensámos na polícia como se tivéssemos sido roubados ou ofendidos por alguém. Mas, na falta de polícias, fomos dizer ao senhor João, porteiro do ciclo preparatório, que estava um porco morto na lagoa, uma ameaça, monstruoso e perigoso, terrível, demasiado feio, podre e gordo, a aumentar de tamanho e com uma aranha marinheira na boca prestes a saltar um metro, certamente de ferroada venenosa e começadora de outras putrefacções e mudanças mórbidas e dolorosas.

O senhor João fez uma chamada a dizer que estavam ali dois caxineiros a dizer a coisa parva de haver um porco na lagoa. Por sermos caxineiros, não importavam as hepatites, as doenças da ferrugem, a diarreia, as lombrigas, a miopia e nem sequer a terrível morte súbita. E eu protestei dizendo: um dia, as Caxinas ainda haverão de ser a capital, senhor João. Ele, a estardalhar connosco, e para nos ofender, disse que os caxineiros aprendiam muitas coisas com os animais. Eu voltei a gritar: Caxinas para capital. O Chiquinho, que já não estudava naquela escola, gritou: senhor monte de merda à porta. Achei que a partir dali seríamos malcriados para sempre. Doeume

a barriga. O senhor João era bom homem. Confessei ao meu amigo que não queria ser malcriado a menos que estivesse condenado a isso.

Uns dias depois, num sábado ou num domingo, fui sozinho ver se o porco estava na lagoa, talvez mais inchado e mais morto. Sabia que não desceria até à água e nem sequer ficaria muito tempo. Quando lá cheguei, havia um grupo de miúdos a atirar pedras e a barafustar lá para baixo. Na lagoa, a puxar pelos pés do porco de um lado para o outro, estavam dois miúdos caxineiros a nadar naquela porcária como se fosse a piscina municipal. Nadavam à pescador, de um modo desenrascado e trabalhador, capazes de ficarem com uma mão livre e pegarem em coisas na água, atirando-as de um lado para o outro. Diziam: quando chegar aí acima vou-te matar. Era por causa das pedras passando rente e dos risos dos outros que brincavam com as roupas que eles haviam despido.

Com as hepatites e as doenças da ferrugem, mais as diarreias e as lombrigas e a miopia e a morte súbita, a água da lagoa comia os corpos dos miúdos às dentadas. Eu pensava que saíam dali sem pernas e sem rabo e sem mais nada senão as mãos que mantinham no ar e a cabeça a mostrar a expressão alarve com que nadavam. Engoliam água, cuspiam-na, mesmo se o porco morto e inchado houvesse de ser pior do que as coisas das fossas, eles não queriam saber. Estavam a tentar subir-lhe para o lombo, a ver se servia de golfinho. Depois, queriam perfurar-lhe a pele, porque também pensavam que o inchaço haveria de esvaziar. Mas, como caíam dali abaixo, desistiram, subindo à terra por heróis incrivelmente poderosos e salvos. Para minha incredulidade, tinham ainda as pernas.

Pus-me a falar com palavrões, porque agora era mais malcriado e macho do que nunca. Disseram-me para chegar perto, eu cheguei, disse-lhes que seria

certamente perigoso nadar naquela água por causa de ser muito suja. Eles riram-se. Um deles jurou que pescava caranguejos na foz do Ave e os comia vivos. Outro, garantiu que trincava até as ranhosas. Outro, que as ranhosas eram venenosas. Um rapaz disse que não. Alguém explicou que os caranguejos da foz sabiam à fezes que os pescadores faziam borda fora. Depois, um deles começou a dizer que éramos uns burros daquela coisa acabada em alho. Eu voltei a falar palavrões para parecer ainda mais maduro e sobreviver. Um dos miúdos que estivera na água começou a cuspir umas coisas esquisitas e eu pus-me a andar. Inventei que ia a recados da minha mãe. Um dos rapazes chamou-me de menino da mamã e percebi que haveria de ser muito mais difícil passar a ser caxineiro do que me havia parecido.

Quando contei ao Chiquinho que os outros até nadaram com o porco morto, ele não acreditou e ficou zangado. Lembro-me de que uma das coisas mais inexplicáveis no Chiquinho era o modo como dizia trusses ao invés de cuecas. Dizia que usava trusses. Por me deixar ofendido do outro lado da porta, gritei: vai cheirar os trusses, ó orelhudo, tu assim nunca haverás de ser um caxineiro.

As orelhas do Chiquinho eram um bocadinho grandes. Eu, de ser magrinho, ficava com o nariz afiado. Um para cada lado, no entanto, ficávamos tristes. Estivemos assim muito tempo. Até que ele me procurou outra vez, já rindo, e disse: se ficarmos zangados, as Caxinas nunca mais vão ser a capital. E eu respondi: temos de pôr de lado os problemas pessoais e trabalhar em favor da população. Estendeu-me a mão e celebrou: Caxinas para capital. Eu estendi a mão também e respondi: Caxinas para capital.

A senhora empática

Fomos ver um filme pornográfico ao antigo Neiva. Escondi-me atrás do Chiquinho e entrei com apenas treze anos e os olhos esbugalhados de desconfiança.

O filme contava a história de uma senhora rica que precisava de contratar um novo motorista. Ao entrevistar os candidatos, sentia por eles uma grande empatia e acabava por envolver-se intimamente. Eu sempre gostei de histórias de senhoras empáticas, mas, naquela altura, quando pensava que o sexo era uma coisa mais científica e algo vedada ao entendimento dos miúdos, constatar que uma senhora podia divertir-se daquela forma e que, na prática, o sexo era mais atabalhado do que organizado, foi demolidor para as minhas expectativas amorosas e para a ideia de um dia constituir família.

O Chiquinho dizia para eu me calar, e eu perguntava acerca de cada coisa. Era impossível que a senhora tivesse entrevistado três candidatos e que agora fosse entrevistar mais dois ao mesmo tempo. Dois gémeos, se bem me lembro. O Chiquinho, que tinha visto mais filmes daqueles nos bancos do Neiva, ria-se e respondia que a senhora ia para o inferno. Uma senhora tão empática, pensava eu, que paradoxo.

Eu pensava ter uma pila pequena e que os homens do filme tinham todos uma pila pequena e que a senhora vestia tão bem, vivia numa casa tão bonita, que custava a crer não arranjasse um marido, tivesse filhos para os mandar à escola. Na piscina podia divertir-se com os

filhos, pedir à criada uns refrescos e ser simplesmente feliz. Pensava que podia ser feliz, ao invés de viver sozinha com apenas bocados de amor. Ao menos, quando morresse, iria para um bocadinho de céu ou iria um bocadinho para o céu.

A criada, toda de saiotas e aventais, trazia os refrescos aos marmanjos a ser entrevistados e entretinha-se com eles depois de ter percebido que a patroa os facturava também. Era uma trapalhada de corpos e sentimentos, com muita falta de ar e roupas atiradas pelo chão. A casa estava sempre para arrumar.

Subitamente, mudámos para uma fila mais atrás. Quando abriam o primeiro balcão, havia sempre alguém que cuspiam, para não dizer coisa pior, lá de cima para baixo. Dizia-se, por puro preconceito, que eram os caxineiros, como se os caxineiros tivessem paciência para se distraírem de um filme tão apelativo como aquele.

Fomos para uma fila onde cirandava um velho que parecia não saber onde sentar-se. Disse ao Chiquinho que o velho estava a olhar, e o Chiquinho não quis saber, estava demasiado preocupado em seguir o fio à história. Estávamos, é verdade, a torcer por um ou outro candidato. Pensava que aquela confusão ainda havia de ser como uma espécie de escolha que levaria a um casamento e à felicidade. Eu ainda considerava o casamento algo essencial, como fosse um sinónimo para a felicidade. Tinha a mania de pensar na família. Não tirava da cabeça a ideia de que a senhora era filha de alguém, irmã de alguém e que talvez estivesse confusa no caminho a seguir com a vida.

O Chiquinho disse-me que o velho estava a resmungar qualquer coisa. Eu achei que era um velho da polícia e que me ia prender por ter entrado com idade de criança naquela sessão proibidíssima. Estou condenado, pensei mil vezes, a querer ver o filme e a babar e a babar e a

babar sempre. Era preciso dizer que babávamos, porque víamos as pitas e as pilas e as mamas, e líamos os palavrões e era como se fosse um paraíso corrompido. Sentíamos que era uma maravilha complexa, como deviam ser todas as grandes maravilhas.

O velho era um porco que dizia coisas porcas aos miúdos. O Chiquinho começou a pedir para mudarmos para trás e para diante, o que era muito aborrecido e nos fazia perder ínfimas, mas preciosas partes do filme. Vem aí o velho, dizia. E nós fugíamos. Que diz ele, perguntava eu. Porcarias, respondia o Chiquinho. Os caxineiros cuspiam, nós chegávamos para trás, o velho vinha, nós chegávamos para a frente. A dada altura veio o empregado, e o Chiquinho acusou o velho. Eu pus a mão à frente da minha cara de criança, e o empregado foi dar um raspanete ao pedófilo, e o filme acabou. Saímos. Fomos embora em sentido de urgência.

Na rua, a caminho de casa, já escuro e eu meio atarantado, as mulheres estavam todas nuas e os homens eram todos motoristas. Ninguém estava casado. Eu olhava e via pitas, pilas, mamocas, e ouvia palavrões e, mesmo fechando os olhos e tapando os ouvidos, tudo tinha o poder de trespassar-me a pele e manter-se presente diante de mim. Levava no meio das pernas um braço de aço, uma incrível protuberância feita daquilo com que se faziam as naves espaciais, o material mais indestrutível do mundo, capaz de ir à lua e voltar intacto. Se desse com aquilo na cabeça do super-homem, o super-homem morreria. Ia no meio das minhas pernas e, não pesando nada, parecia feito para dominar o meu corpo inteiro e o mundo, mandando em tudo. Era um aço tão evoluído e perfeito que até falava. Dizia comigo que as mulheres estavam nuas e que os homens eram todos motoristas. Mas já não se espantava. Era, por algum instinto ou vida anterior, mais esperto para essas coisas do que eu.

O Chiquinho, todo macho e despachado para as tarefas de machos, nunca explicava como se acalmava depois das idas ao Neiva, que também não foram tantas assim. Chegava a casa a dizer palavras de três ou quatro letras e mergulhava a cabeça debaixo de água fria para não destruir o planeta com a minha visão de raio x ou com a protuberância aberrante da meninice. Metia a cabeça debaixo de água e precisava de uns minutos para que o frio me trouxesse de volta à paulatina e vagarosa realidade.

Quando comecei, um pouco mais tarde, a parar no café Clave de Sol na marginal das Caxinas, percebi que todos os meus amigos tinham passado pelos bancos ansiosos do Cine Neiva e que alguns também se lembravam do velho pedófilo indeciso e daquilo que dizia aos rapazes.

Tão pouca madeira para flutuar os homens

Levantadas as ondas no outono, ainda muitos pescadores se arriscavam em botes para fainas pequenas, por vício ou cuidado maior com a economia da família. Mas o nosso mar não é de passeios na chegada das piores nortadas. Corria muito a notícia do perigo, chegavam as traineiras a mirar com valentia à entrada do antigo porto da Póvoa, que era pequeno e precário, mas assustavam mais os botes, tão pouca madeira para flutuar os homens à rudeza súbita da água. E muitas vezes descíamos ao areal para junto do mulherio que esticava os pescoços por cima das ondas. São fragas, penedos que o mar faz, se caídos aos ombros dos pescadores haveriam de lhes partir os ossos e afogar os pulmões.

As mulheres viam pelas alturas a escuridão das nuvens, a proximidade das chuvas, o vento que levantava, e tomavam lanternas para alumiar ao mar, ligando e desligando para que seus maridos lessem o aviso de regresso. E chamavam em berros desde a praia. Os botes mínimos, distantes, e as vozes tão urgentes conseguiam por vezes escutar-se, e eles também respondiam, e ouvia-se um quase nada, algo fantasmático feito da imprecisão do mar, da tempestade abatendo-se em crescendo sobre nós, do medo. Eram conversas de gritos súbitos, à procura de um silêncio que pudesse servir de melhor suporte para se dizer um nome: Ni, anda. Ni, anda.

Num fim de tarde, gritado por toda a parte o aviso, cheguei ao areal e escutei uma mulher em prantos dizendo à outra que o marido morria. Víamos a cabeça do homem, por vezes um braço que ainda levantava, como se tornava intermitente entre atonar e afundar novamente. Era tão à vista de todos que parecia perto, revoltado a naufragar diante de terra. Os carros a passarem pela marginal, de vez em quando com música a soar janelas fora, e o povo estarecido na rebentação, a chamar pelo Senhor dos Navegantes e pela Senhora de Fátima.

Tive medo. Não suportaria ver um homem morrer, como seria que morresse subindo inteiro às costas da onda que o haveria de deitar à praia. Estava sozinho e, pela primeira vez na vida, uma sensação de pânico começou a dominar-me. As mulheres como enxotando a rebentação, igual a quem enxota uma matilha feroz, mais bravas elas do que o mar, do que o mundo. E eu nem sabia nadar, continuava magro e falível, pasmado e adiado. Recuei para junto do grande muro de pedra que então havia. Depois, subi à marginal e ainda espiei. E alguém dizia que o homem foi a alto-mar. Ia empurrado para longe, fora da terra, para mais fora da terra. E as mesmas mulheres, agora de meio corpo na água, iam caindo e sendo puxadas para trás, a barafustar já sem que eu as pudesse ouvir, tão maior o temporal que se punha, os ventos aterradores das Caxinas em dias de todo o azar.

Na mesma praia onde duas estrangeiras se lembraram de mostrar o peito penavam as almas dos naufragos. A alegria nunca mais seria inocente. Havia uma perturbação no riso, na leveza do gesto, na beleza. Era uma beleza também cruel. Aquilo aumentava a solidão. O medo aumentava a solidão. Essa é a prova de que se morre sempre sozinho. A experiência da morte não se

partilha. Cada um se acomete da sua. Parte ao abandono.

Eram nossos vizinhos os donos de um barco chamado Vem Se Vier. Tão esperadores da misericórdia divina, entregavam assim ao juízo de Deus a vida em cada partida. E a dona Adelaide, asmática e sempre aflita, passava as noites em claro contando qualquer demora. O susto era constante por ter o marido à mercê de tanto acaso. Nessa altura, eu e o Américo, filho da dona Adelaide, víamos as séries dos sábados à tarde, os dias mais felizes, e muito me impressionava o sofrimento da senhora. As pescarias levavam corpos em todos os invernos. Ao aumento das noites, agravada a nortada, iam à escolha os homens para a morte.

O Américo pulsava numa adolescência alegre, mas jurava à boca grande que cresceria para ser diferente. Não se meteria ao mar. O pai, mestre, voltava todas as noites em preces. Todas as noites temiam perdê-lo. Parecia-me, visto assim tão por dentro da família, um destino bruto. Uma maldade em forma de vida.

Quando dobravam os sinos para os funerais, passava a dona Iracema a seguir para o terço e para a missa. Avisava que ia pelas almas. Era importante acudir as almas para que acudissem pela nossa quando houvéssemos de morrer também. E eu fugia da igreja. Não queria ver. Bastavam-me os sinos, como pareciam oscilar iguais às ondas, deitando o mar todo por sobre as Caxinas. Eram tristíssimos os dias. Tantos dos nossos clientes no café se sepultaram. Um dia, até o Zé Niba, que me falava de música, tinha o quarto forrado a pósteres e um gira-discos onde ouvia a Kim Wilde. Não sei que idade teria, talvez tivesse apenas mais dez anos do que eu, o bastante para ser adulto, distinto, sabedor dos mistérios essenciais. Lembro que nos vieram dizer que ficara num naufrágio, e fiquei incrédulo. Quando passava na viela para a ilha onde ele vivia, acreditava

que à força do absurdo da sua morte o próprio Zé Niba se revoltaria e se poria por ali a passar. Se olhasse com muita atenção, ele passaria novamente a viela e sorriria com dois ou três discos na mão para me emprestar, a ver se eu aprendia a gostar de Pink Floyd, bem melhores do que a Kim Wilde, dizia ele. Eu, que já gostava sinceramente dos Rolling Stones, estava convicto de que os Pink Floyd eram música para drogados. O Zé Niba mandava: tu nunca fumes nem te drogues. És muito magrinho para isso, sobretudo nas ideias, só pensas coisas boas. Quem fuma ou se droga anda gordo, tem a mania de ocupar espaço. Não queiras ser assim. Uma vez, eu confessei: não devo chegar a adulto. Devo ter um coração pequenino pendurado nos ossos como um anzol vermelho. E veias finas como as linhas de coser. Nem os órgãos todos. Eu não devo ter dois pulmões ou muitas tripas. Não caberiam. Se eu morrer novinho será apenas normal. E ele respondeu: quando não contares, inchas como os balões. Não vais morrer de novo. Vais morrer de bondade por alguém te querer mal.

Parece um pássaro mas é um pirilampo ou um louva-a-deus

O Chiquinho veio dizer que andaria para Proença-a-Nova sem nunca mais voltar. Eu ocupava a mesa de sempre no café dos meus pais, com meus desenhos e versos, na fantasia e mudez do costume. Perguntou: que é isso, uma águia. E eu respondi: parece um pássaro, mas é um pirilampo ou um louva-a-deus. Conversámos acerca de uma mesma figura poder ser dois bichos tão distintos. Não o sabia explicar. Tanto me valia que não se pudesse explicar. De segundo a segundo, o mesmo desenho era uma coisa e depois outra, intermitente, sem parar.

Nunca mais nos veríamos, pensámos. Cresceríamos e casaríamos sem sabermos como, com quem, abrindo caminho pela incerteza sem consultarmos o juízo um do outro. Não era uma surpresa que ele partisse da nossa terra novamente. Era, contudo, uma invariável prova de sermos também tristes. Mais tristes, por me garantir agora que viria jamais de regresso às Caxinas.

Não tínhamos educação para abraços e bastavam os poemas para delicadezas suspeitas entre nós. Decidimos ir às brincadeiras que conhecíamos. Assombrar as ruas caminhando, em conversas imparáveis e a gostar das raparigas e a desconfiar do que magicavam as pessoas. Riamo-nos. Para cada cidadão propúnhamos um crime e um pecado. Já não éramos crianças e fazíamos cuidado com o que nos interessava. Não haveria de ser nada

muito infantil, pior medo de todos, mas também não haveria de ser nada tão adulto, mais aborrecidas ocupações do mundo. Naquele tempo, calcorreávamos as Caxinas e íamos à Póvoa ver a Rua da Junqueira, onde as raparigas arranjadas poderiam passar interessadas em namorar. Por mais óbvio que assim fosse, nunca nos calhou sedução alguma. Mas o futuro era de um tamanho desmesurado, tínhamos de persistir por uma questão de sanidade mental, pura sobrevivência, intuição ou respeito pelos pais que nos nutriram e vestiram.

Eu e o Chiquinho pensávamos que, se queríamos encontrar o caminho para adultos, namorar e casar, ter filhos e sermos normalmente trabalhadores felizes, precisávamos afinal de estar contra a infância. Assim o aclarámos naquele dia. E ele provava com eloquência o quanto se dispunha a ser adulto, sofisticado de estratégias de maturação nunca vistas e até heroicas. Resignara-se com deixar as nossas praias, mas não abdicaria da vida. Ia como bravo. Eu, por mais que concordasse e garantisse fazer igual, agarrava-me ao que havia sido desde o primeiro instante. Por isso lhe perguntei: contra os poemas. Se for contra os poemas, estarei contra mim.

O meu amigo não confirmou. Também não tinha resposta. Os poemas obrigavam-me a uma fragilidade acarinhada. Mas nunca o colocaríamos assim. Dizer mal dos poemas seria dizer mal de mim, debater a hipótese de estar estragado, ter verdadeiramente uma doença literária, discursiva, uma aberrante obstinação com fortunas imateriais que nunca trariam pão à boca. Era melhor não dizer nada. E eu diferi de todos os rapazes do mundo inteiro quando, sozinho depois, entendi que não poderia escolher a sorte do Chiquinho. Não estava educado o bastante para a normalidade, e meus versos mantinham a infância como um fruto já podre ao qual eu

procurava atribuir ainda sabor, açúcar. Podre, cada vez mais secreto, eu via ainda beleza.

Essa melancolia da perda, a sua aprendizagem, estivera sempre comigo, de um modo ou de outro. Nem que eu morresse aos dezoito anos de idade, proibido de alguma vez votar para escolher o primeiro-ministro, traria imparável pelos cadernos meus brinquedos de sobrevivência, os mais íntimos e fiéis, os mais amplos, generosos, minhas palavras mexendo-se, mudadas nos lugares das frases para dizerem o que nunca haviam previsto dizer e, então, parirem seus significados inteiros. Depositando diante de mim aquilo que jamais parou de faltar.

Se crescer fosse contra mim, cresceria então, demitido de santidade, essa perversão de vigiar a moralidade de todos os meus pensamentos e gestos, convicto apenas da ideia fiel de ser incapaz de tão grande coragem quanto a do Chiquinho. Os poemas eram muito mais do que aquilo que havia no mundo, mas eram também o medo, aceitaria isso. Até que sucumbisse miserável sem casar, sem ter filhos, sem mais amigos, sob a onda que subiria as Caxinas, aninhado numa casa de porta fechada que talvez fosse ao cimo à espera de que alguém de piedade me viesse encontrar.

Valeriam os poemas em vez de tudo. E eu, apenas ostentando o brio de haver protestado contra o pouco da vida e conservando a memória de que, por um tempo, em menino, fui a genuína promessa de uma boa pessoa. Agora, aceitava-me e decidia-me exactamente como um desenho que podia representar intermitentemente um pirilampo ou um louva-a-deus, os dois bichos opostos. O fascínio do primeiro, o susto do segundo e, no entanto, ambos me correspondiam e me podiam definir. A mim, o rapaz escrevendo incauto sua própria infância, certo monstro que atonou à pele outrora perfeita de um menino de candura.

Alguma noite, o meu pai chamou: anda ver o que este homem está a dizer. E era um homem esquisito, que falava com urgência. Eu e o meu pai, disfarçados de sermos muito machos, a desviar o rosto para as paredes vazias, ficámos de olhos em água ao ouvir o Charlie Chaplin. Não parecia nada um ditador. Parecia um poeta. Ou um súbito candeeiro aceso nas palavras. Os meus heróis vão ser estes, pensei. Os improváveis que se levantam humanos contra toda a pressão.

Se não havia modo de crescer para ser um bom homem, coisa que agora entendia muito bem, haveria por todas as forças de conservar a memória de ter sido bom menino um dia. Com meus poemas, palavras pueris que se mexiam lentamente entre outras. Outras palavras mais terríveis, nem por isso inimigas. Contra mim seriam se não as pudesse escrever.

Nota do autor

*Estamos fazendo os ensaios do que será a humanidade.
Nunca houve.*

Milton Santos, em *Encontro com Milton Santos*

A pontuação miúda

Fui levado a um oftalmologista por viver de livros encostados ao nariz, sentar em cima da televisão, dizer que o mundo era feito de clarões e cores. Havia pouco detalhe. Não me faltava nada, julgava eu. Talvez pudesse melhorar leituras, mas acreditava ver perfeitamente as coisas longínquas como eram, postas em suas manchas, feitas pelo tamanho do sol. De dia, tudo se tornava evidente. À noite, só o que era perto e podia ser tocado ganhava sentido. Eu não via as estrelas. Pensava que as estrelas se escondiam dentro de binóculos, telescópios ou aviões depois das nuvens. Existiam como musas de poemas, expressões alquímicas da ordem dos desejos ou das verdades espirituais. Não seria estranho. Levantavam-se a mundos para lá do nosso. Eram impossíveis e estava muito bem que fossem impossíveis. Habituara-me a aceitar limitações, mais ainda porque feitiçava quanto queria com as palavras.

O médico mandou que me fizessem uns óculos de lentes fundidas para medirem com precisão a miopia que me diagnosticava. Esconderia os olhos grandes, as pestanas infinitas, que eram agora o resto daquela minha efémera beleza. Considerei demasiado, muito histérico e alarmista. Até que chegaram os óculos e voltámos à clínica ali atrás da Igreja da Lapa, à entrada da Póvoa. Então, entendi quando pus o pé na rua, revelou-se-me que a generosidade da criação se estendia tremendamente mais vasta. Pasmei perante o detalhe da

lonjura, como podiam ser concretas as coisas também à distância, onde já vinham as pessoas que passaram a ser distintas ao fundo da marginal. Eu pensei que era inacreditável que todos vissem como caminhava alguém tão mais adiante. Para mim, o mundo esgotava-se numa presença de trinta ou quarenta passos. Depois, existia em aberto, igual a um mistério, uma mera probabilidade ou expectativa, como se fosse o detrás dos prédios. Não sabíamos o que ia atrás dos prédios, assim julguei que não poderíamos saber o que ia tão distante na marginal.

A minha infância fora cega de tanta coisa. Afinal, sabia agora, talvez os próprios olhos me tivessem roubado a lembrança do meu avô Alves nas mesas grandes do Natal, talvez me tivessem escondido tantas explicações acerca das tempestades que quase navegavam nossa casa, ou acerca do fundo do corredor onde se revolviam os fantasmas que faziam as madeiras ranger. Eu não sabia sequer das feições exactas das pessoas. Não as encostava ao nariz, como aos livros, nunca lhes lera a pontuação miúda, os bocadinhos que escapavam ao som das palavras, ao tom da voz. De óculos, todas as coisas do mundo se presentificavam como se pela primeira vez. Senti seus cerimoniais, o jeito de se declararem numa honestidade que se tornava retumbante. O mundo vinha junto de mim num cumprimento atónito. Cada poeira se aproximava para me receber na imensidão franca do visível. Que solenidade havia em poder ver daquela maneira.

Mais tarde, entre meus poemas e meus papéis, ponderei se me haveriam de ter fascinado as palavras por me enclausurar numa cegueira discreta, da qual não suspeitara. Talvez as palavras me fossem a nitidez necessária ao pensamento, tão insuficientes se deixavam as evidências.

Hoje, convoco muito o verso de meu amigo Artur do Cruzeiro Seixas que fala na boca que olha. Identifico-me

profundamente com a avidez de olhar assim. Foi por onde comecei, já não tenho como terminar sem usar as palavras para meu aflito talento de observar. Inclusive, educando o grito, essa ansiedade que rejeito. Mantermo-nos sempre aquém do grito, no território auscultador de sentidos, é a lucidez possível de um poeta. A vitória desejável, ao menos, a desejável para o tempo de sobreviver. Quem sabe, à morte, tudo vira entropia e perdure apenas pela nota aguda de um tenor, de um soprano, de alguém que pressentimos no silêncio quando começamos a leitura. Talvez, então, estejamos reduzidos ao absurdo. Mas não agora. Não agora.

Contra mim

Escrevi algures que o exercício de memória é um esforço de companhia. Se o meu sentimento de solidão é profundo, existencial, colijo quanto posso para me convencer de que não passo pela vida ao abandono. De todo o modo, a minha relação com o ofício de lembrar é sobretudo emotiva. Lembro confusamente as datas e os nomes, mas muito claramente as situações e as palavras. Aquilo que sei de mim é feito do que serve ao poema e da impressão rotunda do fascínio e do susto.

Passei cerca de quinze anos a anotar estes textos sem muito destino, abeirando-me de cada um lentamente como quem regressava a uma casa. Não podia fazê-lo sem lidar com o medo e com a esperança. Escrever sobre mim, depois de afirmar claramente que a minha vida não daria um livro, era afinal tão irresistível quanto necessário para cumprir a tarefa de me rever e ajustar. Não para garantir que melhoraria, à promessa de menino ou à comoção repetida, mas para chegar mais próximo de me suportar e, essencialmente, suportar a contingente distância a que estão os outros e a incapacidade de nos comunicarmos e entendermos.

Não sou mais o menino de belíssimas intenções que fui, essa criança de uma pureza que me inspira, mas quero muito ser ao menos a memória dela. Repeti mil vezes que já não sou boa pessoa, mas quero muito ser a memória de uma boa pessoa. Vai já dito no corpo do livro, perdura na carne. Isso será companhia. Nunca

estarei absolutamente derrotado na convicção de que existir é um convite à ternura, ao cuidado, ao outro.

Recordo esta criança como alguém que me morreu. Sou seu túmulo, existe dentro de mim, como o meu irmão Casimiro e já o meu pai, pode ser que sua vocação seja a de ressuscitar. No sonho, como nos livros, é fácil crescer pessegueiros e rostos novamente vivos e não há razão para sonharmos pequeno ou escrevermos o que nos desimporta. Também nunca serviriam os poemas para diminuir, sua natureza é a de aumentar.

Em tantas ocasiões me ocorre a infância como contra mim. Somos a frente e o verso de uma mesma matéria e conflituamos, porque nos queremos imiscuir. Uma acusação na ressonância daquela promessa primeira de ser o melhor possível. E repenso a ideia de curar a infância, coisa que só se poderá fazer, afinal, à distância, salvos o bastante para que a observemos sem obrigação de lhe corresponder e arriscar sucumbir. Salvos o bastante para lhe sermos mais fortes e podermos lembrar sem rancor ou necessidade de regresso, mudando algo, protestando, confrontando nossos pequenos e grandes predadores.

A saudade não é imediatamente essa vontade de regresso. Esta saudade é sobretudo a oportunidade de filtrar, perante outra coragem, o que nos define, o que nos domina e aquilo que passamos a dominar. Esta saudade é bravura e serve inteira para apaziguar o presente e magnificar o futuro. Julgo que por este motivo me abeirei destes textos, publicando-os ou expondo-os em eventos como se paulatinamente corrigisse o quanto queria de mim mesmo. E foi sempre valioso o retorno dos leitores que, criando maior ou menor identificação, concluía invariavelmente que o nosso encontro estabelecido pelas medidas da infância poderia ser o mais desarmante jeito de entendimento. Aquele que propunha maior benignidade, a mais cristalina boa-fé. Se

nos admitirmos à limpidez típica das crianças no instante em que nos conhecemos, talvez possamos debelar metade dos males, educados para a compaixão essencial como todas as crianças estão. Todas as crianças são uma escola ainda livre da humanidade, aquela promessa intensa de poeta à solta, como diria com encanto Agostinho da Silva.

Beleza e poemas

Hoje, ao coligir estes textos que começaram por ser severamente dispersos, por vezes repetindo episódios para algum enquadramento de plateias diferentes, procurei regular certa temperatura para que não pareçam esboços de livros distintos. A minha intenção é a de os deixar enxutos de modo a serem lidos com a mesma lógica com que se leria um certo romance. Todas as vidas, afinal, são imitação de um romance. Imitam um livro.

O percurso pela minha vida até ao fim da adolescência, em parte, é esta verdade, com sua estranheza e esforço. Escolhido aquilo que me atrai agora, que me merece atenção, perturba ou se me torna inelutável.

Descobri que antes me enganara em tantos detalhes. Rectifiquei o que pude e soube. Mas também me agrada o equívoco e esse esplendor de mais imaginarmos do que sabermos, e isso, em si, ser já real o bastante para nos apontar caminho e definir. Vale a pena. O modo como somos autores da verdade também vale a pena. Foi como medrei e me reconheci, esperando pelas palavras e inventando as palavras pelas quais não conseguia mais esperar. Em certo sentido, nunca me faltou nada. No lugar do que não havia, não chegava, não se explicava, era insuportável silêncio, coloquei sempre uma palavra. Ainda hoje o faço. Não é jeito de mentir. É jeito de acreditar por um viés diferente. Um que

me justifica sobreviver e, já sem surpresa, gostar muito de sobreviver.

Não previa que este se tornasse um livro importante para mim, porque o passado era uma inscrição profunda que julguei não perigar de modo algum e servir menos. Mas enganei-me. A reconstrução de cada episódio, ainda assim deixando algum sentido fragmentário nos textos, que são verdadeiramente notas que esporadicamente tomei, teve um impacto inusitado. A meditação suscitada pela escrita oferece nitidez aos instantes onde preponderam as decisões mais endêmicas e modeladoras de todas. A observação nítida desses acontecimentos, exposta a emoção que os acompanhou, é, ao menos para mim, que sou o objecto inventado por esta infância, algo de valor incalculável. Como se a despesa emotiva em que me tornei pudesse verificar nas suas contas o momento da encomenda para certo gasto, para meus compromissos ou convicções.

Num ano introspectivo, em que todos nos vimos a medo e tantos padeceram ou não resistiram, convidados a uma heroicidade que passou muito por resistir à solidão, suportar nossas próprias consciências no bocadinho de nossas casas e famílias, acabou sendo perfeito regressar a estes fragmentos, exactamente como regressar a mim sem maior desejo do que aquele de encontrar a motivação mais antiga: a de que ainda haverá beleza. Nem que cresçamos sem casar. Ainda haverá beleza e poemas. Em todas as clausuras e adiamentos se colhem poemas.

Começo a contagem para completar cinquenta anos de idade, quarenta anos de Caxinas, que se tornou, sim, a Capital, e vinte e cinco anos de livros publicados. E ainda sigo grato. Só se perdesse a vontade de agradecer me sentiria derrotado. Por isso, minha solidão é festiva. Não impede que também eu, um pouco, viva em junho. Escrevo junho e setembro solta o São João, a primavera

terminando, algum insecto de luz própria que ainda se insinua a competir com os dois candeeiros pequenos que acendo quando escrevo. Escrevo junho e é Paços de Ferreira junto da minha vizinhança mais rigorosa, o Brasil. E estão as minhas pessoas todas reunidas, com rostos mais ou menos definidos, cheias de conversas guardadas para mim. No alarido dos textos, porque nenhuma palavra evita o sobressalto, há uma completude que talvez só aconteça a quem crê. Que fortuna a de poder redobrar os sentidos, multiplicar tudo pelo infinito, através da arte, virtude de se ser ou tornar humano.

VALTER HUGO MÃE é um dos mais destacados autores portugueses da atualidade. Sua obra está traduzida em muitas línguas, com um prestigiado acolhimento em países como Alemanha, Espanha, França e Croácia. Pela Biblioteca Azul, publicou os romances *o nosso reino, o apocalipse dos trabalhadores, a máquina de fazer espanhóis* (Grande Prêmio Portugal Telecom de Melhor Livro do Ano e Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do Ano), *o remorso de baltazar serapião* (Prêmio Literário José Saramago), *O filho de mil homens, A desumanização* e *Homens imprudentemente poéticos*. Escreveu livros para todas as idades, entre os quais: *O paraíso são outros, As mais belas coisas do mundo* e *Contos de cães e maus lobos*, também publicados pela Biblioteca Azul. Sua poesia foi reunida no volume *Publicação da mortalidade*. Outras informações sobre o autor podem ser encontradas em sua página oficial no Facebook.

© 2020 Valter Hugo Mãe, publicado por acordo com a Porto Editora, The Ella Sher Literary Agency e a Villas-Boas & Moss Agência e Consultoria Literária Ltda.

© 2020, by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Por decisão do autor, esta edição mantém a grafia do texto original e não segue o Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995). Este livro não pode ser vendido em Portugal.

EDITOR-RESPONSÁVEL Lucas de Sena Lima

ASSISTENTE EDITORIAL Jaciara Lima

REVISÃO Juarez Donizeti Ambires e Renan Castro

PROJETO GRÁFICO E CAPA Bloco Gráfico

IMAGEM DE CAPA Adriana Varejão; detalhe de *Celacanto Provoca Maremoto*, 2004-2008. Óleo e gesso sobre tela; instalação composta por 184 telas (110 × 110 cm cada). Foto: Eduardo Eckenfels.

PRODUÇÃO E REVISÃO DO E-BOOK Marina Pastore

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M16c

Mãe, Valter Hugo [1971-]

Contra mim: Valter Hugo Mãe

[ilustração Adriana Varejão]

1ª ed.

Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020

256 pp.

ISBN 978-65-5830-030-4

1. Mãe, Valter Hugo, 1971-.

2. Escritores portugueses – Biografia.

I. Varejão, Adriana. II. Título.

20-67294

CDD: 928.69

CDU: 929:821.134.3

Bibliotecária – Meri Gleice Rodrigues de Souza CRB-7/6439

1ª edição, Editora Globo, 2020

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil adquiridos
por Editora Globo s.a.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
www.globolivros.com.br

